



REVISTA
[●●●]
TRÊS PONTOS

**CENTRO ACADÊMICO
DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DA UFMG**

ISSN: 1808-169X

ANO 18. N. 2

JAN/AGO 2024

e-ISSN: 2525-4693

UFMG

Universidade
Federal de
Minas Gerais

[EDITORIAL]

É com imenso prazer que apresentamos a edição especial número 18, volume 2, da Revista Três Pontos. Intitulado "As Sobrinhas de Zora Hurston", este dossiê origina-se dos trabalhos desenvolvidos na disciplina "Introdução ao pensamento da antropóloga negra Zora Neale Hurston", ofertada no segundo semestre de 2023 pelo Departamento de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Zora Neale Hurston, com sua capacidade única de capturar as nuances da cultura afro-americana e caribenha, deixou marcas profundas na antropologia, literatura e estudos culturais. Sua obra, muitas vezes subestimada em vida, ressurge hoje com ainda mais força, inspirando novas gerações a repensarem as complexidades das identidades raciais, culturais e de gênero. Este dossiê é muito mais do que uma coletânea de textos – é uma celebração do legado de Hurston e um reflexo do impacto duradouro de sua obra nas humanidades e Ciências Sociais.

Nesta edição contamos com artigos, ensaios, relatos de experiência, entrevista e, para além dos textos acadêmicos, materiais didáticos desenvolvidos durante a disciplina estarão disponíveis para download no site e nas redes sociais da Revista Três Pontos, visando difundir ainda mais a obra de Hurston e chegar a um público mais amplo. Cada contribuição busca não apenas homenagear seu legado, mas também provocar reflexões. A diversidade das abordagens apresentadas aqui enriquece o diálogo acadêmico e amplia a compreensão do impacto de Hurston e de seus herdeiros de pensamento e luta por uma visão mais ampla e diversa da experiência humana.

Gostaríamos de expressar nossa gratidão a todos os colaboradores, professores, estudantes, revisores e pareceristas que dedicaram seu tempo e conhecimento para a realização deste dossiê. Que "As Sobrinhas de Zora Hurston" inspire pesquisas, contestações, criações e debates, fortalecendo o reconhecimento de sua contribuição inestimável. Assim, convido nossos leitores a mergulharem nas páginas seguintes, começando pela apresentação elaborada pelos proponentes da edição, o professor Ruben Caixeta de Queiroz e as discentes do Programa de Pós-Graduação em Antropologia: Rafaela Rodrigues de Paula, Steffane Pereira Santos e Nicole Faria Batista.

Desejo a todos uma excelente experiência de leitura!

Com entusiasmo,

Amanda Sena Peixoto

Editora-executiva da Revista Três Pontos

A REVISTA TRÊS [...] PONTOS, vinculada ao Centro Acadêmico de Ciências Sociais da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), é um periódico semestral, disponível em formatos impresso e digital, criado em 2004. Destinada a estimular a produção e a divulgação de conhecimentos científicos por graduandos(as) e recém-graduados(as), a Revista é uma iniciativa de estudantes da graduação da UFMG para promover o debate teórico e empírico sobre temas de interesse das Ciências Sociais.

Com abrangência ampla e plural no que diz respeito a posições científicas e político-ideológicas, são publicados artigos, ensaios, resenhas, relatos de experiência e entrevistas em língua portuguesa, advindos do curso de Ciências Sociais, ou cursos correlatos, de qualquer instituição universitária credenciada do Brasil ou exterior, reiterando, assim, a importância de diferentes perspectivas sobre temas compartilhados com outras áreas do conhecimento.

A equipe editorial, composta exclusivamente por graduandos(as) da UFMG, trabalha comprometida com a promoção da ciência aberta e de forma totalmente voluntária para a editoração deste periódico.

EXPEDIENTE REDAÇÃO

REVISTA TRÊS [...] PONTOS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Federal de Minas Gerais
Avenida Presidente Antônio Carlos, 6627. FAFICH/UFMG.
Pampulha - CEP 31270-901. Belo Horizonte-MG.
revistatrespontos@fafich.ufmg.br
revistatrespontos@gmail.com
<https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistatrespontos>

EDITORIA-EXECUTIVA

Amanda Sena Peixoto (Discente - UFMG)

EDITORIA-ADJUNTA

Laís de Andrade Grandi Salgado (Discente - UFMG)

CONSELHO EDITORIAL

Profa. Ana Lúcia Modesto (DSO - UFMG)
Prof. Carlos Ranulfo Félix de Melo (DCP - UFMG)
Prof. Eduardo Viana Vargas (DAA - UFMG)
Profa. Érica Renata de Souza (DAA - UFMG)
Profa. Marlise Matos (DCP - UFMG)
Prof. Renarde Freire Nobre (DSO - UFMG)
Aline Barcelos Pereira (Discente - UFMG)
Anaís Rodrigues Somarriba (Discente - UFMG)
Drielly Assunção Costa (Discente - UFMG)
Emanuel Henrique Ferreira de Moraes (Discente - UFMG)
Helena Palhares Zschaber Lages (Discente - UFMG)
Júlia Batista Cezar (Discente - UFMG)
Lucas Moreira da Silva (Discente - UFMG)
Maria Luiza Zeferino Pereira (Discente - UFMG)
Mariana Fonseca de Castro Moraes Martins (Discente - UFMG)
Mariana Pesce Ribeiro (Discente - UFMG)
Marina Fernandes Cassimiro (Discente - UFMG)
Marina Paixão Rodrigues de Lima (Discente - UFMG)
Rony Michel Braga Sampaio (Discente - UFMG)

CONSELHO CONSULTIVO

Prof. Carlos Pereira (University of Michigan/EUA)
Prof. Cícero Araújo (USP)
Prof. Fábio Wanderley Reis (UFMG)
Prof. Gustavo Lins Ribeiro (UnB)
Prof. Ivan Domingues (UFMG)
Prof. Leonardo Avritzer (UFMG)
Prof. Marcelo Medeiros (Princeton University/EUA)
Prof. Marcel de Lima Santos (UFMG)
Profa. Mariza Corrêa (Unicamp)
Profa. Neuma Aguiar (UFMG)
Profa. Solange Simões (University of Michigan/EUA)

PROPONENTES DO DOSSIÊ

Ruben Caixeta de Queiroz (DAA - UFMG)
Rafaela Rodrigues de Paula (Discente - PPGAn - UFMG)
Steffane Pereira Santos (Discente - PPGAn - UFMG)
Nicole Faria Batista (Discente - PPGAn - UFMG)

COLABORADORES

Prof. Denise Ferreira da Costa Cruz (UFC-Unilab)
Prof. Ruben Caixeta de Queiroz (DAA - UFMG)
Amanda do Carmo Ribeiro (Discente - UFMG)
Amanda Figueiredo (Discente - UFMG)
Beatriz Natiele dos Reis Sabino (Discente - UFMG)
Bruna Dias Teixeira (Discente - UFMG)
Eco Ian Lofego Silveira (Discente - UFMG)
Fabiany Silva Ferreira dos Santos (Discente - UFMG)
Gleiciara Rosana da Silva (Discente - UFMG)
Guilherme Henrique Silva Santos (Discente - UFMG)
Johnny Vinicius Freitas (Discente - UFMG)
Joyce de Souza Marrocos (Discente - UFMG)
Lavinia Botelho e Brito (Discente - UFMG)
Luana Rodrigues Nascimento (Discente - UFMG)
Nicole Faria Batista (Discente - PPGAn - UFMG)
Pedro Lima Martins de Souza (Discente - UFMG)
Rafaela Rodrigues de Paula (Discente - PPGAn - UFMG)
Sofia Maria do Carmo Nicolau (Discente - PPGS - USP)
Steffane Pereira Santos (Discente - PPGAn - UFMG)
Thamyres da Silva Pacheco (Discente - UFMG)
Sônia Antônia dos Santos Magalhães (Discente - UFMG)
Gabriela de Brito Santos (Discente - UFMG)

REVISÃO TEXTUAL	Sofia Laura Rocha Silva (Discente – UFMG) Thaíssa Vitória Neves de Abreu (Discente – UFMG) Yuri Ferreira Fonseca (Discente – UFMG)
INDEXAÇÃO	Camila Pires Ribeiro (Discente – UFMG) Thaíssa Lages do Carmo (Discente – UFMG)
GESTÃO DE INFORMAÇÕES E DOCUMENTAÇÃO	Júlia Maria Jardim Diniz (Discente – UFMG)
ANÁLISE DE DADOS E PUBLICAÇÃO	Helena Diniz Faria (Discente – UFMG)
DESIGN	Diana Reis Massensini (Discente – UFMG) Patrícia Gomes Pelizari (Discente – UFMG) Sofia Silveira Rodrigues (Discente – UFMG)
PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO	Patrícia Gomes Pelizari (Discente – UFMG)
IMAGEM DE CAPA	Amanda Sena Peixoto (Discente – UFMG)
FICHA CATALOGRÁFICA	Biblioteca Fafich – UFMG
CIRCULAÇÃO	Agosto de 2024.
INDEXAÇÃO	Portal de Periódicos da CAPES, Sistema de Bibliotecas UFMG, Portal de Periódicos da UFMG, Diadorim, Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal (RCAAP), Google Acadêmico, Latindex e MIGUILIM.
QUALIS/CAPEs	B3 para Antropologia/Arqueologia; B3 para Ciência Política e Relações Internacionais; B3 para Educação; B3 para Sociologia (Quadriênio 2017-2020).

OS CONCEITOS EMITIDOS EM ARTIGOS, ENSAIOS, RESENHAS, RELATOS DE EXPERIÊNCIA E ENTREVISTAS ASSINADOS SÃO DE ABSOLUTA E EXCLUSIVA RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES(AS). TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. OS TRABALHOS PUBLICADOS NA REVISTA PODERÃO SER REPRODUZIDOS, DESDE QUE CITADOS O AUTOR E A FONTE.

Revista Três Pontos: revista do Centro Acadêmico de Ciências Sociais / Centro Acadêmico de Ciências Sociais. ____ Ano 18, n. 2 (jan./ago. 2024)– ____ Belo Horizonte: Centro Acadêmico de Ciências Sociais / UFMG, 2024–

V. : il., color. ; 30,5 cm.

Semestral.
Descrição baseada em: Ano 18, n. 2 (jan./ago. de 2024).
Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistatrespontos>
ISSN versão impressa: 1808-169X
e-ISSN versão digital: 2525-4693

1. Teoria social – Periódicos 2. Ciência Política – Periódicos. 3. Sociologia e Antropologia – Periódicos.
I. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Centro Acadêmico de Ciências Sociais. III. Título.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÕES

9

[RE]FAZER ANTROPOLOGIA COM ZORA NEALE HURSTON

Nicole Faria Batista, Rafaela Rodrigues de Paula
Ruben Caixeta de Queiroz, Steffane Pereira Santos

17

Retomadas a Zora Neale Hurston

Amanda do Carmo Ribeiro, Amanda Figueiredo, Bruna Dias Teixeira
Eco Ian Lofego Silveira, Johnny Vinicius Freitas, Pedro Lima Martins de Souza
Sofia Maria do Carmo Nicolau, Steffane Pereira Santos

ARTIGOS

24

Sobrinhas de Zora e o Epistemicídio Precoce como política de segregação na UFMG: Relato de uma
aluna não binária
Guilherme Henrique Silva Santos

32

Solidões que perpassam a pessoa negra no espaço universitário: Perspectivas e experiências de
estudantes negras à luz do pensamento de Zora Neale Hurston
Joyce de Souza Marrocos, Thamyres da Silva Pacheco

38

“Mas eu não sou tragicamente uma pessoa de cor”: reflexões sobre identidade e relações de poder
no pensamento de Zora Neale Hurston
Pedro Lima Martins de Souza

42

Carta (para) sobre ês necessidades
Luana Rodrigues Nascimento

47

Zora, Tereza e Beyoncé: é um prazer desfrutar dessas companhias!
Gleiciara Rosana da Silva

55

Reflexões sobre representações da branquitude na imaginação negra dialogando entre Zora
Hurston, bell hooks e Toni Morrison
Amanda do Carmo Ribeiro

RELATOS

61

Pensando imagem, fala e escrita como expressões etnográficas através de Zora Neale Hurston
Lavinia Botelho e Brito

65

Cultivando os jardins de nossos ancestrais: rememorando a ancestralidade para autorrecuperar
e autodefinir
Bruna Dias Teixeira

ENTREVISTA

73

Nossos olhares, corporalidades e presença na Antropologia: Denise da Costa
Denise da Costa, Beatriz Natiele dos Reis Sabino, Luana Rodrigues Nascimento
Rafaela Rodrigues de Paula, Steffane Pereira Santos

79

Colagens: As Sobrinhas de Zora Hurston
Beatriz e Natiele

86

Posfácio
Denise da Costa

87

Crédito as ilustrações

88

Nominata



Sou o sonho mais insubmisso dos meus ancestrais

Envergo e não quebro
não arrego
não arredo o pé
titubeio mas não caio
e se caio
caio em pé
ginga necessária para aprender
um corpo capoeira
num mundo feito
para interferir no meu caminho de mulher
se pequeno sou
maior a Deusa Preta desse legado
escuta
escuta comigo o chamado
sei que a paz é branca
a pureza do mundo insustentável
mas escuta comigo o chamado
é esse corpo pra revolução convocando
nesse corpo encruzilhada
muitos são os caminhos
na memória do que só sinto, escuto:
Honre seus mortos, siga em frente e permaneça vivo!
pois os buracos da máscara de Anastácia
ressoam até hoje as mesmas vozes
por desejo de liberdade
pois o meu corpo pode ser que até envergue
mas se cai
outras mil nascerão de pé
e na memória de outras vidas
uma só palavra de mensagem
Coragem, vai, coragem!

(ELISA, Julia. Terra sobre as unhas, 2023)

Nicole Faria Batista

Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (PPGAN-UFGM). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PPGCOM) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFGM), com pesquisa sobre cinema, memória e relações étnico raciais. Possui graduação em Ciências Sociais (Licenciatura e Bacharel), também pela UFGM. Desenvolveu pesquisas na área de Antropologia e Educação, através de iniciações científicas e trabalho com a Formação Intercultural de Educadores Indígenas e na Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFGM. No campo da educação já atuou como professora do ensino básico e na organização de cursos livres. Atua profissionalmente com comunidades tradicionais, como consultora e analista no registro, identificação e salvaguarda do patrimônio cultural imaterial, além de realizar diagnósticos socioeconômicos e socioambientais. Atualmente é Gerente de Patrimônio Cultural Imaterial do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA-MG).

Contato

nicfariab@gmail.com

Rafaela Rodrigues de Paula

Doutoranda em Antropologia So-

[RE]FAZER ANTROPOLOGIA COM ZORA NEALE HURSTON

Entre os sonhos no onírico e os sonhos reais

"Mas no principal, me sinto como uma mala de miscelânea marrom apoiada contra uma parede. Contra uma parede na companhia de outras malas, brancas, vermelhas e amarelas. Derrame fora o conteúdo e se tem descoberto um amontoado de pequenas coisas inestimáveis e valiosas. Um diamante precioso, um carretel vazio, um pouco de vidro quebrado, comprimidos de corda, a chave para uma porta que há muito tempo desmoronou, uma lâmina de faca enferrujada, sapatos velhos salvos para uma estrada que nunca foi nem nunca vai ser, uma unha dobrada pelo peso de coisas muito pesadas para unhas, uma ou duas flores secas, ainda um pouco perfumadas."

Zora Neale Hurston - Como eu me sinto uma pessoa de cor (2021:1928)

Início com tal trecho do texto *Como eu me sinto uma pessoa de cor* (2021) de Zora Neale Hurston, uma vez que acredito que esse sintetiza os sentimentos e sensações que me perpassaram e por vezes ainda perpassam dentro da universidade e da produção do conhecimento. Acredito ser um "ponta pé" ideal para relatar o que foi a disciplina "Introdução ao pensamento da antropóloga negra Zora Neale Hurston", que resultou nos trabalhos apresentados neste dossiê.

Se me permitem, caros/as leitores/as, eu, Rafaela, uma das autoras do presente texto, irei fazer uma digressão que parte da minha trajetória, mas que representa a trajetória de muitos/as, para chegarmos até a confecção deste dossiê. Desde os meus dezoito anos de idade, quando cheguei à Universidade Federal de Minas Gerais (UFGM), especificamente na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, no curso de Ciências Sociais; eu me sentia como uma "mala", carregava todas as minhas histórias e trajetórias de vida até ali e, ao chegar em uma cidade e universidade nova, me deparei com uma parede branca – diria até que com várias paredes brancas – e me vi ali encostada, como a metáfora de Zora: "uma mala de miscelânea, de conhecimento, sonhos, marrom, preta, encostada em muitas paredes brancas" (Hurston, 2021a). Paredes brancas que não estavam lá pra mim encostar; pelo contrário, por vezes sentia que eu nem deveria encostá-las e aqui eu posso continuar com essas metáforas infinitas do que seriam as paredes brancas que me deparei – "sem dar nomes aos bois", como diria minha mãe –, mas obviamente estamos aqui para dar nomes a essas paredes.

Eu tenho a sensação de que a esperança por caminhos mais livres sempre me ronda. Quando entrei na graduação, pensava "daqui em diante vai ser lindo", e logo começaram as primeiras dificuldades: na prática, que era a dimensão financeira, estar numa universidade pública na capital de um estado que era e é extremamente caro. Se não fosse as muitas assistências estudantis

financeiras que acessei, eu jamais estaria neste momento escrevendo o presente texto. De semelhante maneira na pós-graduação, pensando ter superado as dificuldades da graduação, pensava que o caminho fosse mais tranquilo, mas novamente questões financeiras angustiavam toda a felicidade de estar no mestrado, o que também de alguma forma foi "resolvido" com financiamento das bolsas de pesquisas. Mas a sensação de ainda estar cercada por diversas paredes brancas ainda colocava empecilhos para além do financeiro. E, por vezes, sinto que demorei a perceber que era a grande parede branca da produção do conhecimento que permanecia na pós-graduação, talvez agora até mais robusta.

Lembro dessas sensações me perpassando, durante a aula da disciplina de Antropologia Clássica, disciplina obrigatória do curso do mestrado em Antropologia, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Nesse dia, nada coincidente, durante a aula sobre a vida e obra de Zora Neale Hurston, estava eu, aos meus vinte e dois anos, uma estudante negra, cotista, dentro de sala de pós-graduação, única estudante negra da sala (tinha apenas um estudante homem negro), durante a aula toda eu pensava: "Meu deus, se eu me sinto solitária nesse espaço, pensando se eu realmente deveria estar aqui dentro, imagina o que Zora sentia a sua época, cercada de brancões", e por vezes me perdia em diversos pensamentos pessimistas, conversava em pensamentos com Zora, tentando dizer que nada tinha mudado para nós antropólogas negras. E, felizmente, eu estava, pelo menos em partes, enganada!

Estava em partes enganada, uma vez que o simples fato de ter o conhecimento de Zora dentro de uma sala de aula da pós-graduação sendo lido e debatido pelos estudantes já era uma evidência considerável que existiam mudanças, ainda que a passos lentos, sendo realizadas no espaço das universidades e da produção de conhecimento. Eu mesma fui conhecer Zora através de uma conversa com uma amiga do Coletivo Retomadas Epistemológicas e só fui lê-la posteriormente em um curso de Extensão online e gratuito, oferecido durante o período da pandemia do Covid-19 (2021) pelos professores Messias Basques e Denise Cruz –atividade vinculada ao Grupo de Estudos Africanos e Epistemologias do Sul, do Colegiado de Antropologia da Unilab, campus dos Palmares. Ainda que o conhecimento e leitura da autora tenha sido em espaços vinculados às universidades, não foi dentro das salas de aulas da graduação de Ciências Sociais que conheci Zora. E, como gosto sempre de pensar com Steffane, outra autora do presente texto e companheira de graduação, como teria sido importante ter visto Zora nas primeiras aulas de Antropologia, como teria sido importante para nós estudantes negras com dezoito anos ter visto a possibilidade de alguém semelhante a nós ali na história daquela disciplina que de início nos parecia tão distante.

Por isso que acredito e associo tal digressão para contar do meu ímpeto no final da aula da disciplina da pós, já em 2022, em dizer ao professor Ruben, carinhosamente chamado de Rubinho: "Rubinho, eu quero ver Zora na graduação, ein?!", e essa pequena frase, que carrega da mais simples "cobrança" à uma provocação, suscitou a contraposta feita pelo professor Ruben de oferecermos juntos a disciplina sobre Zora para graduação; e, como bem diz as letras da canção *Prélúdio*, de Raul Seixas: "Sonho que se sonha só/ É só um sonho que se sonha só/ Mas sonho que se sonha junto é realidade". Steffane, que antes já tínhamos oferecido juntas um minicurso sobre Zora em um evento do Programa de Educação Tutorial de Ciências Sociais (PET-CS/UFMG)¹, entrou para a construção dessa disciplina, e Nicole, que se dedica a pensar a história e produção de Zora em suas pesquisas de doutorado, completou o "time" da disciplina.

Acredito ser importante ressaltar que essa provocação dita por mim, Rafaela, carregava toda uma coletividade que me ensinou e educou ao longo de toda minha formação, desde as longas conversas com amigos/as negros/as da Ciências Sociais e nossas angústias compartilhadas da graduação por não ter autores negros no currículo do curso, como também o Coletivo Retomadas Epistemológicas, anteriormente citado; são esses espaços de aprendizado que também tornou possível a disciplina de Zora na graduação. Não é, jamais, e simplesmente, parte de uma inspiração individual, mas sim de uma luta que é coletiva, a qual é atrelada ao espaço de uma escuta cuidadosa e atenta do professor Rubinho, que do seu lugar como um professor que poderia dar esse espaço e oportunidade da disciplina, se apoderou dessa provocação coletiva e construiu conosco esta linda disciplina no ano de 2023.

Essa provocação surtiu efeito sobre mim, me arrebatou como nunca durante um já longo período de formação e docência em Antropologia. Desde meus tempos de graduação na UFMG e mestrado na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), nos idos da década de 1980 e início de 1990, nunca tinha lido ou ouvido falar de Zora Hurston. E, portanto, ela tinha sido, nada mais nada menos, aluna de Franz Boas, contemporânea de Ruth Benedict e Margaret Mead. Ela tinha feito pesquisas etnográficas muito rigorosas sobre o folclore afro-americano no norte da Flórida e sobre as práticas e os rituais do Voodoo no Haiti e na Jamaica (Hurston, 2008a; 2008b). É verdade, ela criou um tanto de outras formas literárias fora dos padrões e das caixinhas acadêmicas, escreveu peças de teatro, realizou filmes. Mais do que isso, antes do auge do movimento pós-moderno na Antropologia, na década de 1980, muito antes disso, Zora Hurston já tinha experimentado estilos de escrita inovadores e "ficções persuasivas", como no seu livro *Barracon*, cuja escrita foi concluída em 1931, mas só publicada em inglês em 2018, e traduzido para português como *Olualê Kossola: as palavras do*

último homem negro escravizado em 2021.

Ou seja, Zora Hurston poderia ter sido lida como uma antropóloga clássica, contemporânea ou *avant la lettre*. Mas não foi. Foi invisibilizada na história da disciplina! Por quê, por quem? Quando, em 2022, fui provocado ou chamado por Rafaela para ofertar um curso sobre Zora Hurston, no contexto de uma disciplina de teoria antropológica clássica, isso me tocou e desafiou. Como eu, um homem branco, poderia falar de uma antropóloga negra? Mais do que isso, eu, um antropólogo que foi formado e aprendeu a dar aula acerca de uma antropologia muito clássica (ou muito organicamente eurocentrada), como é o caso de autores como Malinowski e Lévi-Strauss, e só mais recentemente tinha sido movido e fortemente inspirado por antropólogas ou estudiosas mulheres e feministas como Marilyn Strathern e Donna Haraway. Sobre elas, eu ainda poderia falar alguma coisa, mas sobre Zora Hurston, não poderia e nem deveria falar quase nada. Mas não falar nada sobre Zora Hurston, ou ter uma única aula dela no meio de um monte de outros autores "clássicos" da Antropologia, isso era contribuir para sua condição marginal na história da disciplina ou para sua invisibilidade. "Era preciso ter um curso inteiro sobre Zora Hurston!", pensei! Sabia que Rafaela, sozinha, uma aluna negra brilhante do curso de Ciências Sociais e do mestrado em Antropologia da UFMG, era capaz de ofertar sozinha o curso sobre Zora Hurston. Ainda no plano inicial da disciplina, Rafaela teve a ideia maravilhosa e generosa de convidar duas outras colegas (Steffane e Nicole) de curso de mestrado e de doutorado em Antropologia, estudiosas e conhecedoras da obra de Zora, para vir somar conosco na empreitada, ou seja, na "oferta" compartilhada de um curso ao nível de graduação em Ciências Sociais sobre uma "autora negra".

Entretanto, pela burocracia da universidade, o curso tinha que ser ofertado em nome de um professor regular do Departamento de Antropologia e Arqueologia (DAA). Por ocasião do planejamento da oferta para o segundo semestre de 2023, no meu departamento, alguns colegas ainda disseram, "ah, mas você não pode dar essa disciplina com as alunas, elas não podem dar aulas para você; só se você ofertar uma disciplina a mais, essa aí não pode ser contabilizada nos seus encargos". Agora penso, os meus colegas de departamento estavam pensando que eu colocaria meu nome lá como professor, as alunas dariam aula para mim, e eu iria em sala preguiçosamente só de vez em quando, sem ler os textos ou preparar as aulas. Acabei tendo que dar uma disciplina além dos meus encargos naquele segundo semestre de 2023, para que o curso de Zora Hurston fosse aceito pelo departamento naquele formato, de forma compartilhada com Rafaela, Steffane e Nicole.

E, assim, eu tive a experiência mais incrível e marcante de toda minha vida de docência na universidade. Tive a oportunidade de ler e conhecer todos os textos de uma antropóloga negra, de acompanhar quase todas as aulas, que eram, na verdade, um intenso diálogo entre os textos das

cial no Programa de Pós-Graduação em Antropologia na Universidade Federal de Minas Gerais (PPGAn-UFMG), mestre em Antropologia Social pelo mesmo programa, graduada em Ciências Sociais (Licenciatura) na mesma universidade. Possui interesse nas áreas de Gênero e Raça desenvolvendo pesquisa com esses marcadores nas trajetórias de trabalhadoras domésticas negras.

Contato
depaularafaelar@gmail.com

Ruben Caixeta de Queiroz

Professor Titular do Departamento de Antropologia e Arqueologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pesquisador do CNPq, produtividade em pesquisa desde 2013. Pós-doutorado pela Universidade de Brasília, com bolsa pelo CNPq, 2011, sob orientação de Stephen Grant Baines. Concluiu a graduação em Ciências Sociais pela UFMG (1987), sob a orientação da professora Vera Alice Cardoso e Silva; o mestrado em Antropologia Social pela UNICAMP (1991); sob a orientação do Professor Carlos Rodrigues Brandão; o doutorado em Letras e Ciências Humanas pela Universidade Paris-Ouest Nanterre la Défense (1998), sob a orientação da Dra Claudine de France.

Coordenador e colaborador na FAFICH/UFMG do Laboratório de Etnologia e do Filme Etnográfico (LEFE) e do Núcleo de Antropologia Visual (NAV). Foi membro das comissões que criaram o Programa de Acesso e Permanência do Estudante Indígena na UFMG e os cursos de graduação e pós-graduação em Antropologia da UFMG. Foi coordenador por três mandatos (2006–2008, 2012–2014, 2016–2017) do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFMG. Co-editor da *Devires – Revista de Cinema e Humanidades*. Co-fundador e co-organizador do *Forumdoc.bh* (Festival do Filme Documentário e Etnográfico de Belo Horizonte), evento que acontece anualmente desde 1997. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Etnologia Indígena, atuando principalmente nos seguintes temas e áreas: etnologia, filme etnográfico, antropologia visual, Guiana e Amazônia.

Contato
caixetadequeiroz@gmail.com

Steffane Pereira Santos Cientista Social (UFMG). Mestranda em Antropologia (UFMG). Integrante do Coletivo Retomadas Epistemológicas.

Contato
steffanespereira@gmail.com

autoras e as trajetórias de vida de cada um dos estudantes e docentes, ou seja, uma pedagogia nova em relação àquela que eu estava habituado, no qual o professor fala e os alunos “ouvem” ou comentam os textos de forma “objetiva e crítica”. Eu creio que esse sentimento, de uma experiência incrível e inigualável, tenha sido de todas as estudantes e docentes do curso. Para mim, um docente que sempre ouviu falar que o jeito certo de dar aula é “expor” o texto e as ideias do autor de forma crítica e objetiva, o maior desafio era ficar em silêncio, ouvir minhas colegas docentes que sabiam mil vezes mais do que eu sobre a autora e o tema do curso, ouvir as estudantes, a partir de suas trajetórias de vida e de conceitos contra coloniais, que eles dominavam de forma tão habilidosa, como “negritude”, “epistemicídio”, “racialidade”, “amêfrica”, “pretuguês”, “letalidade branca”, “escrevivência”, “memórias diaspóricas”, “confluências”, “cosmologias da contra-colonização”.

Ouvir, dialogar silenciosamente, aprender com as colegas, era isso que martelava a minha mente durante as aulas ou as rodas de conversa. Sem dúvida, por muitas vezes, tive vontade de falar, e tive que fazer um enorme esforço para me silenciar! E passei, durante quase todo o curso, pensando sobre a função do diálogo e do silêncio como estratégias pedagógicas ou como modos de acesso ao conhecimento. Já escrevendo esse texto, hoje, me lembrei de um poema de Carlos Drummond de Andrade, que gostaria de compartilhar com as leitoras e os leitores de nossa introdução, pois ele beira a um chamado epistêmico para a Antropologia contemporânea, trata-se de *O Constante Diálogo*.

Há tantos diálogos
Diálogo com o ser amado
o semelhante
o diferente
o indiferente
o oposto
o adversário
o surdo-mudo
o possesso
o irracional
o vegetal
o mineral
o inominado

Diálogo consigo mesmo
com a noite
os astros
os mortos
as ideias
o sonho
o passado
o mais que futuro

Escolhe teu diálogo
e
tua melhor palavra
ou
teu melhor silêncio.
Mesmo no silêncio e com o silêncio
dialogamos.

Este curso sobre uma antropóloga negra, Zora Hurston, me ensinou sobre muitas coisas, dentre elas, tanto sobre a necessidade do silêncio quanto sobre as estratégias epistemicidas de silenciamento. Depois dele, de forma autor-reflexiva, chego à conclusão de que eu poderia ter sido um professor de Antropologia menos pior se eu tivesse, ao longo de minha trajetória de docência, ouvido mais as alunas e os alunos, todes, a começar por Rafaela, Steffane e Nicole, minhas mestras brilhantes nessa experiência, que souberam falar e nos despertar para o olhar de Zora Hurston. Eu teria sido um professor bem melhor se tivesse ouvido mais (se tivesse menos tentado a ensinar – pois, acho que foi o filósofo Jacques Rancière que ensinou isso, o “mestre é aquele que aprende”, no seu livro *O mestre ignorante*). Aprendi que uma outra maneira de ensinar Antropologia é possível (talvez, qualquer ciência), aquela que parta da experiência de cada uma e de cada um dos estudantes, daqueles que estão dispostos a colocar os seus corpos e trajetórias de vida em jogo para ler, interpretar e construir um conhecimento contra-hegemônico, que seja efetivamente contra-colonial. Enfim, talvez estejamos retornando ou devemos de fato retomar a pedagogia do oprimido de Paulo Freire (que um dia foi aplicada numa de nossas aulas por Rafaela), que é desconstruir a “educação bancária”, aquele que pressupõe, de um lado, o professor, detentor de um conhecimento, e, de outro lado, um aprendiz que não participa do processo de conhecimento, apenas o recebe de forma passiva. A vivência e os corpos de quem aprende nunca devem ser sublimados na prática de uma educação libertadora.

No final de nosso curso sobre Zora Hurston, numa atividade de auto-avaliação, ouvi estudantes dizendo que aquela disciplina tinha sido a mais importante na sua graduação, aquela que os tinha de fato movido, tocado, encontrado sentido em estar na universidade e ter uma formação em Antropologia ou Ciências Sociais. Alguns de nós choraram. Eu chorei no meu silêncio, pensei que nunca mais pudesse faltar Zora Hurston nos nossos cursos básicos de Ciências Sociais, não só nos cursos optativos. Que nunca mais houvesse uma formação antropológica sem Zora Hurston, Lélia Gonzales, Sueli Carneiro, Conceição Evaristo, Aimé Césaire, Grada Kilomba, Nego Bispo, Ailton Krenak, Davi Kopenawa...

Poderíamos contar dos diversos momentos provocativos e emocionantes que aconteceram durante as vinte e oito aulas, os mais de quarenta textos apresentados que se dividiram entre textos de autoria da própria Zora, e outros de intelectuais negros, indígenas, brancos que dialogavam com a produção do temas de Zora, entre

temáticas sobre literatura, cinema, escrita, pesquisa etnográfica, raça, negritude e entre outras coisas. Mas os textos, reflexões presentes nos trabalhos do presente dossiê contarão melhor do que nós, o que foi estar, aprender e compartilhar nesta disciplina.

**AS MUITAS “ZORAS” QUE HABITAM ZORA NE-
ALE HURSTON**



Figura 1 – Registro da conclusão do Curso Introdução ao pensamento da antropóloga negra Zora Neale Hurston. Fonte: Autoria própria.



Figura 2 – Divulgação do Curso Introdução ao pensamento da antropóloga negra Zora Neale Hurston. Fonte: Autoria própria.

Zora graduou-se na Universidade de Howard e ingressou na pós-graduação sob orientação do antropólogo Franz Boas no Barnard College da Universidade de Columbia. Colaborou com a construção do movimento Renascimento do Harlem, trabalhou em peças de teatro como roteirista na década de 1930 e, ainda na mesma década, obteve seu PhD em Antropologia. Escreveu *Barracon* (1931), *Mules and Men* (1935), *Their Eyes Were Watching God* (1937) e *Tell My Horse: Voodoo and Life in Haiti e Jamaica* (1938), atuou ainda como consultora para a produtora Paramount Pictures.

Zora transitou muito e há muitos grifos de caráter biográfico sobre Zora Neale Hurston,

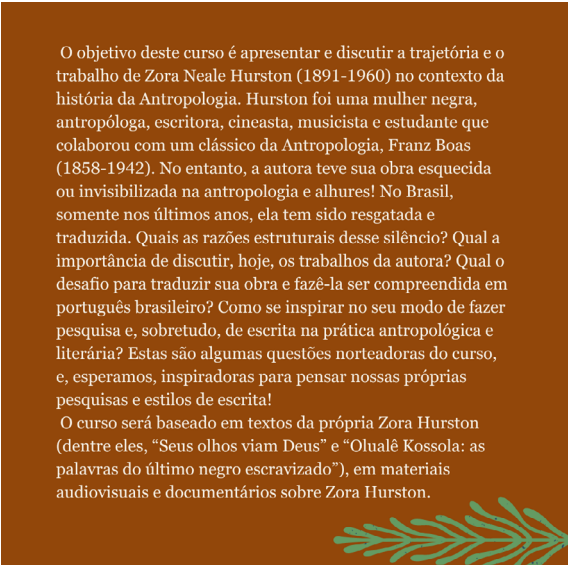


Figura 3 – Divulgação do Curso Introdução ao pensamento da antropóloga negra Zora Neale Hurston. Fonte: Autoria própria.



Figura 4 – Divulgação do Curso Introdução ao pensamento da antropóloga negra Zora Neale Hurston. Fonte: Autoria própria.

sua vida e sua trajetória. Sobre como sua vida foi marcada por silenciamentos diversos, apagamentos e violências. Sobre como o epistemicídio (Carneiro, 2023) a violentou de tantas formas, apesar de tudo o que fez, criou e de seu pioneirismo. Isso é uma parte importante de Zora e faz com que no futuro de Zora, o agora que estamos vivendo, estejamos retornando aos seus trabalhos, suas pontes e seu legado. Zora Hurston é uma antropóloga insubmissa. O seu modo de fazer antropológico é permeado por robustez teórica e olhar aguçado, reorganizando a Antropologia e nos dando caminho.

Mas, para além disso, eu, Steffane, gosto de pensar sobre como era a vida cotidiana de Zora. A sua vivência no Renascimento do Harlem, se ela gostava e tinha afinidade com Louis Armstrong e Aaron Douglas. Como eram os dias em Washington, D.C. e as solidões desse lugar, seus sons,

1 Curso denominado “Mala de Miscelânea Marrom”: Introdução à vida e obra de Zora Neale Hurston.

2 Barracon (1931), recentemente traduzido para o português com o título Olualê Kossola: As palavras o último homem negro escravizado (2021).

3 Eatonville tem por característica ser uma cidade negra, no sul dos Estados Unidos.

4 Há narrativas de que Zora omitia sua idade para pleitear a bolsas de estudos e acessar espaços educacionais.

árvores e o cheiro das ruas.

Gosto de ficcionar qual o modelo e cor que tinha o carro que ela dirigia e que relata no livro sobre a vida de Olualê Kossola². Sempre achei que Zora dirigia um sedan. Penso que carros azuis marinhos e vinho combinavam com a personalidade de Zora (Hurstun, 2021).

Experimento viajar em pensamento para o cheiro das cestas de pêssegos trazidos da Geórgia para Kossola, os sons da cidade de Mobile Bay, as ruas de Eatonville, como foi ser filha do prefeito de uma cidade negra³, as melancias que as vejo com sua polpa vermelha e as imagino doces como água adoçada com açúcar (Hurstun, 2021).

Revivo e reinvento os olhares de momentos como estes que Zora viveu junto a Kossola:

As cabeças dos homens de Daomé começa a cheirar muito ruim. Ai, Senhô, quem me dera eles queima elas! Eu num gosta de ver cabeça de meu povo nas mãos do soldado; e o cheiro faz eu ficar muito enjoado! 'No dia seguinte, eles acampa o dia todo pras pessoas poder queimar as cabeças pra elas não estragar mai'. Ai, Senhô, Senhô, Senhô! A gente tem que sentar lá e vê as cabeças de nosso povo queiman'o numa vara. A gente fica lá naquele lugar os nove dias. Então a gente segue marcha pro solo de Daomé.' Kossula já não estava no alpendre comigo. Ele estava de côcoras pensando no fogo em Daomé. O rosto dele estava se contorcendo em dor abismal. Era uma máscara de horror. Ele havia esquecido que eu estava lá. Ele estava pensando alto e olhando para os rostos mortos na fumaça. A agonia dele era tão aguda que ficou calado. Ele nem notou que eu me preparava para ir embora. Então saí discretamente, o mais rápido possível, e o deixei com suas imagens de fumaça (Hurstun, 2021).

Como Zora se afastou discretamente de Kossula nesse momento que ele se mostra tão vulnerável? Os sentimentos do milésimo segundo que interpela Zora ao ver que Kossula não está mais no alpendre com ela? Não tenho respostas a essas perguntas e nem sei como elaborar sobre elas, mas me pergunto.

Devaneio sobre como Zora lidava com suas relações em campo, sobre as bolhas vermelhas e roxas que a tomavam o estômago ao ouvir um jazz (Hurstun, 2019). Zora faria aniversário no dia 7 de janeiro, segundo a história que ela escolheu contar, é claro⁴. É o mesmo dia do aniversário do meu pai. Zora, meu pai e eu compartilhamos o mesmo signo, Capricórnio; dizem que nós estamos sempre buscando nosso lugar no mundo. Zora e meu pai não estão mais aqui neste plano e gosto de fantasiar momentos e sentimentos dos dois, não coincidentemente.

Sobre Zora, penso sobre as tardes de conversa fiada com doutor Benton (Walker, 2021). Imagino seu guarda roupa com vestidos muito bonitos, cuidadosamente bem costurados, com

estampas elegantes e tecidos diversificados, seus chapéus variados e seus colares. Seus momentos de raiva com a indústria editorial, suas mobilizações, imobilizações e os textos nunca publicados. Aspiro que seria interessante bater um papo com Zora no corredor de uma universidade. Certamente que sentar com Zora em um bar para conversar deve ser mais interessante e divertido. Me pergunto qual cigarro Zora fumava, como ex-fumante e fofqueira profissional, pois antropóloga, essa pergunta me gera curiosidade.

As muitas "Zoras", que compõem Zora Neale Hurston, enquanto intelectual, escritora, cineasta e acima de tudo, gente, me fazem refletir sobre a circularidade do saber e sobre as muitas vias que usamos para nos comunicar e não arredar o pé de quem somos.

Zora bate como um sopro de esperança em dias sombrios em que a Antropologia, carreira que escolhi, parece não fazer mais sentido. Acredito de maneira firme na guerrilha que fez Zora Hurston ao longo de sua vida. Os brancos que ela enganou e seus modos de resistir cotidianos e institucionais. Zora é muitas e por muitas, e nos atravessa enquanto muitas que ousam seguir sob luz dos caminhos que Zora nos abriu.

Eu sou uma estudante branca, filha da classe trabalhadora, que ingressou na universidade pública devido às cotas sociais e permaneceu nela devido a assistência e a moradia estudantil. Esses marcadores atravessam diretamente minha forma de pensar e me portar no espaço acadêmico. Ainda muito jovem, aos 18 anos, saí do interior de Minas Gerais para viver o sonho de iniciar o curso de Ciências Sociais, que algumas vezes havia sido classificado como aquele cujos estudantes possuíam maior renda *per capita* em toda UFMG. Naquele momento, eu buscava, inquieta, maneiras de pertencer nesse universo que ainda era tão distante de mim. Lembro-me de ainda nos primeiros períodos do curso buscar entender porque nossa formação básica nas disciplinas optativas se baseava no pensamento masculino, branco, heterossexual e europeu. Ouvi respostas distintas para essa pergunta, como, por exemplo, "Nicole, no período clássico da antropologia existiam muitas barreiras para mulheres, pessoas negras e do sul produzirem conhecimento e acessar universidade, por isso não temos textos desse tipo de autor". Dessa forma, conhecer Zora Neale Hurston, anos depois, apenas no Mestrado em Comunicação Social, foi como se eu tivesse sido liberta de uma mentira muito bem contada e arquitetada por um pacto branco e masculino. Conhecer e se inspirar em Zora é expansão, liberdade e possibilidade.

Atualmente, sou aluna do Doutorado em Antropologia na UFMG, onde construo um trabalho acerca das políticas epistemológicas que envolvem a retomada do trabalho de Zora. Ação empenhada com muita dedicação por minhas colegas Rafaela e Steffane no Coletivo Retomadas Epis-

temológicas, que busca reivindicar o lugar de autoras e autores negros e indígenas na construção do pensamento acadêmico. A disciplina ofertada por nós aos alunos da graduação sobre o pensamento de Zora é parte fundamental das reflexões de minha pesquisa e também das estratégias de retomada do pensamento desses autores. Como a própria Hurston diria em sua autobiografia, sua companhia é algo muito caro e relevante para que seu trabalho seja usado apenas como coleção de leituras "outras", "setorizadas", "complementares", etc. Ou seja, ao apresentá-la às alunas de graduação, não nos foi possível resumí-la a "aluna negra de Franz Boas", a "esquecida da escola culturalista", ou a "escritora de literatura com alguma formação em antropologia".

Dar a conhecer Zora Hurston nos obrigou a não focar simplesmente em escrutinar sua biografia, o que é usualmente feito ao se estudar a obra de artistas e intelectuais negros ou outras minorias. Focar unicamente na trajetória pessoal desses sujeitos, muitas vezes dotadas de contradições como todo e qualquer ser humano, tem sido um dos recursos dos epistemicídios e racismos do mundo acadêmico. Diferente disso, decidimos que a disciplina deveria ampliar repertórios a partir do que consideramos ser os modos de fazer Antropologia de Zora Hurston. Durante a disciplina, além da leitura de textos acadêmicos e de todas as traduções disponíveis de sua obra, nos encontramos com repertórios dos mais diversos, que transcendem, inclusive, o tempo em que Hurston produziu.

Vimos juntas filmes de diversas mulheres negras (Beyoncé, Julie Dash, Safira Moreira, Julia Elisa), além de fotografias e outras artes visuais; lemos juntas em voz alta em sala de aula um trecho de *Seus Olhos Viam Deus* (2021), texto de literatura escrito por Hurston com grande influência de sua pesquisa de campo no Haiti e vivências no sul dos EUA; promovemos um momento de apoio mútuo e coletivo para a reflexão sobre a escrita dos trabalhos finais em uma dinâmica de debates sobre o tema proposto por cada estudante; trouxemos convidados como a antropóloga, cineasta e poeta negra belorizontina Julia Elisa, que apresentou seu filme *Não há coincidências ocupando essa carne* (2021), compartilhou conosco os processos de escrita poética e acadêmica que vem desenvolvendo e ainda nos brindou performando uma de suas poesias; recebemos o colega Gabriel Nunes da Silva, mestrando em Comunicação Social da UFMG e especialista em imagens e cinema negro; pudemos, cada uma de nós, professoras, apresentar nossas pesquisas de pós-graduação. Nós nos ouvimos, nos apoiamos, nos indignamos, nos emocionamos, e nos deixamos ser inspiradas pela obra de Zora (assim, no primeiro nome, como a chamamos com intimidade e carinho) e tudo que ela movimentava.

Assumimos então, ainda que de maneira afetiva, aberta e coletiva, a seriedade da retomada do trabalho de Hurston e de sua teoria e método no ensino de Antropologia e Ciências Sociais. Desse cenário, derivam os textos que compõem este dossiê, cujas temáticas atravessam pro-

postas distintas, mas que foram inspiradas pelo método aberto, múltiplo e que valoriza a experiência, proposto por Hurston para a produção de conhecimento.

A disciplina foi frequentada em grande parte por jovens negras estudantes de Antropologia. Se não foram maioria em número, certamente foram protagonistas no engajamento das aulas. Um dos primeiros textos lidos na disciplina foi *Em busca de Zora Neale Hurston*, escrito pela escritora e ensaísta estadunidense Alice Walker, e publicado na coletânea *Em busca dos jardins de nossas mães* (Walker, 2021). Em meados dos anos 1980, Alice Walker empreendeu uma busca pela retomada e redescoberta dos escritos de Zora Hurston, que até então permaneciam no ostracismo legado a ela pelas políticas racistas e patriarcais que estruturavam a academia e a produção literária. Nesse movimento, Walker se desloca até a cidade onde Hurston viveu seus últimos anos para recolher depoimentos de amigos e conhecidos sobre o fim da vida da antropóloga. Ao chegar na cidade, Walker relata ter enfrentado uma certa resistência dos moradores em lhe fornecer informações acerca de Hurston. Dessa forma, ela elabora uma estratégia que a possibilitaria facilitar sua aproximação e mente que é sobrinha da antropóloga, numa tentativa de se integrar àquela comunidade e obter as informações que procurava.

Ao comentarmos sobre o texto em sala, as alunas da disciplina, relataram que ao lê-lo, uma prosa literária não ficcional, viram a si mesmas em cada passo da saga na qual Alice Walker se envolveu para retomar a história de Hurston. A dedicação que a escritora empenhou em procurar cada um dos amigos de Zora Hurston, adentrar um matagal com cobras e outros bichos peçonhentos para encontrar seu túmulo, abordar estranhos e detalhar minuciosamente esse fato no texto (em um estilo de escrita que reverbera o legado de Hurston) fez com que elas se sentissem também um pouco *sobrinhas de Zora*. A passagem seguinte foi, principalmente, relatada e retomada em sala algumas vezes: **"A essas alturas estou completamente dentro da personagem, e a mentira sai de meus lábios com perfeita naturalidade. Além disso, pelo que consta, *ela é minha tia – e de todas as outras pessoas negras também*"** (Walker, 2021, p. 96, grifo nosso).

Essa leitura conjunta iniciou uma espécie de anedota interna da disciplina, em que as alunas – e minhas duas colegas professoras que dividem comigo a experiência de ensino e são mulheres negras – começaram também a se auto denominarem "sobrinhas de Zora". Essa expressão sempre voltava nas discussões, para narrar, por exemplo, a emoção de ver pela primeira vez imagens em movimento de Zora Hurston em campo. Isso tudo, como tentativas de descrever a importância da existência dessa mulher e de suas proposições, que, para essas estudantes negras, muitas vezes extrapola a racionalidade da inspiração metodológica e alcança patamares da representatividade, da projeção e espelhamento que a trajetória de Hurston proporciona-lhes.

Na perspectiva da educação e da criação de comunidades de aprendizagem, como diria bell hooks, tornar-se “sobrinha de Zora” é aparentar-se a ela, tanto na representatividade quanto nas alianças para o fazer antropológico. Para as estudantes negras – que se aparentam e se assemelham com a tia Hurston – ser sobrinha de Zora é encontrar lugar para si, para sua experiência e seus modos de fazer Antropologia. Zora é a tia que desde o passado incide e transforma o presente da Antropologia, provando que esta jamais poderá ser uma disciplina com uma história linear pautada por linhagens temporais que se superam umas às outras respectivamente.

Desde a perspectiva de uma antropóloga branca como eu, compreendo também que, fazer parentesco com Zora Hurston, é expandir as modalidades e possibilidades de alianças e de inspiração de uma prática antropológica que transgride a perspectiva branca, masculina e eurocentrada. Os modos de fazer Antropologia de Zora – como Steffane, minha colega de docência e também de trabalho no campo do patrimônio imaterial, se refere ao trabalho de Zora, elevando-a à categoria patrimonial de “mestra do ofício” – são uma possibilidade discursiva teórica, metodológica, que devem ser assimilados por todos que se engajem em modos de pensar plurais, acessíveis, dialógicos, justos e transformadores para a produção de conhecimento. Engajar-se na comunidade de parentes de Zora Hurston é alargar nossos modos, nossas Antropologias e nossos métodos, fazendo com que eles extrapolem a pretensa objetividade, especialidade e neutralidade acadêmica.

Zora Neale Hurston nunca coube, ou melhor, escolheu não caber em nossas caixinhas e métodos acadêmicos limitantes. Se recusou a especialização compartimentada e espalhou sua obra, reflexões e dados de pesquisa por recursos expressivos distintos, abertos e instigantes. Por isso, ao retomá-la para o presente devemos ter em mente que esse movimento deve também ser múltiplo e aberto. Retomar, inclusive, é uma palavra que acompanha esses sentidos abertos. O que se faz, por exemplo, quando um grupo indígena retoma uma terra tradicional? O movimento vai muito além de uma demarcação física e o prosseguimento das atividades costumeiras em local legalmente assegurado. Retoma-se uma terra indígena para devolver a vida a ela. Juntos e em coletividade se devolvem as matas, os bichos, os cantos e os encantados para seus lugares tradicionais. Se planta, se cuida, se faz vida na terra retomada. Portanto, retomar a obra de Zora Neale Hurston e seus modos de fazer Antropologia é devolver vida e encantamento para a disciplina antropológica e a universidade. É assumir radicalmente a poética e a política que está presente em todo ato de pesquisa – sim, em toda pesquisa: pois existem políticas porcas e poéticas entediantes. Oxalá um dia consigamos nos livrar delas.

Gleiciara Rosana da Silva, em **Zora, Tereza e Beyoncé: é um prazer desfrutar dessas companhias!**, utiliza-se de comparações entre a trajetória de mulheres negras de gerações e origens distintas para traçar suas diferenças e pontos em comum, a partir de relatos biográficos, música e texto.

Luana Rodrigues Nascimento em **Carta (para) sobre às necessidades** discute sobre como a branquitude aciona a noção de caridade enquanto uma instituição de biopoder na manutenção de seus privilégios em diálogo com a proposição de Sistema Negro de Estimação que propõe Zora Hurston.

Em **“Mas eu não sou tragicamente uma pessoa de cor”: reflexões sobre identidade e relações de poder no pensamento de Zora Neale Hurston**, Pedro Lima Martins em um ensaio-resenha elucida as contribuições do pensamento de Zora Hurston para o campo dos estudos da relação de poder sob luz das relações raciais.

No texto **Solidões que perpassam a pessoa negra no espaço universitário: Perspectivas e experiências de estudantes negras à luz do pensamento de Zora Neale Hurston** de Joyce de Souza Marrocos e Thamyres da Silva Pacheco, exploram vivências com enfoque na solidão da mulher negra no espaço universitário a partir das contribuições de Zora Hurston e da sua própria vivência.

No texto **Pensando imagem, fala e escrita como expressões etnográficas através de Zora Neale Hurston**, Lavínia Botelho e Brito nos apresenta um emocionante relato marcado pela experiência da autora realizando pesquisa em seu próprio território, em como os trabalhos etnográficos e literários serviram como inspiração e referência para refletir sobre experiências dela própria na pesquisa antropológica com a tradição da Folia de Reis e do boi de janeiro na cidade de Rubim (MG).

Bruna Dias Teixeira em um texto ensaio, **Cultivando os jardins de nossos ancestrais: rememorando a ancestralidade para autorrecuperar e autodefinir**, nos convida a pensar como a ancestralidade pode ser um caminho para autodefinição e autorrecuperação de mulheres negras, numa escrita provocativa que convida a uma carta pela autora endereçada a sua avó que já faleceu, ela conta sobre as memórias do dia da morte da avó e, neste ousado exercício, reflete a própria experiência de autorrecuperação e autodefinição dentro da universidade.

Em **Sobrinhas de Zora e o Epistemicídio Precoce como política de segregação na UFMG: Relato de uma aluna não binário**, autore Guilherme Henrique Silva Santos nos apresenta todo processo de “sobreviver” na Universidade Federal de Minas Gerais, que envolve uma batalha de resistência aos constantes processos do epistemicídio que se atualiza e a perpassa as trajetórias dos/as/us estudantes nas mais diferentes formas.

Em uma instigante entrevista com a professora Denise da Costa, realizada por Beatriz Natiele dos Reis Sabino, Luana Rodrigues Nascimento, Rafaela Rodrigues de Paula e Steffane Pereira Santos, dialogam com a antropóloga sobre a presença de Zora Hurston na disciplina antropológica, usos da literatura e fazer antropológico a partir de intelectuais negras.

No mais, por sua relevância e importância, materiais didáticos e complementares criados no contexto de produtos da disciplina "Introdução ao pensamento da antropóloga negra Zora Neale Hurston" serão disponibilizados. A proposta de **expografia** foi criada e organizada por Beatriz Natiele dos Reis Sabino e Fabiany Silva Ferreira dos Santos, estudantes do curso de An-

tropologia da UFMG está, também, presente no final desta edição. Já na **cartilha** elaborada pelas estudantes do curso de Ciência Socioambientais da UFMG Sônia Antonia dos Santos Magalhães e Gabriela de Brito Santos é apresentado um pouco do legado da notável antropóloga e escritora Zora Neale Hurston, uma personalidade essencial na literatura e na reflexão sobre a experiência negra. Apesar de ter sido esquecida da história por décadas, suas obras têm ganhado crescente reconhecimento por sua importância na valorização da identidade negra e na luta contra desigualdades. Ambos os materiais encontram-se disponíveis no site e redes da Revista Três Pontos sendo permitida e incentivada sua reprodução a fim de difundir a obra da autora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

HURSTON, Zora Neale. Como eu me sinto uma pessoa de cor. **Ayé: Revista de Antropologia**, [s. l.], Fire!!! Textos escolhidos de Zora Neale Hurston (Edição Especial), 2021a.

HURSTON, Zora Neale. **Mules and Men**. [S. l.]: Harper Perennial, 2008a.

HURSTON, Zora Neale. **Olualê Kossola**: As Palavras do Último Homem Negro Escravizado. Rio de Janeiro: Record, 2021b.

HURSTON, Zora Neale. **Tell my Horse: Voodoo and life in Haiti and Jamaica**. New York: Harper Collins, 2008b.

WALKER, Alice. **Em busca dos jardins de nossas mães**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

Amanda do Carmo Ribeiro
Graduanda em Ciências Sociais (UFMG). Integrante do Coletivo Retomadas Epistemológicas.

Contato
amandadocar-mo1669@gmail.com

Amanda Figueiredo
Graduanda em Ciências Sociais (UFMG). Integrante do Coletivo Retomadas Epistemológicas.

Contato
amandaficle@gmail.com

Bruna Dias Teixeira
Graduanda em Ciências Sociais (UFMG). Integrante do Coletivo Retomadas Epistemológicas.

Contato
brunadiastt@gmail.com

Eco Ian Lofego Silveira
Graduanda em Ciências Sociais (UFMG). Integrante da Coletiva Cintura Fina.

Contato
ianlofego@gmail.com

Johnny Vinicius Freitas
Graduando em Ciências Sociais (UFMG). Integrante do Coletivo Retomadas Epistemológicas.

Contato
johnnyviniciusf@gmail.com

Pedro Lima Martins de Souza
Graduando em Ciências Sociais (UFMG). Integrante do Coletivo Retomadas Epistemológicas.

RETOMADAS A ZORA NEALE HURSTON

Somos orquídeas negras suspensas sem criar raiz em território alheio. Estamos aqui nesse espaço tempo diaspórico como se estivéssemos perdidas à procura de nossas raízes.¹

Denise da Costa (2021)

Entre os milhares de brancos eu sou uma pedra escura que emerge, invadida por um mar cremoso. Eu sou invadida e varrida, mas no meio disso tudo, permaneço eu mesma. Quando coberta por água, eu sou; e o fluxo da maré me revela novamente. A Zora cósmica surge. Eu não pertenço a nenhuma raça ou tempo, eu sou o eterno feminino com seu colar de contas. Eu não tenho sentimentos separados sobre ser uma cidadã norte-americana e de cor.

Zora Neale Hurston (2021)

*Zora Hurston*²
E se Zora olha
A sua história
Ou nossa história?
De um lugar melhor
Que aqui, ou acolá
Que demarquemos
A hora, àquela hora
De se dever estudar
Aquilo que foi negado
Pela universidade branca
Hegemônica
E que foi ressignificado
Com o suor, sangue
E lágrimas
Principalmente de pessoas negras
Especialmente de mulheres negras
Que fique demarcado
Esse lugar de protagonismo
E o meu lugar de trava branca
Que também é um lugar
No meio de tudo isso

E se Zora pudesse contar?
Sua vida, sua história
Nossa história
Ela conta!!

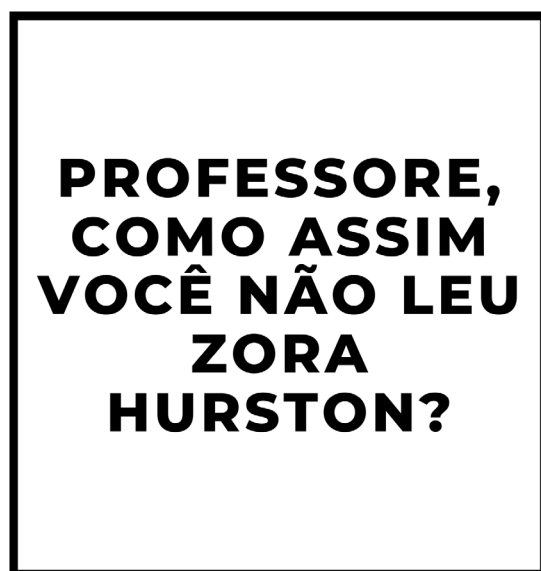
Na biografia que a gente leu
E discutiu e debateu
E eu fiquei em silêncio
Menos no final
No final eu falei
E às vezes me sinto mal
Imagino que passei do ponto
Ou que não foi legal

Tocar
Ali
Pra todo mundo
Desafinada
Noiada
Carente e prepotente
Mas empolgada
Com algo que Zora me inspirou a escrever
E a participar
Como ela faz
No vídeo da etnografia
Quando a música toca
E a gente assobia junto

Entre trajetórias: Onde o Retomadas e Zora se encontram

O Retomadas é uma edificação muito intensa na nossa formação e eu espero e acredito que vai ser também uma transformação na formação de outros cientistas sociais que também estão em contato com a gente (Trecho de entrevista de Sofia Nicolau à Revista Três Pontos [...], 2019, p. 93).

[...], é urgente perceber que as minorias pensam, e pensam em algo além do problema racial. Que elas são muito humanas e, internamente, de acordo com o dom natural, são exatamente como todos os outros. Enquanto isso não for compreendido, deve permanecer aquele sentimento de diferença intransponível, e a diferença para o homem comum significa algo ruim. Se as pessoas fossem bem feitas, elas seriam exatamente como ele (Hurston, 2019).



COLETIVO RETOMADAS EPISTEMOLÓGICAS
@RETOMADASEPISTEMOLOGICAS

Figura 1. Cartaz do Coletivo Retomadas Epistemológicas, 2024. Fonte: Coletivo Retomadas Epistemológicas.

Entre as voltas no tempo e o tempo em volta que permeia uma circularidade quase estridente que une o que foi, o que está, e das coisas que ainda estão por vir, há alguns sonhos que atravessam os fazeres em ambientes um tanto quanto inóspitos. Entre idas e vindas, conversas e anseios, no ontem do *Retomadas*, tomamos ciência sobre uma antropóloga estadunidense negra que morreria sem seu devido reconhecimento e que poderia ter sido enterrada em um túmulo sem identificação. No escopo de sua trajetória, as marcas do racismo, colonização, colonialidade (Quijano, 2005) e epistemicídio (Carneiro, 2023) ficam escancaradas. Tratava-se de Zora Neale Hurston, uma gênio do sul, como Alice Walker (2019) a denomina. A antropóloga negra com extensa pesquisa sobre o vodu haitiano, Antropologia visual e permeada pelo fazer etnográfico não foi reconhecida no cerne das disciplinas das Ciências Sociais, em especial à Antropologia, de onde emerge:

Contato
pedro_limamar-
tins@hotmail.com

Sofia Maria do Carmo Nicolau
Cientista Social (UFMG). Mestranda em Sociologia (USP). Integrante do Coletivo Retomadas Epistemológicas.

Contato
sofiacarmo@usp.br

Steffane Pereira Santos
Cientista Social (UFMG). Mestranda em Antropologia (UFMG). Integrante do Coletivo Retomadas Epistemológicas.

Contato
steffanespereira@gmail.com

1 Erickson et al. Apresentações do Número Especial Fire!!! Zora Neale Hurston Textos Escolhidos e Traduzidos. **Ayê: Revista de Antropologia**, 2021.

2 Poesia de autoria de Eco Ian Lofego Silveira.

Enquanto nos debruçamos sobre as obras de outros antropólogos tão próximos à Zora como Franz Boas, Margareth Mead e Ruth Benedict, além de próximos em semelhante posição a Mead e Benedict, Zora também foi aluna de Boas. Zora escreve o livro *Barracon*, traduzido para o português em 2021 como *Olualê Kossola: As palavras do último homem negro escravizado*, em 1931. O livro é um trabalho etnográfico onde Zora entrevista Olualê Kossola. Padrões de Cultura de Ruth Benedict publicado em 1934, Sexo e Temperamento de Margareth Mead foi publicado um ano depois em 1935 (Santos; De Paula, 2023, p. 44).

3 Poesia "Gira" (2018) da poeta e cientista social Júlia Elisa dos Santos.

4 Lésbicas, gays, bissexuais, trans, queer, intersexuais, assexuais, pansexuais e mais.

Entre as temporalidades, há cinco anos, sonhar em uma disciplina sobre o pensamento de uma autora negra que transitou entre a literatura, teatro e Antropologia era um sonho insubmisso³ (Santos, 2018). A sua realização é parte dos desejos que o *Retomadas* partilhou com sua atuação e ainda com-partilha no agora. A presença de estudantes não brancos e LGBTQIA+⁴ nos espaços de pensamento acadêmico traz consigo uma virada epistemológica do fazer. As ações afirmativas proporcionam este giro (Carvalho, 2021). O pensar e fazer de Zora Hurston, enquanto antropóloga negra, proporciona trincas e rachaduras nas estruturas do fazer epistêmico hegemônico. E disciplinas como a que se debruçou sobre o pensamento e intersecções a partir de Zora, só foram possíveis pelas ações afirmativas e pelos sonhos sonhados coletivamente.

Nas dinâmicas da circularidade, entre tempos e gerações, o coletivo se aproxima de Zora. Quando a antropóloga negra se questiona o que os editores brancos não publicarão (Hurston, 2019) enuncia a faceta do epistemicídio instaurado na indústria editorial.

O *Retomadas* foi criado no segundo semestre do ano de 2019, a partir dos incômodos que atravessavam a experiência de estudantes negres guiados por uma questão: onde estão os intelectuais negros e indígenas nas disciplinas obrigatórias do curso de Ciências Sociais?

Neste sentido, duas estudantes do curso de graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Fernanda Reis e Sofia Nicolau, começam a se movimentar a partir de uma intelectual negra: Sueli Carneiro. A discussão sobre epistemicídio que norteia a tese da filósofa brasileira se apresenta como ponto de partida do embrião do que viria a ser o *Retomadas* Epistemológicas.

O antropólogo, Tulio Silva (2021), dedica seu trabalho de conclusão de curso à traçar a trajetória do *Retomadas*. Deixamos com ele por aqui, parte desta trajetória:

Desse momento em diante elas conversaram com colegas próximos sobre o epistemicídio e o desejo de fazer algo na direção contrária. Inicialmente a pauta fora levada para o Tudo Nosso e alguns integrantes começaram a se reunir para discutir possíveis ações a nível do próprio local onde estavam inseridas/os. As primeiras atividades tiveram caráter provocativo. Nesses primeiros encontros, foi evocada uma situação conhecida pelas/os estudantes do curso, referente à atitude recorrente de um professor específico em suas aulas. Vamos chamá-lo aqui de Gabriel. Volta e meia o professor Gabriel indaga as/os estudantes em sala da seguinte maneira, ao perceber que não conhecem algum/a autor/a clássico/a de sua disciplina: "Como assim, vocês estão no terceiro período e ainda não leram fulano de tal?". Em algumas ocasiões, o autor que ele citava não tinha tradução para o português, somente em língua estrangeira. Há relatos que numa dessas, Gabriel horrorizado disse: "Vocês não leem nada em francês?" Motivadas/os por falas como essa, o grupo tomou como primeira decisão a confecção de cartazes trazendo as/os professoras/es para o centro da indagação, questionando a pouca leitura de autoras/es negras/os por parte do corpo docente. Frases como "Professor, como assim você nunca leu Angela Davis?" ou "Professora, como assim você nunca leu Lélia Gonzalez?" foram impressas em cartazes e espalhadas por toda a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, com enfoque especial no quarto andar do prédio, que é o corredor onde se encontram os gabinetes das/os professoras/es do curso. Assim, o nascimento do Coletivo Retomadas Epistemológicas é marcado pela (re)existência do Tudo Nosso. As pessoas envolvidas em sua fundação também faziam parte da auto-organização. Essa ação ainda não levava o nome de Retomadas Epistemológicas. O Tudo Nosso ainda figurava no horizonte da organização negra do curso. Tal atividade, então, foi feita em parceria e levando seu nome. Durante o ano de 2018 houve troca na coordenação do Colegiado de Graduação em Ciências Sociais. Assumiram as cadeiras de coordenação e vice coordenação, respectivamente, uma professora do departamento de Antropologia e um professor do departamento de Ciência Política. Desde sua posse, a coordenadora do Colegiado demonstrou ser uma pessoa bastante solícita às questões estudantis, estreitando laços com o Centro Acadêmico de Ciências Sociais – CACS, com as demandas da Licenciatura, entre outros. Em paralelo à confecção dos cartazes, o Coletivo encontrou-se com a coordenação do Colegiado para tentar articular maneiras de atuação também em nível institucional. Buscando possibilidades de inclusão de autoras/es negras/os e indígenas no rol das disciplinas obrigatórias do curso. Uma das proposições do grupo foi a criação de um manifesto apontando para a presença do Epistemicídio no curso de Ciências Sociais da UFMG e com as demandas de inclusão de autoras/es. Esse documento foi enviado, junto do Colegiado, aos três departamentos que compõem o curso, a saber, Antropologia, Ciência Política e Sociologia (Silva, 2021, p. 30–31).

Não surpreendentemente, este documento não foi bem recebido com bons olhos com unanimidade. Ataques de caráter racista foram o resultado do seu envio, *posts* virtuais vexatórios no Facebook e até mesmo perguntas como: "Como estes estudantes querem me dizer o que devo ensinar, depois de tantos anos de docência?".

Em meio a urgência de confeccionar o Projeto Político Pedagógico (PPP) do Curso de Ciências Sociais, a coordenação do Colegiado reconheceu, junto ao Coletivo, a necessidade de reconstruir as ementas. Com isto em vista, solicitou que o coletivo enviasse uma proposta de inclusão de autoras negres e indígenas para cada uma das disciplinas obrigatórias do percurso curricular. Sim, o colegiado solicitou ao Coletivo que escrevesse uma proposta de ementa curricular para estudantes de graduação em meio de curso e desembocou em uma proposta de ementa, construída em quatro dias pelo coletivo e com apoio de alguns professores e estudantes de pós-graduação que entendiam a urgência dessa mudança (Silva, 2021).

De certo, tudo que foi construído até aqui não se concretizou em um caminho simples. Mas se apresentou um caminho possível. O *Retomadas* cresceu e segue crescendo. Disciplinas como Leitura de Autores Indígenas, Negritude no Brasil: os intelectuais e a formação do movimento negro e Marcadores sociais da diferença foram ofertadas. Inúmeros Grupos de Formação Antirracista foram organizados, Grupos de Estudos, Oficinas, CineRetomadas, o podcast *Cumê que fica?!*, o projeto *Orquidário* e tantos outros que o Retomadas colocou e coloca em curso.

Na leveza dos sonhos insubmissos, não parecia possível pensar em uma disciplina inteira dedicada a uma intelectual negra. Na circularidade bonita do tempo, o Retomadas se constrói a muitas mãos, muitos olhos e olhares e uma vontade de traduzir o indizível quando se ocupa um corpo não hegemônico no mundo.

Nenhuma luta é ganha. O Retomadas segue em movimento, pois as Retomadas não se findaram. Há muito a caminhar. Mas é bom re-caminhar os trajetos já feitos e lembrar que seguimos indo, talvez ainda não tenhamos chegado, mas seguimos indo. Entre gerações, o Retomadas reinventa a vividez bonita de acreditar em possibilidades múltiplas de existência. Retomadas é o caminho.

*Começo do início, mas ainda não fim
Nós somos o começo, o meio e o começo.*

Nego Bispo⁵

Eu, Pedro, conheci o *Retomadas* no início da graduação, em um momento em que o mundo e eu nos encontrávamos isolados, a Covid-19 nos separava. Conheço Zora a partir de integrantes e amigas do coletivo. Conheço a mim mesmo a partir do *Retomadas* e da própria Zora, eu e o mundo nos reencontramos, eles nos juntaram.

Ser aluno da disciplina *Introdução ao pensamento da antropóloga negra Zora Neale Hurston* já ao fim da graduação, tendo entre as professoras duas integrantes do coletivo *Retomadas*, concretiza o sentido à luta pelo acesso às epistemologias historicamente apagadas na academia. Um contragolpe ao epistemicídio (Carneiro, 2023). Este só se torna possível no presente por aquelas que vieram antes, mas também por aquelas que retomam e aquelas que irão continuar a retomar. Com Zora, mas também com Steffane, Rafaela e Nicole⁶, aprendi e reaprendi a me localizar no espaço acadêmico, e vislumbrar este como meu e dos meus semelhantes.

É num contexto no qual em anos de *Retomadas*, participando e construindo grupos de estudos, formações antirracistas e atividades das mais diversas, ao lado de amigos, colegas de curso e referências para mim – e aqui me refiro, sobretudo, as pessoas que construíram o Retomadas no passado e no presente –, que eu também construo uma nova percepção sobre mim mesmo, de possibilidades outras. Com Zora em *Como eu me sinto uma pessoa de cor* (2021), eu fortaleço aquilo que o *Retomadas* já havia construído em mim, mas com uma irreverência que à Zora é própria, concebo minha humanidade perpassada pela minha raça, mas não restrita ao

processo de racialização. Tal como Zora, eu não sou tragicamente uma pessoa de cor (Hurston, 2021, p. 47).

Sou Amanda Ribeiro, estudante de Ciências Sociais na UFMG no fim do curso. Conheço o *Retomadas* quando, lá em 2019, ano da minha entrada na universidade, observo as movimentações do coletivo e alguns dos seus desdobramentos na graduação. Nesse momento, a principal reivindicação do coletivo era a inserção de autoras negres e indígenas nas bibliografias das disciplinas, que até então tinham muito pouco ou nada que fosse além da cultura ocidental branca. Vi-me nesse início desmotivada com as disciplinas, pois antes de entrar na universidade imaginei que me aprofundaria, por exemplo, em temas relacionados a minorias sociais, o que não se apresentou na realidade.

É, portanto, a partir do *Retomadas Epistemológicas* que dou início a uma trajetória de maior identificação com as Ciências Sociais e Antropologia. Após a reivindicação do coletivo, aqueles professores que se importaram e enxergavam importância na leitura de autoras negres e indígenas, mesmo que de forma tímida, se movimentaram para atendê-la. Descobri, então, que me interesse e que gostaria de pesquisar o tema das relações étnico-raciais, cursando, por escolhas de matérias optativas, as disciplinas relacionadas a esse tema, principalmente no campo da Antropologia.

Nesse sentido, minha animação foi grande

⁵ Bispo dos Santos, Antônio. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Ubu, 2023.

⁶ Docentes e organizadoras desse Dossiê.

desde que soube que existiria a disciplina *Introdução ao Pensamento da Zora Neale Hurston* e que ela seria ministrada também por duas colegas de graduação, integrantes do *Retomadas*. Durante o semestre, a disciplina chegou a ser minha atividade preferida e em alguns momentos que estive deprimida demais, até mesmo para conseguir realizar minhas atividades cotidianas, o desejo pela disciplina e por estar com os colegas em sala de aula permaneceu. Além de estar presenciando uma disciplina inteiramente dedicada a uma antropóloga negra, — o que é um marco na história do curso de Ciências Sociais da UFMG — ver as minhas ex-colegas de curso, até então no mestrado, dando aula sobre um tema tão relevante, ampliou os horizontes para mim. Nesse momento, é como se fosse mais possível pessoas negras como eu estarem na pós-graduação ministrando disciplinas. Como se eu me desse conta de que, se eu quiser, esse também pode ser um espaço possível para mim, pois está sendo para as minhas colegas Steffane e Rafaela. Ao mesmo tempo, é como se a possibilidade de construir uma pesquisa no tema das relações étnico-raciais fosse um pouco mais palpável.

Vale salientar também a influência da disciplina no meu tema de pesquisa, os quais são sobre “Representações da branquitude na imaginação negra”. Simultaneamente à disciplina sobre a Zora, estava cursando uma sobre branquitude e Antropologia, o que me levou a estar constantemente pensando nas representações de Zora e de outros autores negros sobre pessoas brancas. A partir disso, foi possível construir o meu projeto de pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso.

É, portanto, notável como vejo entrelaçados o meu presente e futuro com a trajetória do coletivo e a disciplina sobre Hurston, enquanto construiu um agora mais possível para mim na Universidade e me deu diferentes horizontes, tornando viável vislumbrar um espaço para mim no espaço acadêmico no porvir.

Apresento-me enquanto Johnny Vinicius Freitas, Cientista Social em formação na UFMG e membro há pouco mais de um ano do Coletivo *Retomadas* Epistemológicas. Minha entrada em tão distinto grupo foi cultivado por muitos anos, permeando os pavores, a admiração pelos colegas que não me conheciam — mas que os tinha em grande estima —, pelo medo da sobrecarga de atividades e, principalmente, pelo temor de não atingir metas pessoais de mudança social ou relevância acadêmica que me inspirava os colegas. De fato, vencido todos os temores relevantes, cá estou eu sentado à mesa da sala do meu grupo de pesquisa redigindo esse texto com um considerável sentimento de nostalgia do primeiro dia que me apresentei, às pressas, em uma reunião. Foi um sentimento admiravelmente forte que, confidenciando a vocês, sempre me transpassa quando faço minhas contribuições nas reuniões. Um sentimento não de medo, mas de admiração por pessoas que dedicam seu tempo e conheci-

mento à construção de uma ideia que cria, difunde e aprofunda outras ideias. Existe um trabalho que vem sendo introjetado e complexificado pelas atuações do Coletivo. É justamente esse trabalho, com suas dimensões simbólicas e objetivas, coordenadas ou não, que cumpriram papel importante na amálgama das minhas dimensões pessoais e profissionais enquanto Cientista Social e minha introdução ao Coletivo.

Meus objetivos eram claros: galgando um novo caminho acadêmico, como eu, um profissional em formação, poderia dar novos sentidos e perspectivas às futuras análises científicas que eu me proporia a realizar? O contexto desempenhava importante influência na decisão de abrir espaço na minha vida e formação para o *Retomadas*. Anteriormente caminhante do campo antropológico, galguei o caminho de tijolos dourados da Ciência Política e cá firmei meu campo de atuação. Contudo, não podia negar, assim como atualmente não nego, que se distanciando da Antropologia, sentia que não levava juntamente comigo a pesada bagagem de diversidade que esta ciência proporcionara. Sentia-me em falta com um saber constituído a partir de um sem-número de perspectivas nas quais eu era influenciado a me colocar. Não faço aqui um mau juízo de valores para com a Ciência Política, não é este ponto que levanto. Entretanto, não me deparei, subsequentemente à minha mudança de percurso, a tão vasta e conhecida infinidade de colocações e reagrupamento de epistemologias que experimentei na Antropologia.

Eram estes ares que o espírito sentia falta de respirar. São estes ares que o *Retomadas* manipula tão bem, por meio das unidades humanas constitutivas, diversas e espontâneas, que edificam o grupo. Satisfaço o espírito e é neste processo que estou atualmente e que, na minha perspectiva, o Coletivo desenvolve magistralmente. Se existe uma formação acadêmica, que foi alicerçada e cristalizada no decréscimo da potência de muitas epistemologias e mecanismos de pensamento, há uma contra-reação que recolhe os cacos epistemológicos subalternos destruídos pela clava imperial e aprende com os subjugados a como reconstruí-los, aprender com eles e difundir anos e anos de desenvolvimento epistemológico. É um processo laborioso, mas que satisfaz muitos espíritos. São caminhos de *Retomadas* ao conhecimento anterior ao processo colonial e, que os bons ventos soprem a esse favor, ulterior ao presente que se desenvolve.

Na constância da minha participação no Coletivo, aprendi a me ajoelhar e ajudar a recolher esses cacos. Com meus colegas, fugindo ao tom salvacionista, compreendi a função de realinhar o mesmo tom respeitoso às obras de autoras negras, indígenas, latinoamericanas e caribenhas que foi reservado ao cânone europeu. Senti mais uma vez a bagagem que fazia peso confortável à minha formação. Espero estar contribuindo com a mudança que o *Retomadas* se propõe desempenhar. É um prazer inestimável fazer parte de uma organização de estudantes, colegas e amigos admiráveis, que se convida a colocar o próprio corpo em atividade para sustentar sua ideia originária.

Como aluno, me beneficiei com as mudanças já consolidadas a partir das articulações incessantes dos membros que se propuseram a realizar a diversificação e Retomada às raízes das Ciências Sociais brasileira, latino americana, africana, caribenha e não-branca.

Futuro: Esperançar

Eu acho que a principal lição desse momento histórico é nos dizer que a momentos da nossa luta que parece que não é possível avançar. Há determinados momentos que a gente tem a sensação de que essa sociedade é incapaz de desejar sinceramente uma verdadeira democracia racial. Mas eu acho que essa batalha pelas cotas, ela nos indica que perseverar é o único caminho que nós temos... Per-se-ve-rar.

Sueli Carneiro

Nos fluxos desse tempo circular, espiralar (Martins, 2021) a trajetória do Retomadas atravessa os caminhos das pessoas, com algumas esbarra através de um dos grupos de estudos, da curiosidade suscitada por ver um cartaz referenciando obras de pessoas negras, indígenas e LGBTQIA+, da participação na disciplina sobre a Zora. Comigo, Amanda, o encontro com o coletivo se deu primeiro por meio do contato com as pessoas o construíam, foi através de contatos e amizade com Sofia, Steffane e Gabriel que tive minhas primeiras referências do que seria o fazer intelectual por vias outras que não a hegemônica, foram as redes de relacionamento com pessoas de trajetórias similares a minha que fizeram o ambiente universitário ser menos austero e me possibilitaram cultivar sonhos e projetos durante a graduação. O compartilhar de ideias, referências e revoltas com as pessoas que integram o *Retomadas* foi e tem sido decisivo para a minha permanência na universidade e também na formação de facetas importantes da minha identidade.

Quando penso naquilo que o *Retomadas* irá realizar, tomo como base minha experiência e aquilo que o coletivo é no agora. Primeiro um espaço para encontros, encontros entre pessoas, consigo, com autores, com obras, etc. É também um agente político, buscando formas de levar a cabo demandas que nos são importantes, nos aliando aos movimentos do tempo ao não aceitar que as coisas continuarão como sempre foram. Por fim, um coletivo que traduz a esperança no realizar, a exemplo do sonho, agora concreto, da oferta de uma disciplina como a *Introdução ao pensamento da antropóloga negra Zora Neale Hurston*, ou a cada novo projeto, que é planejado e concluído atravessando outras trajetórias.

Das circularidades do tempo, reencontrar Zora faz parte de um movimento que gira e gira. Não há fim, há alguns inícios, meios e meios de novo. Os meios são formados pela incessan-

te vontade dos desejos oníricos que aparecem quase que borrados, em turvas linhas, palavras, objetos e pessoas. São permeados coletivamente, às vezes atravessados pelas angústias, por vezes apresentados pela esperança, em partes, pelo desânimo e por outras pela raiva. Os sonhos são possibilidades que existem em nós e mesmo quando realizados, não são causas ganhas. Nada para nós, pessoas negras e LGBTQIAP+, nunca estará ganho. Tudo que é nosso continua sendo defendido por nossas próprias mãos de modo inegociável: jamais nos tirarão o que conseguimos, ainda que tentem. Não que tenhamos conseguido tanto, mas de tanto em pouco, há algo exercendo sentido no que se pretende fazer.

Seja pela esperança das agendas de pesquisa modificadas, corpos não hegemônicos se debruçando sobre epistemologias contra coloniais, num anexo misto do sentir e agir, enquanto se tenta alicerçar nossa saída de existência. É sob as *Retomadas* des que vieram antes de nós, e esquecidas ficaram, que seguimos. Retomar é uma escolha política contínua. É ao *Retomadas* jamais caberá morrer sem ser retomado.

"E você é a sobrinha de Zora?", me pergunta. "Bom," eu digo com tímida dignidade, mas com um toque, espero, de um rubor próprio do século 19, "eu sou não legítima, por isso é que eu nunca conheci tia Zora".⁷

Alice Walker (2019)

À Zora,

Queria te encontrar, falar das coisas que aprendi com você. Chorar as mágoas que ainda me afogam e doem tanto. Queria te contar das vezes que desacreditei de nós de tanto que descreditar de mim. Zora, tem sido difícil, mas é uma alegria poder caminhar pelos caminhos que você abriu. Nesse momento, enquanto escrevo e coloco minhas intenções neste encontro, lembro-me da primeira vez que você me foi apresentada. Das maravilhas da vida, a maior delas é se encantar com algo pela primeira vez, e foi essa a sensação quando li os seus trabalhos na disciplina *Introdução à vida e obra de Zora Neale Hurston*.

Como alguém que escreveu trabalhos tão únicos e tão atuais não teve em vida o reconhecimento que merecia? Como alguém como você ficou esquecida? Como o seu trabalho ficou engavetado por tanto tempo? Como eu só te conheci agora? Eu li tudo que eu pude no tempo que eu tinha. A sensação de ler e me surpreender com "Os seus olhos viam Deus" é uma das sensações que eu mais gosto de lembrar. Passei alguns dias imersa nessa leitura apenas pensando em quando eu iria voltar pra casa e poder continuar lendo as histórias de Jane. Foi assim, eu acabei com o livro, mas ele também acabou comigo. Ainda me lembro da sensação de acabar o livro, colocar em meu peito, fechar os olhos e apenas sentir tudo aquilo que acabei de ler.

⁷ Walker, Alice. À Procura de Zora Hurston. Ayé: Revista de Antropologia, n.1, v.1 (2019).

Nesse sentido, "o ato de escrever é um ato de criar alma, é alquimia. É a busca de um eu, do centro do eu, o qual nós mulheres de cor somos levadas a pensar como um 'Outro'" (Anzaldúa, 2000, p. 232). São nestes momentos, que eu retorno a mim, à minha mãe, à minha avó, à você, aos meus ancestrais como as figuras centrais e de grande importância. Zora, você me ensinou a escrever sobre mim mesma com confiança. As histórias com as quais nos deparamos ao longo da vida moldam a nossa percepção de identidade e de quem classificamos como "os outros". Nós

não somos apenas um outro qualquer.

Entre os giros do tempo e o tempo que nos envolve, existe um movimento muito potente que une o passado, o presente e o futuro. Existem aqueles sonhos que são construídos em conjunto, com aqueles que se foram, que estão aqui e com aqueles que ainda estão por vir. Zora, durma tranquila porque aqui nós estamos para honrar e cultivar o solo que você, com tanta generosidade, nos deixou.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Anzaldúa, Glória. . Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, 8(1), 229, (2000)

Carneiro, Sueli. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

Carvalho, Sebastião Carlos Dos Santos. **O impacto das ações afirmativas na estética e na imagem corporal de jovens negros e negras da UNEB**. Campus Guanambi. 2021.237f. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

Hurston, Zora. Como eu me sinto uma pessoa de cor. **Ayé: Revista de Antropologia**, 2021.

Erickson et al. Apresentações do Número Especial Fire!!! Zora Neale Hurston Textos Escolhidos e Traduzidos. **Ayé: Revista de Antropologia**, 2021.

Martins, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

Quijano, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e AL. CLACSO, **Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales Editorial/Editor**, 2005.

Santos, Júlia Elisa. **"Quando rejeitamos uma história única, nós reconquistamos um tipo de paraíso": Preta Poeta e a escrevivência na subjetivação política de mulheres negras**. Monografia. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018, 59f.

Santos, Steffane. De Paula, Rafaela. Insubmissos modos do fazer etnográficos de Zora Neale Hurston. **Revista Zabelê Discentes PPGANT/UFPI**, v. 4, n. 2, 2023.

Silva, Tulio Henrique Gomes. **"Professor, como assim você nunca leu Lélia Gonzalez?": Trajetórias e narrativas do Coletivo Retomadas Epistemológicas**. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, p. 72. 2021.

Walker, Alice. A procura de Zora Hurston. **Ayé: Revista de Antropologia**, n.1, v.1 (2019).

SOBRINHAS DE ZORA E O EPISTEMICÍDIO PRECOCE COMO POLÍTICA DE SEGREGAÇÃO NA UFMG: RELATO DE UMA ALUNA NÃO BINÁRIE¹

Zora's Nieces and Early Epistemicide as a Segregation Policy at UFMG: Report from a Non-Binary Student

Resumo: O meio acadêmico é um espaço de disputa que até hoje possui suas próprias ferramentas para controlar os perfis de pessoas que poderão frequentá-lo. Tendo isto em vista, este artigo propõe discutir os elementos que compõem a segregação sociorracial no meio universitário da UFMG e que culmina num processo de epistemicídio dentro do meio acadêmico. A discussão terá como fundamento um relato que parte de minha perspectiva como estudante da universidade e em artigos que tratam sobre marcadores raciais e sociais, branquitude e gramáticas emocionais. Também me debruçarei sobre os aspectos socioeconômicos e o modo como isto inicia um processo que define as relações sociais e ocasiona segregação na universidade tanto com relação às relações alune-alune quanto de alune-professor. Culminando em uma menor quantidade de oportunidades para todas aquelas que já iniciam na academia tendo que lidar com atribuições de ordens diversas.

Abstract: *The academic world is a space of dispute that to this day has its own tools to control the profiles of people who can attend it. With this in mind, this article proposes to discuss the elements that make up socio-racial segregation in the university environment at UFMG and which culminates in a process of epistemicide within the academic environment. The discussion will be based on a report that starts from my perspective as a university student and on articles that deal with racial and social markers, whiteness and emotional grammars. I will also focus on socioeconomic aspects and the way in which this initiates a process that defines social relations and causes segregation at the university both in relation to student-student and student-professor relationships. Culminating in a smaller number of opportunities for all those who are already starting out at the academy, having to deal with tribulations of different orders.*

INTRODUÇÃO

Zora Neale Hurston, este é o principal nome de todo este artigo e, como tal, muito do que será discutido ao longo deste trabalho tem sua influência. Zora é uma das autoras que pode servir como ponto de virada no que a produção científica realmente significa para mim e sobre quão amplo é este conceito. Em seu currículo, podemos encontrar etnografia, filmagem, escrita e tantas outras formas de produção de conhecimento, todas com seu próprio estilo e forma, sempre fiel a suas crenças. Mas, ainda assim, foi recusada por seus pares enquanto ainda viva e esquecida no curso da história da antropologia. O processo conhecido como epistemicídio, definido por Sueli Carneiro em Dispositivo de racialidade (2023):

Para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, o epistemicídio implica um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo a de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e pelo rebaixamento da sua capacidade cognitiva; pela carência material e/ou pelo comprometimento da sua autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos

povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento considerado legítimo ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado, sequestrando a própria capacidade de aprender. É uma forma de sequestro da razão em duplo sentido: pela negação da racionalidade do Outro ou pela assimilação cultural que, em outros casos, lhe é imposta. Sendo um processo persistente de produção da inferioridade intelectual ou da negação da possibilidade de realizar as capacidades intelectuais, o epistemicídio se efetiva, sobre seres humanos instituídos como diferentes e inferiores racialmente, como uma tecnologia que integra o dispositivo de racialidade e que visa o controle de mentes e corações (Carneiro, 2023, p. 83–84).

No começo do século XX, momento da história em que ela viveu, bastava que as obras que escrevesse não fossem publicadas ou que ela não obtivesse fundos para financiamento de sua pesquisa para que sua produção fosse perdida. No caso de Zora os questionamentos acerca de seu trabalho tiveram como base uma questão de gênero e raça, era impensável que uma mulher negra pudesse ocupar o mesmo espaço que um intelectual branco. As restrições e questionamentos impostos à sua obra se basearam tanto na origem dos financiamentos que recebeu para a pesquisa, o que nunca foi problema para

Guilherme Henrique Silva Santos Graduando em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG.

Contato
guihenrique200@yahoo.com

Palavras-chave:
Zora; segregação; UFMG; gramática relacional; racismo institucional; epistemicídio.

Keywords:
Zora; segregation; UFMG; relational grammar; institutional racism; epistemicide.

1 A linguagem utilizada será neutra a fim de melhor abranger os estudantes.

2 Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008.

3 Lei nº 10.260, de 12 de julho de 2001.

4 Lei nº 11.096, de 13 de janeiro de 2005.

pesquisadores que foram seus contemporâneos, quanto na sua forma de expressão que remete à sua origem negra e ressalta sua cultura. Vale ressaltar que, embora ela tenha sido renegada pela comunidade científica, ela nunca foi abandonada por sua comunidade até o fim de sua vida, como bem descreve Alice Walker (2019) em seu trabalho.

Porém, com o avanço da tecnologia e dos meios de comunicação, esse processo logo se tornaria obsoleto e não seria mais possível manter o monopólio do conhecimento produzido. Foi necessário que esse processo se adaptasse e, com o passar dos anos, o epistemicídio se aprimorou, se tornou um movimento articulado e institucional. Seus elementos passaram a ser instaurados de modo mais precoce, ainda na formação acadêmica dos pesquisadores; logo, todas as pessoas que não pertencem à classe hegemônica e desejam contar suas histórias sofrem com tais elementos. A partir desses novos mecanismos, todas as pessoas não brancas e socialmente marginalizadas são todas conectadas pelas mazelas e violências no meio acadêmico.

Apesar disso, essa conexão que visava rebair indivíduos possibilitou a formação de laços e comunidades que, unidas por suas trajetórias tão semelhantes, descobrem e resgatam personagens que se tornam símbolos de mudança e revolução. Posso dizer que Zora é quem realmente me tensiona para romper com toda a tradição de escrita acadêmica e sem receios ao escrever um texto autoral em conteúdo, metodologia e forma. Se ainda nos anos 30 ela já estava fazendo este movimento de ruptura e expandindo todos os limites do que pesquisar significa, não posso continuar seguindo o cânone estabelecido após conhecer um pouco de sua trajetória.

Somos herdeiros de Zora, resta-nos apenas fazer o que Alice Walker (1944–atualmente) fez ao reviver o trabalho de Zora Hurston (1891–1960), e retomar aquelas que nos precederam e foram silenciadas. Em tentativas de trazer justiça e prestígio àquelas que nos permitiram ter essa abertura para lutar politicamente no meio acadêmico. Ocupar e reivindicar espaços é algo que se apresenta como inevitável após se atentar ao modo como as relações se estabelecem ao passo em que denunciemos toda a estrutura de poder e coerção que cerca a produção de conhecimento.

DEMOCRATIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR

Antes de iniciar a discussão acerca dos métodos e consequências que ocasionam na forma atual do epistemicídio, acredito que seja necessário apontar o processo de transformação do ambiente universitário. No início dos anos 2000, inicia-se um processo de democratização do ensino superior com vistas a uma ascensão do país tanto no âmbito econômico quanto no de produção de conhecimento. Rosana Heringer aponta em seu artigo *Democratização da educação superior no Brasil: das metas de inclusão ao sucesso acadêmico* (2018) as diversas medidas que foram tomadas ao longo dos anos, tais como a

criação e expansão das universidades e Institutos Federais² (IF), além da ampliação do Fundo de Financiamento Estudantil³ (FIES) e a criação do Programa Universidade para Todos⁴ (ProUni) em 2005. Isto abriu as portas para uma nova fatia da população que antes acabava tendo sua educação restrita, na melhor das hipóteses, à conclusão do ensino médio.

A implementação das políticas de cotas ampliou a velocidade de mudança e logo se tornou uma realidade nacional. Estas variam entre diversos aspectos sendo as reservas de vagas mais comuns as que eram direcionadas a estudantes de escolas públicas, cotas raciais voltadas à população não branca, cotas econômicas e, por fim, cotas para PCDs, ou seja, pessoas com deficiência. A Academia passa então a apresentar uma diversidade real no perfil dos estudantes que se matricularam. Essas mudanças possibilitaram mudanças consideráveis nas possibilidades da população menos privilegiada: o sonho da mudança de vida através da educação se tornava possível.

Foi devido a esse processo que consegui ingressar em uma universidade pública no ano de 2018, a política de cotas voltadas às pessoas de baixa renda e provenientes de escolas públicas foi o que me permitiu vislumbrar uma possibilidade real de ter acesso ao ensino de qualidade pela primeira vez. Sem isso, seria impensável pensar que uma aluna não binário, parda/preta, de classe social e econômica baixa pudesse realmente pleitear uma vaga em uma universidade tão concorrida e renomada como a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Sabemos que apenas as cotas não são suficientes para suprir toda a carência que uma vida sem privilégios oriundos de raça e fatores econômicos possibilitam, mas foi o suficiente para que a esperança de um futuro melhor pudesse existir.

Este foi um processo longo com avanços graduais que duraram anos devido à resistência encontrada. As principais delas foram a inversão narrativa e as alegações de favorecimento a determinados grupos. A primeira delas é algo que Grada Kilomba (1968–atualmente) volta sua discussão em *Memórias da plantação* (2019), segundo ela, ao modificar o foco da discussão para a questão dos indivíduos que seriam alvos dessas políticas, aqueles que desejavam manter o status vigente podiam questionar suas reais capacidades e imputar sobre eles dúvidas acerca de merecimento. A segunda alegação para a resistência se entrelaça com a primeira de modo intercambiável, sendo responsável por questionar a lisura de todo este processo. Tal medida não era vista como uma tentativa de equidade ou igualdade e sim como uma nova forma de politicagem para angariar o apoio popular através da concessão de privilégios.

Apesar disso, alguns cursos continuam sendo compostos majoritariamente por estes grupos hegemônicos, principalmente devido à elevada nota necessária para obter uma vaga. Nestes casos, a diversidade das turmas acaba se resumindo às vagas reservadas pelas ações afirmativas.

Fato que, por si só, já impõe barreiras à integração destas pessoas à turma e pode ocasionar uma segregação desde os primeiros momentos do curso. Tal situação invariavelmente se torna uma bola de neve e é isolada cada vez mais. Esse fenômeno, assim como todos os demais processos aqui descritos, provavelmente pode ser encontrado em inúmeras instituições ao longo do país, possivelmente em quase todas elas, visto que a diversidade racial é algo nacional e a desconfiança em torno das políticas públicas de democratização dos espaços acadêmicos é geral.

Entretanto, a fim de não comprometer este artigo ao expandir demais o seu domínio, o restringirei à realidade contida no interior da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Seus arredores e comunidade discente também serão incluídas no artigo devido a ter, ao longo de seu texto, uma parte relatorial a partir de minha própria vivência universitária e comunhão de espaços com estudantes em situações similares às que serão abordadas.

DESAFIOS PARA PERMANÊNCIA

Apesar das novas oportunidades de adentrar o meio acadêmico, isto não é o suficiente para garantir a permanência dentro das universidades. A adaptação ao novo ambiente pode gerar um isolamento muito grande, devido a súbita mudança no grau de responsabilidade e sociabilidade exigidos, visto que boa parte dos estudantes vem de outras cidades e estados. A questão financeira também sempre se faz presente, pois o custo de vida nas proximidades da universidade é consideravelmente elevado, dificultando morar nos arredores do campus. Tendo essas problemáticas em vista, outras medidas são necessárias para tentar garantir minimamente uma perspectiva de futuro e contornar problemas diversos.

Nesse aspecto, a UFMG busca mitigar tais problemas com a existência da Fundação Mendes Pimentel (Fump), uma empresa privada responsável pela assistência estudantil. As assistências são de diversos tipos, tais como bolsas de auxílio financeiro, auxílio manutenção, vale-transporte e redução no valor pago no Restaurante Universitário, dentre outras, além de atendimento médico, psicológico e social. Há ainda, para aqueles em maior vulnerabilidade econômica, a possibilidade de ingresso à moradia universitária, alojamentos gratuitos que são divididos com outros estudantes em situações semelhantes.

Entretanto, os valores destinados a esses programas e bolsas não mudaram na última década e, em determinados momentos, esteve sob ameaça de redução. Paralelo a isso, o custo de vida na capital se elevou muito nos últimos anos, em uma velocidade ainda maior do que o salário mínimo. Para a fatia dos alunos que possuía uma vida econômica mais estável, ou melhor estabelecida, essa mudança não implicou em alterações significativas no modo de vida ou planos para o futuro, mas aumentou a disparidade entre o custo de manutenção e o valor das bolsas de auxílio. Obter novas fontes de renda tornou-se neces-

sário à sobrevivência. Considerando que esses alunos muitas vezes não possuem algum tipo de curso técnico ou disponibilidade para uma jornada tradicional, invariavelmente isto lhes lança em uma parte mais informal do mercado de trabalho, *freelance*⁵ por exemplo, em condições precárias de trabalho.

Existem outras opções para se obter recursos financeiros, como vagas em projetos, iniciação científica ou mesmo trabalhar em alguma das bibliotecas do campus. Entretanto, são coisas que normalmente estão fora da alçada de boa parte das pessoas que estão sendo o foco destes escritos. A concorrência é grande e normalmente o currículo pregresso ao ingresso na faculdade se mostra como algo determinante para definir a ocupação das vagas. Não que isto por si só seja uma barreira intransponível, visto que essas pessoas que adentram a universidade não o fizeram à toa e sim com base em méritos e capacidades, mas é um impeditivo comum para conseguir se estabelecer nesse meio.

Deve-se ter em mente que esses programas são remunerados e que, assim como no caso das bolsas da assistência estudantil, ficaram anos com os valores estagnados, sendo apenas atualizados recentemente, no dia dez de abril do ano passado (10/04/2023), após dez anos sem qualquer mudança, como podemos constatar no artigo *Bolsas da Capes e do CNPq devem ter reajuste ainda em janeiro* (2023) de Heloisa Cristaldo para a Agência Brasil. A principal alteração diz respeito à atualização das bolsas que passaram de R\$ 400,00 (quatrocentos reais) para R\$ 700,00 (setecentos reais), um aumento considerável, mas que não é nem de perto o suficiente para prover algum tipo de segurança financeira ou tranquilidade para o estudante.

A busca desesperada por medidas para se manter na universidade gera preocupações antes e depois de se candidatar a uma vaga de algum programa. A exigência de uma disponibilidade de tempo tão grande já limita bastante a quantidade de candidaturas, mas a possibilidade de ter uma demanda de tarefas muito maior do que seria razoável para o valor pago pelas bolsas é algo ainda mais gritante. Além do mais, existem demandas e serviços que se tornam imprescindíveis para poder se manter na universidade tais como o atendimento psicoterapêutico. Em decorrência disso, a insegurança econômica se faz presente e começa a cobrar seu preço na saúde mental dos estudantes. Esta realidade acarreta em problemáticas distintas e na qual os indivíduos devem ocasionalmente escolher entre: *burnout*⁶, conviver com ausência de oportunidades ou negligenciar seu curso.

A primeira das opções seria optar pela exaustão e todos os problemas de saúde que isso acarreta ao longo do tempo. É o acúmulo de funções dentro e fora da universidade em um nível além dos próprios limites. Encontrar meios de conciliar faculdade com algum trabalho externo ou programa dentro da universidade que tenha alguma relação com a área de estudo (iniciações científicas, estágios, etc.), embora esta seja uma característi-

5 Freelancer é quem trabalha por oportunidade – cada trabalho é atendido eventualmente, e o profissional não mantém relação de trabalho fixa com ninguém. A remuneração ocorre a cada trabalho.

6 Distúrbio emocional com sintomas de exaustão extrema, estresse e esgotamento físico resultante de situações de trabalho desgastante, que demandam muita competitividade ou responsabilidade.

ca que nem sempre é possível cumprir.

A segunda opção se constitui na ausência de oportunidades, materializa-se de um modo distinto onde a mediação é feita levando em conta apenas o trabalho assalariado e manter os estudos, mas que acabam não tendo contato com os projetos devido a incompatibilidade de horários. Ainda neste tópico, existe a alternativa de negligenciar o curso e atuar voltado apenas para a capacitação pessoal. A quantidade de matérias cursadas é mínima com vistas a apenas deter o número mínimo de horas no semestre apenas para conseguir manter o vínculo com a universidade, enquanto tenta se estabelecer profissionalmente na área. O trancamento de disciplinas também ocorre e o foco do semestre se torna conseguir se manter financeiramente através do trabalho.

Por fim, temos a opção de negligenciar o curso, mas esta não é uma escolha que se faz conscientemente. Ela não se caracteriza como algo independente, é consequência das outras duas de modo direto ou indireto. Ao escolher se manter através de alguma das outras duas formas também se escolhe esta e, ao fazê-lo, o objetivo de tantas dificuldades e violências é concluído. Resta apenas a sensação de ter fracassado em seus objetivos, mesmo que nunca tenham lhe dado oportunidades para realmente conseguir êxito neles.

O desgaste no ambiente estudantil e mercado de trabalho cobram seu preço ao longo de todo o período estudantil. O estresse universitário é comum ao ponto de já ter sido alvo de pesquisas que o relacionam com o índice de trancamentos de disciplinas, como no artigo *Trancamentos de Matrícula no Curso de Medicina da UFMG: Sintomas de Sofrimento Psíquico* (2016) escrito em conjunto por Maria das Graças Santos Ribeiro, Cristiane de Freitas Cunha e Cristina Gonçalves Alvim. Embora esse artigo seja referente a um curso específico, o curso de Medicina, pode ser facilmente replicado em quase todos os cursos da UFMG e obter conclusões semelhantes. Esse é um fato que já se tornou parte da realidade universitária devido à alta quantidade de casos deste tipo e, não à toa, é um pensamento comum na comunidade que conseguir se graduar no período regular é algo impensável.

Mesmo em casos mais tranquilos como o meu, em que obtive acesso à moradia no primeiro ano de universidade e fui contemplado com bolsas da Fump, como o auxílio permanência, e em outros momentos, com bolsas acadêmicas, como a bolsa do Programa de Iniciação Científica - Mestrado (PICMe), tive a necessidade de buscar outras fontes de rendas como prestar monitorias particulares ou fazer *freelancers* em bares e restaurantes. Essas bolsas foram o que me permitiram ter um foco muito maior na universidade do que outros que iniciaram em situações semelhantes, mas, ainda assim, é notável os danos que incorreram em minha saúde mental ao longo deste período pelo acúmulo de atividades. Ao passo em que entendo e busco escrever de um local diferente do usual para falar sobre

esta realidade, também é devido a ela que posso estar hoje escrevendo um artigo.

UFMG E SAÚDE MENTAL

"Viver UFMG" é o lema da universidade e que, logo nos primeiros momentos da trajetória na instituição, é bradado aos quatro cantos. Em teoria, ele incentiva que exploremos ao máximo tudo que a universidade nos permite, que nos descubramos dos modos mais inesperados e maravilhosos possíveis, mas isto não se faz presente da realidade. Poucos são aqueles que realmente podem desfrutar da experiência universitária. Basta conviver por algum tempo com os alunos racialmente marcados da universidade e pode-se constatar que "Sobreviver à UFMG" seria um lema mais adequado à vivência de muitos deles. Todas as situações anteriores e outras violências sutis ferem profundamente nossa carne todos os dias, sobreviver é o máximo que muitos conseguem. Isto é, quando conseguem fazê-lo, pois até mesmo isto se mostra complicado.

Não à toa, a UFMG possui uma reputação dúbia para aqueles que a frequentam e que gera sensações distintas por serem tão opostas entre si, embora uma seja consequência direta da outra. Como divulgado pela própria instituição em seu site na matéria *UFMG consolida posição de melhor federal do país na avaliação do Inep* (2024), a UFMG é notavelmente uma das melhores federais do país há muitos anos juntamente com a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com relação à excelência de seus cursos, mas também é um dos maiores "rolos compressores" do país no que tange à saúde mental. A dificuldade dos cursos e a exigência elevada tornam o estresse no campus algo surreal, especialmente no final do semestre com o acúmulo de atividades avaliativas em um curto período de tempo.

Apesar de contar com uma ala de psicologia para atendimento dos alunos, a demanda dos estudantes não é satisfeita de modo satisfatório. São poucos profissionais e uma quantidade muito grande de alunos requisitando atendimento, isso torna difícil manter um acompanhamento adequado e as questões levadas pelos estudantes não são solucionadas em sessão. A pouca diversidade de perfis também impõe barreiras à comunicação, não existem psicólogos negros dentro da Fump e isso inibe os alunos a falarem inúmeras questões por não sentirem que serão ouvidos ou compreendidos. A necessidade de profissionais que também tenham sentido na pele as mazelas que os estudantes sofrem é uma demanda de anos e que nunca foi sanada.

A ausência de representabilidade e acompanhamentos não satisfatórios deixa os alunos à mercê do que lhes ocorre na universidade. Essa problemática aliada com estudos que analisam a importância do acompanhamento psicológico para estudantes universitários, como o artigo *A experiência de estudantes sobre a atenção psicológica disponibilizada na universidade: um estudo fenomenológico* (2015) de Grasiela Gomide

de Souza e Vera Engler Cury, leva à conclusão direta de negligência da universidade. Com isso, existe um aumento grande de pessoas à beira de um colapso na universidade e que se encontram desamparadas pelos órgãos da instituição. O estresse se acumula até que não haja ponto de retorno.

Posso apontar ainda que, nos períodos finais de semestres e de proximidade da divulgação do ranking de melhores universidades no continente, os índices de tentativas de automutilação e extermínio aumentam consideravelmente nas dependências da moradia universitária. E, embora seja uma afirmação forte fazer essa correlação, é complicado dissociar estas duas coisas visto que ocorrem sempre no mesmo período. Ainda mais quando a universidade se movimenta ativamente a fim de abafar esses casos. Esses incidentes aparentam ser o preço que a universidade aceita pagar para manter seu prestígio acadêmico.

READEQUAÇÃO SOCIAL E EXPRESSIVA

Ocupar este ambiente é uma eterna luta contra um sistema que constantemente reafirma que não há espaço para mudança. Ainda hoje ele se baseia e se mantém através da criação de uma emocionalidade negra que se entende como inferior e que deve abandonar suas origens para crescer. Em *Tornar-se Negro* (1990), de Neusa Santos Souza, existe uma série de relatos de pessoas negras acerca de suas vivências e sacrifícios que foram necessários para poderem ascender socialmente e conquistarem seu espaço no mundo. Segundo ela, existem duas estratégias possíveis a serem feitas: ser o melhor ou aceitar a mistificação. Esta última se divide ainda em três possibilidades: perder a cor, negar as tradições negras e não falar sobre o assunto. Mas independente do caminho tomado nunca será possível encontrar alguma satisfação, como relatado pouco a frente por Carmen:

O sentimento de rejeição existe. A nível de existência, no dia-a-dia. Depois que eu adquirir consciência, eu tentei me impor – pelo lado intelectual, que é um modo de competição. A gente tem duas opções pra não se sentir tão isolada: a gente se integra à comunidade negra – e eu já estou fora dela há muito tempo – ou se integra ao meio de dominância branca que não satisfaz. É um lugar onde tudo é uma prova, onde estão sempre te testando. Justamente por ser negro tem sempre a idéia de um merecimento por você estar ali. A gente sempre tem que ter uma justificativa pra dar, por estar nesse meio. E tem o teste pra ver se a gente continua merecendo. A exigência de ser o melhor é pra todo mundo, pra toda a sociedade, mas os negros são aqueles que têm que assimilar isto melhor (Souza, 1990, p. 66–67).

A exigência de perfeição como pré-requisito ao iniciar um novo projeto também não deve ser ignorada, é algo que sempre se faz presente nas relações seja de modo velado ou não. Em *O valor da branquitude: considerações sobre um debate*

pouco explorado no Brasil (2012), Luciana Alves aponta que o lugar da branquitude na produção acadêmica é um local que garante sucesso apesar de tudo, o direito à mediocridade é algo que é inerente às suas trajetórias. A adequação ao molde já estabelecido é extremamente natural e apenas acelera seu processo de inserção e crescimento.

Silva e Passos apontam em *Expressões da branquitude no ensino superior brasileiro* (2021) que, no cenário atual, o ponto de partida das pesquisas sempre se manifesta a partir do ponto de vista do humano universal, do homem branco em detrimento de quaisquer outras possibilidades. Em contrapartida, aqueles que não são contemplados com esta vantagem “natural” desenvolvem pesquisas que se afastam demais dos moldes vigentes e encontram resistências do meio acadêmico. Há também a necessidade de fazer um trabalho com um nível de complexidade maior do que os demais para poder progredir na produção acadêmica e ocupar estes espaços. Equilibrar isto com a necessidade de se adotar a linguagem que é tida como ideal diminuiu ainda mais as escassas oportunidades que surgem. A linguagem científica em boa parte dos casos não é familiar a essas pessoas e seu modo de produzir conhecimento, se tornando um fator que poda a liberdade criativa.

Não raro, pesquisas e projetos acabam tomando rumos completamente diferentes da ideia inicial, mas não devido a uma mudança de paradigma, objeto de pesquisa ou de foco, e sim por uma pressão do próprio meio, devido a falta de tempo ou insegurança sobre poder terminar o trabalho caso toque em algum ponto que não seja pertinente para quem o orienta/coordena. O receio de ser preterido por algum outro estudante com uma maior disponibilidade ou que esteja mais acostumado à forma como as coisas são usualmente tocadas no meio acadêmico, tanto em forma como em linguagem. Não existe uma autonomia real sobre os rumos da pesquisa e isso é algo que sempre paira na mente e que ambos, alune e professor, sabem que será utilizado caso seja necessário. Isso torna os alunes, futuros pesquisadores, em reféns de sua própria pesquisa, dando início a um ciclo que se repetirá inúmeras vezes ao longo de sua formação e trabalhos posteriores.

Permanecer neste espaço se torna complexo e é utilizado como meio para coibir uma conformidade em potenciais pesquisadores. Existe uma crença popular de que existe produção acadêmica suficiente sobre pessoas negras e marginalizadas, um erro crasso visto que a vasta maioria apenas se utiliza desta população como objeto de pesquisa e não possui profundidade. Como discutido por Cida Bento (1952–atualmente) em *Racialidade e produção de conhecimento* (2002), a literatura a respeito é um culto à superficialidade e pouco ou nada diz a respeito das vivências.

A atmosfera opressiva é algo que nunca podemos deixar de lado, assim como a certeza de que esta talvez seja a única forma de conseguir uma melhor perspectiva de vida futura. É deixar,

em nossos lares antecedentes à universidade, a atmosfera de terror que se manifesta inúmeras vezes na forma de uma violência física e ter na universidade a esperança de que ela possibilite vislumbrar alguma luz no fim do túnel. Trocamos uma violência por outra, a física pela afetiva e psicológica, acreditando que seja melhor viver sob as mazelas das novas violências que nos depa-ramos. Entretanto, viver sem estar sob o domínio da violência nunca foi uma opção real para pessoas marcadas socialmente.

Essa ideia é tão inerente às trajetórias que nos esquecemos que viver sob o medo constante é algo que somos ensinadas a aceitar desde a tenra idade e não conseguimos pensar como seria viver sem este peso sobre nossos ombros. Acabamos por ceder a essa fantasia criada socialmente, visto que desde cedo somos bombar-deados com a ideia de que somos inferiores e, como tal, merecemos a realidade opressiva que vivemos.

Vivemos em busca de algo que vemos como essencial para prosseguirmos nossa trajetória. O que esta coisa é de fato, difere para cada um, entretanto, sua existência é inquestionável. Podemos até mesmo descobrir nesse processo que buscamos algo diferente do que tínhamos em mente inicialmente. Para tal, deixamos nossas comunidades, nossos lares, a vida como a co-nhecemos. Extrapolamos todas as muralhas que cercam nossa vida apenas para encontrar muralhas ainda maiores. Encaramos então a dura realidade de que não teremos lugar sem mudar, sem deixar de lado aquilo que nos trouxe até aqui. Pouco se fala de quão doloroso é esse processo de mudança, de como conseguir seu espaço nesse meio requer uma mutilação em sua essência, em um nível que nunca estaremos preparados.

O espaço se tornou acessível e, embora a uni-versidade seja pública, não é de graça e nem será enquanto esse cenário se mantiver. “Faculdade se paga com dinheiro ou com a alma”, não sou capaz de mensurar a quantidade de vezes que eu disse e escutei alguma variação desse lamen-to pelo campus. Até hoje não consigo dizer se é uma forma de mantra para continuar lidando com o meio em que se encontra ou se é apenas um desabafo que conseguimos facilmente nos relacionar e, por isso, se tornou tão popular. De todo modo, a única coisa da qual se pode ter certeza é que ela vai te expulsar assim que você não se encaixar mais nela.

Há de se salientar também a ausência de perspectiva de futuro na universidade. Em quase 6 anos de universidade (desde 2018), dentre todos os professores com os quais tive aulas, houve apenas um professor que não fosse branco, mesmo tendo aula em diversos prédios da UFMG (Icex⁷, DCC⁸, Fafich⁹ e CAD ²¹⁰ e CAD ³¹¹). A mensagem é bem clara a respeito de para qual perfil de pessoas a universidade é entendida e a possibilidade de pessoas que não atendam a este padrão frequentarem a universidade não se restringe apenas aos alunos. Essa questão é uma consequência direta da ausência de possi-bilidades ainda durante a graduação, chegamos

então a um ciclo que se mantém há décadas. Afinal, de que modo seria possível almejar alcançar uma posição de tamanho prestígio se não somos instigados a crescer enquanto estamos nos gra-duando? E como poderíamos ser instigados se não encontramos docentes que possamos nos espelhar?

EPISTEMICÍDIO EM SUA NOVA FORMA E PRO-CESSOS

Todas essas dificuldades impostas à população negra não são meras coincidências. Toda a expo-sição anterior acerca da forma como a realidade de pessoas socialmente e racialmente marcadas são os processos pelos quais o epistemicídio se estabelece atualmente. Cada uma delas caracte-riza uma nova barreira que visa interromper o progresso que leva à produção de conhecimento e assassina brutalmente as diversas formas de expressão e culturas não hegemônicas. Não é ne-cessário fazer conosco o que foi feito com Zora e nos silenciar após conseguirmos produzir, pois hoje já existe uma estrutura institucional bem ar-ticulada que impede que cresçamos. É uma po-lítica que visa manter o conhecimento restrito à elite. É a institucionalização do racismo acadêmico no sentido mais literal possível, como aponta a intelectual Mariléa de Almeida:

Inspirada por essas produções, defino racismo acadêmico como a maneira pela qual aspec-tos estruturais do racismo se expressam nos espaços acadêmicos, em especial nas univer-sidades. Nesse sentido, o racismo acadêmico poder ser compreendido com uma tecnologia de poder cujas práticas de discriminação ra-cial ocorrem de forma velada ou explícita. Esses atos fazem parte do funcionamento institucio-nal que, no Brasil, historicamente se configurou como um espaço hegemonicamente branco e masculino. O racismo acadêmico materializa-se pelas escolhas epistemológicas, pela inexistên-cia de um corpo discente e docente diverso em termos raciais e pela criação de entraves meri-tocráticos/burocráticos/financeiros que dificul-tam o acesso e/ou a permanência de pessoas não brancas, especialmente negras e indígenas, no espaço (Almeida, 2021, p. 99).

O racismo acadêmico impõe uma hierarquia muito clara entre os indivíduos e todas as rela-ções dentro do ambiente universitário. A insegu-rança que tanto foi comentada antes se torna uma forma de terror que paira sobre todas as interações. Isso se inicia na relação com seus semelhantes através do receio de se atrelar ou, melhor dizendo, confirmar a ideia de todos os es-tereótipos negativos que a sociedade prega. bell hooks aponta com “Representações da branqui-tude na imaginação negra” em *Olhares negros: Raça e representação* (2019), o quanto os olha-res são cruciais na linguagem e como por si só transmitem a mensagem de que este lugar não lhes pertence. Não há necessidade de se valer das palavras quando se tem em mãos um poder de coerção que atravessa um indivíduo.

Por vezes pode-se até obter uma anuência

7 Instituto de Ci-
ências Exatas.

8 Departamen-
to de Ciência da
Computação.

9 Faculdade de
Filosofia e Ciên-
cias Humanas.

10 Centro de
Atividades Didá-
ticas de Ciências
Humanas.

11 Centro de
Atividades Didá-
ticas de Ciências
Exatas.

verbal sobre sua presença naquele espaço, mas ela está sempre carregada de um olhar que fere e agride de um modo que talvez sequer fosse possível colocar em palavras. Não se sabe o que pode acontecer com sua pesquisa ou sua chance de obter possibilidades caso por ventura acabe dizendo ou fazendo algo que incomode alguém com poder dentro do departamento do qual se faz parte. Isso também permanece caso se consiga, apesar dos empecilhos, avançar para uma posição de poder/prestígio no futuro, visto a necessidade de manter uma boa relação com seus pares, afinal não se sabe quando esta pessoa será um companheiro de pesquisa ou projeto.

Entretanto, observando todas as situações que cercam o meio acadêmico, acredito que seja seguro poder dizer que esta estratégia de silenciamento se estabelece institucionalmente. Em uma forma de epistemicídio precoce, o racismo se estabelece desde os primeiros momentos de adesão à universidade e todas as situações e burocracias são apenas consequências. Estereótipos acerca da capacidade de pensar e sentir estão sempre como pano de fundo nas discussões acerca da possibilidade de pessoas não brancas produzirem conhecimentos e discorrer acerca de aspectos de sua vida que são tomados como conhecidos pela sociedade. Temos outro trecho em que Hurston destaca o cerne dessas situações:

Mas, para o bem-estar nacional, é urgente perceber que as minorias pensam, e pensam em algo além do problema racial. Que elas são muito humanas e, internamente, de acordo com o dom natural, são exatamente como todos os outros. Enquanto isso não for compreendido, deve permanecer aquele sentimento de diferença intransponível, e a diferença para o homem comum significa algo ruim. Se as pessoas fossem bem feitas, elas seriam exatamente como ele (Hurston, 2019, p. 106).

Retomando a trajetória de Zora e tudo o que lhe ocorreu ao tentar fugir das noções hegemônicas, podemos encontrar um paralelo bem direto com o que ocorre ainda no processo de formação dos estudantes. Ainda em O que os editores brancos não publicarão (2019), podemos ver como este silenciamento se dá após obter algum espaço e voz, a forma como o epistemicídio se estabelece para impedir a publicação de obras sob a justificativa de que a população não está preparada ou não possui interesse naquele conteúdo. Este processo se baseia em uma falta de interesse em conhecer sobre a vida dos outros, por entender que já se conhece tudo que é necessário a respeito de suas vidas.

O fato de não haver demanda por histórias incisivas e completas sobre os Negros, para além da condição de classe trabalhadora, é indicativo de algo de grande importância para esta nação. Este espaço em branco NÃO é preenchido pela ficção construída em torno dos Negros de classe alta, explorando o problema racial. Em vez disso, ele tende a apontar para cima. Um Negro escolarizado ainda não é uma pessoa como qualquer outra, mas apenas um problema mais ou menos interessante

(Hurston, 2019, p. 106).

“Coincidentemente” as únicas histórias com as quais a população não parece estar preparada para lidar são as que são produzidas por pessoas marcadas racialmente e classes sociais mais baixas ou obras que lhes concede protagonismo que vá além de sua dura realidade. O uso de aspas no início deste parágrafo se faz de modo mais do que adequado e necessário. Pessoas com nossa origem, sobrinhas de Zora, não passam de objeto de estudo para a comunidade acadêmica. É um epistemicídio precoce e que se retroalimenta a cada história que é interrompida. A naturalização e romantização das dificuldades da vida que se volta à pesquisa garante que o foco ao apontar quaisquer um destes pontos possa ser rapidamente convertido a um problema global e genérico. Não há necessidade de o ver sob uma ótica sociorracial. O silenciamento das situações garante sua manutenção e, logo, essa questão que deveria ser pauta em inúmeros debates se torna apenas mais um aspecto do que significa “Viver UFMG”.

ZORA NEALE HURSTON, UMA PIVÔ DE MUDANÇA E SEU LEGADO IMATERIAL

Por fim, em contraposição a todo o tom de denúncia e desesperança tomado até aqui, desejo encerrar em uma nota positiva. Apesar de tudo o que foi dito acima e todas as demais razões que eu sequer conseguiria ser capaz de citar, ainda assim persistimos nesta ocupação de espaços e da Academia. No momento em que alguma de nós, sobrinhas de Zora, consegue perfurar esta bolha que separa estes mundos, outras pessoas conseguem acompanhá-las. As dificuldades aproximam as pessoas que passaram pelas mesmas questões e elas encontram alguém com quem podem contar nas dificuldades e comemorar as vitórias.

Por vezes, mesmo uma iniciativa sem pretensões de se tornar algo impactante é suficiente para mobilizar e dar esperanças a uma grande parcela de pessoas de que é possível existir neste meio sem se submeter à tradição hegemônica. A disciplina que deu origem a este texto, “Introdução ao pensamento da antropóloga negra Zora Neale Hurston” (ministrada em 2023/2 na UFMG pelo docente Ruben Caixeta de Queiroz (responsável), em colaboração com as pós-graduandas (mestrado e doutorado pelo PPGAn/UFMG): Rafaela Rodrigues de Paula, Steffane Pereira Santos e Nicole Faria Batista), é um ótimo exemplo sobre como podemos ocupar estes espaços.

Existem razões para acreditar que pode ser melhor, herdamos isto não apenas de Zora, mas de todas que nos precederam e possibilitaram que tivéssemos lugar para escrever, falar e criar enquanto pessoas complexas que somos. Não sabemos quantas pessoas perdemos ao longo da história por fazerem algo semelhante ao que ela fez, mas aos poucos conseguiremos redescobrir todas elas. Até o atual momento não pudemos ter em sala tantas referências e diversidades quanto gostaríamos e precisávamos para que fôssemos a nossa versão completa, nossa versão

mais singular. Porém, podemos nos tornar essas referências para as próximas gerações de herdeiras e este talvez seja nosso maior legado.

“Eu sou sobrinha da senhorita Hurston” (Walker, 2021, p. 112). Eu não poderia deixar de citar neste trecho Alice Walker em *A procura de Zora Neale Hurston* (2021). Seus escritos sobre a sua busca por Zora a materializam como alguém que

nos é próxima e estimada. E, assim como Walker disse que era sobrinha de Zora e, após isso, viu e sentiu que era de certo modo verdade, acredito que esta sensação de proximidade se estabeleceria com todas que a conhecessem. Deste modo, não vejo meio melhor de encerrar isto do que com a frase que lhe abriu meios de encontrar Zora e reivindicar seu legado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Mariléa de. Racismo acadêmico e seus afetos. **História: Questões & Debates**, Curitiba, v. 69, n. 2, p. 96–109, jul./dez. 2021.

ALVES, Luciana. O valor da brancura: considerações sobre um debate pouco explorado no Brasil. **CADERNOS Cenpec**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 29–46, dez. 2012.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Racialidade e produção de conhecimento. In: **Racismo no Brasil**. São Paulo: Peirópolis; ABONG, p. 45–50, 2002.

CARNEIRO, Sueli. Epistemicídio. In: **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CRISTALDO, Heloísa. Bolsas da Capes e do CNPq devem ter reajuste ainda em janeiro. **Agência Brasil**, Brasília, 19 jan. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2023-01/bolsas-da-capes-e-do-cnpq-devem-ter-reajuste-ainda-em-janeiro>.

HERINGER, Rosana. Democratização da educação superior no Brasil: das metas de inclusão ao sucesso acadêmico. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 7–17, jan./jun. 2018.

HOOKS, bell. Representações da branquitude na imaginação negra. In: **Olhares negros: Raça e representação**. São Paulo: Editora Elefante, 2019. p. 294–315.

HURSTON, Zora Neale; BASQUES, Messias. O que os editores brancos não publicarão (Tradução) / Zora Hurston e as luzes negras das Ciências Sociais (Texto de apresentação – Messias Basques). **Ayé: Revista de Antropologia**, [s. l.], v. 1, n. 1, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

RIBEIRO, Maria das Graças Santos; CUNHA, Cristiane de Freitas; ALVIM, Cristina Gonçalves. Trancaamentos de Matrícula no Curso de Medicina da UFMG: Sintomas de Sofrimento Psíquico. **Revista Brasileira de Educação Médica**, [s. l.], v. 40, n. 4, p. 583–590, out./dez. 2016.

SILVA, Priscila Elisabete da; PASSOS, Ana Helena. Expressões da branquitude no ensino superior brasileiro. **Revista Espaço Acadêmico**, [s. l.], v. 21, n. 230, p. 3–24, set./out. 2021.

SOUZA, Grasiela Gomide de; CURY, Vera Engler. A experiência de estudantes sobre a atenção psicológica disponibilizada na universidade: um estudo fenomenológico. **Memorandum: Memória e História em Psicologia**, [s. l.], v. 28, p. 221–239, abr. 2015.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: As Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social**. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

UFMG consolida posição de melhor federal do país na avaliação do Inep. **Universidade Federal de Minas Gerais**, Belo Horizonte, 4 abr. 2024. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/ufmg-consolidacao-de-melhor-federal-do-pais-na-avaliacao-do-inep>.

WALKER, Alice. *À procura de Zora Neale Hurston*. **Ayé: Revista de Antropologia**, [s. l.], Fire!!! Textos escolhidos de Zora Neale Hurston (Edição Especial), 2021.

SOLIDÕES QUE PERPASSAM A PESSOA NEGRA NO ESPAÇO UNIVERSITÁRIO: PERSPECTIVAS E EXPERIÊNCIAS DE ESTUDANTES NEGRAS À LUZ DO PENSAMENTO DE ZORA NEALE HURSTON

Solitudes Experienced by Black Individuals in the University Space: Perspectives and Experiences of Black Students in Light of Zora Neale Hurston's Thought

Resumo: Este artigo explora algumas vivências com enfoque na solidão da mulher negra no espaço universitário, à luz do pensamento de Zora Neale Hurston. Conhecida por sua obra *Their Eyes Were Watching God* (1937) e por suas colaborações à antropologia cultural, Zora contribuiu com uma perspectiva fundamental na compreensão das complexidades raciais enquanto mulher e negra, integrando diversos ambientes, incluindo acadêmicos, predominantemente brancos. Através de uma disciplina optativa, os docentes desenvolveram um breve estudo das camadas de isolamento, exclusão e resistência que marcaram as trajetórias acadêmicas. As solidões experimentadas são multifacetadas, incluindo a invisibilidade dentro da sala de aula, a falta de representatividade no corpo docente e a exclusão de redes acadêmicas. Este trabalho contribui para a compreensão das barreiras ainda presentes no ensino superior e destaca a importância de políticas de inclusão que vão além do acesso, promovendo um ambiente verdadeiramente acolhedor e equitativo, possibilitando não somente a ocupação, mas também a permanência e manutenção nos respectivos espaços. Assim, a reflexão de Zora sobre identidade e resistência cultural, enquanto pesquisadora negra, oferece um quadro teórico essencial para analisar e confrontar essas dinâmicas no contexto universitário contemporâneo.

Abstract: This article explores some experiences with a focus on the solitude of Black women in the university space, in light of Zora Neale Hurston's thought. Known for her work *Their Eyes Were Watching God* (1937) and her contributions to cultural anthropology, Zora provides a fundamental perspective in understanding the racial complexities of being a Black woman integrating into various environments, including predominantly white academic settings. Through an elective course, the professors developed a brief study of the layers of isolation, exclusion, and resistance that mark academic trajectories. The solitudes experienced are multifaceted, including invisibility in the classroom, lack of representation among faculty, and exclusion from academic networks. This work contributes to understanding the barriers still present in higher education and highlights the importance of inclusion policies that go beyond access, promoting a truly welcoming and equitable environment, enabling not only occupation but also permanence and maintenance in these spaces. Thus, Hurston's reflection on identity and cultural resistance, as a Black researcher, offers an essential theoretical framework for analyzing and confronting these dynamics in the contemporary university context.

INTRODUÇÃO

O espaço acadêmico, embora não tenha sido pensado para pessoas dissidentes – neste caso, com enfoque nas dissidências raciais –, está sendo cada vez mais ocupado e transformado por elas. Em termos de acesso, é indiscutível a influência da Lei nº 12.711/2012, conhecida como Lei de Cotas, que desde sua promulgação tem ampliado a entrada de estudantes pretos, pardos, indígenas e quilombolas nas universidades e Institutos Federais. Nós, duas estudantes, mulheres e negras, percebemos tais relações no percurso que traçamos em cursos diferentes, porém bastante próximos. Ao pensarmos na trajetória de pessoas negras em espaços acadêmicos, neste caso, com enfoque nas universidades, esses lugares se configuram como ambientes hostis e solitários.

Esse sentimento de solidão não se relaciona somente com a falta de outras pessoas dissidentes (neste contexto, enquanto dissidência étnica, de gênero, ou racial), mas também com a ausência de discussões e abordagens que de fato abarquem vivências diversas. Ao ingressar na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), esses sentimentos surgiram e, ao longo do caminho, foram experienciados em diversos momentos. Nós, enquanto estudantes negras, traçaremos a discussão a partir de atravessamentos pessoais marcados pela particularidade de cada uma.

A exemplo disso, a produção de Lara de Paula Passos (2017), em que a autora faz uma análise bibliométrica em um curso de graduação, demonstra como as leituras de pesquisadores dissidentes ainda são raras quando comparadas aos demais. É comum serem discutidas somente produções brancas acerca da realidade do mundo,

Joyce de Souza Marrocos
Graduanda em Ciências Socioambientais pela Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG.

Contato
marrocosjoyce@gmail.com

Thamyres da Silva Pacheco
Graduanda de Arqueologia pela Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG.

Contato
thamyrespacheco123@gmail.com

Palavras-chave:
solidão acadêmica; mulheres negras; Zora Neale Hurston; resistência.

Keywords:
academic solitude; black women; Zora Neale Hurston; resistance.

sendo desta maneira moldados o embasamento teórico dos estudantes. Da escrita de Passos (2017), até o momento atual, ocorreram modificações significativas no cenário das universidades, mas permanecemos distantes do ambiente ideal para a permanência e aproveitamento da universidade enquanto um espaço de diálogo e conhecimento sem vieses pautados nos grupos dominantes.

Ainda que o espaço acadêmico esteja relativamente acessível, é preciso ter em mente que embora as políticas de entrada e permanência amenizem parte da problemática, é necessário levar em consideração que existem outros fatores que afetam pessoas negras, entre eles a necessidade de estar ativo no mercado de trabalho, o que muitas vezes não é possível de conciliar com os estudos. Para aqueles que conseguem adentrar, é percebido que a universidade ainda está longe de ser um espaço acolhedor e dinâmico em suas pautas. A experiência motivadora desta escrita parte das vivências em uma sala de aula cuja temática tratou de estudar e discutir coletivamente a vida e as obras de Zora Neale Hurston e suas contribuições enquanto pensadora, tanto para a antropologia, quanto para o estudo de corpos racializados em geral. A partir desses diálogos, ficou perceptível as semelhanças nas experiências de estudantes negros dentro do ambiente em questão, ao passo que essas se apresentavam com nuances diversas em termos de gravidade, consequências e potencial destrutivo.

Ao estarmos inseridos em um espaço de diálogo sobre as experiências negras dentro da universidade, a sala de aula se tornou um ambiente de trocas quanto as dores e conquistas que nos cercam. Foram comuns os relatos sobre pautas e questionamentos feitos a professores e colegas brancos que não receberam a devida atenção. Um desses pontos versa justamente ao que Passos (2017) traz em sua produção: a não leitura de pesquisadores negros. Foi possível visualizar os impactos causados pela prática, na medida que, ao conhecer tais produções, o estudante negro é capaz de se enxergar enquanto uma existência possível dentro da academia.

Ao mesmo tempo, é indispensável mencionar que as vivências negras que muitos de nós pensávamos ser individuais e sentíamos seus efeitos de maneira isolada, ao serem expostas no diálogo, o que se evidenciou foi um leque de semelhanças entre os colegas. A partir disso, o acolhimento das dores e a escuta ativa dos docentes nos levaram a discutir sobre como, ao longo do tempo, a realidade universitária vem se transformando de maneira positiva.

Apesar disso, são comuns os casos de racismo, muitas vezes dentro da ideia de racismo cotidiano (Kilomba, 2019), menos perceptíveis a olhos externos, como, por exemplo, na desvalorização dos trabalhos produzidos por estudantes negros, nas oportunidades ofertadas a estudantes brancos que diferem das ofertadas a pessoas dissidentes, ou ainda na recusa de produção de crítica acerca de contextos que atravessam diretamente nossa existência, como pautas ligadas ao período escravista, racismo ambiental etc.

Com as leituras de Zora, foi evidenciada uma outra camada. De forma um tanto heroica, a autora demonstra através do seu trabalho formas de lidar com conflitos raciais e atingir objetivos desejados. Em suas vivências – distantes temporal e geograficamente, ainda que atravessemos desafios no mesmo âmbito, e não sendo sua tarefa enquanto pesquisadora, principalmente pelo fato de pessoas cis brancas não serem postas sob tal obrigação –, em seu modo de conduzir pesquisas, colocando a antropologia em exercício, Hurston construiu metodologias revolucionárias e plenamente alinhadas com discussões atuais; metodologias essas que são norteadoras para se pensar e produzir estudos científicos de maneira respeitosa com pessoas negras, alcançando de maneira mais satisfatória suas particularidades.

ZORA NEALE HURSTON, SUA INFLUÊNCIA E TRAJETÓRIA

Falar sobre quem foi Zora é um tanto complexo e difícil quando é necessário ser breve. Sua trajetória foi marcada por diversos percalços, em certa medida, baseados no fato de ser uma pesquisadora negra frente ao universo de uma antropologia majoritariamente branca. Este fato não a impediu de traçar um caminho memorável sobre o qual suas feitura, ideologias e tudo que diz respeito à sua passagem pela antropologia levam tempo para serem desfrutados. Cabe mencionar as atividades que vão além da atuação enquanto antropóloga, mas também como cinegrafista, autora, pesquisadora, cantora, dentre outras características, e, sobretudo, mulher negra ocupando esses espaços.

Zora Neale Hurston (1891-1960) foi uma renomada escritora, antropóloga e pesquisadora afro-americana do século XX. Ela é conhecida por suas contribuições significativas para a antropologia e literatura afro-americana, além de realizar a elaboração de muitos filmes documentais como metodologia para registros de campo durante muitas de suas pesquisas. Estudou na Universidade Howard e mais tarde na Barnard College, onde foi aluna de Franz Boas, um influente antropólogo. Suas pesquisas antropológicas incluíram estudos sobre folclore afro-americano no sul dos Estados Unidos e no Caribe.

Apesar das notáveis contribuições, Zora não recebeu o reconhecimento merecido durante sua vida; dentre as várias problemáticas vivenciadas por ela, é fundamental destacar que o racismo foi um dos fatores que mais contribuiu para a sua invisibilidade e apagamento. No entanto, vem se consolidando um ressurgimento do interesse em sua obra, um movimento de reconhecimento de sua figura como uma das vozes mais importantes da literatura afro-americana.

A antropologia foi o ponto de encontro de nossas trajetórias e, sob seus aspectos teóricos metodológicos, o modo como suas pesquisas foram produzidas e transformadas ao longo do tempo se tornou um lugar interessante para tratar de vivências acadêmicas. Com o olhar em certa

medida autoetnográfico (Versiani, 2002), pensar categorias que acionamos, e como articulamos discursos, implica diretamente no que será lido e perpetuado. Rafael de Abreu (2021, p. 65) diz que “materialidades que concretizam o racismo atuam, muitas vezes, no silêncio. São habilidosas, reproduzindo e perpetuando ideias, estereótipos e desigualdades”. Tais situações se materializam também no cotidiano, onde determinados corpos são acionados e validados ao passo que outros são apagados e postos de lado. Dentro de campos científicos, onde o embasamento se dá através de pensadores, ou seja, na reprodução do que foi pensado e elaborado por uma pessoa, isso pode causar forte impacto na permanência e consolidação dentro do campo, como ocorreu com Zora.

Por outro lado, trabalhos ditos clássicos da antropologia foram produzidos em sua maioria por homens brancos, como Franz Boas, Bronisław Malinowski, Clifford Geertz, Alfred Radcliffe-Brown, E. E. Evans-Pritchard, Claude Lévi-Strauss, James Frazer, entre muitos outros que, com suas pesquisas, produziram conhecimentos e métodos de extrema relevância, mas que, ao mesmo tempo, foram feitos sob uma relação que atualmente é alvo de críticas, apesar de permanecerem no cerne das discussões. A ideia da relação pesquisador-pesquisado, embora tenha funcionado para o que propunham a seu tempo, deixou de lado uma série de aspectos que poderiam ter transformado suas pesquisas. Pensar nas pessoas para além do olhar técnico abre espaço para dimensões subjetivas que muitas vezes contêm os verdadeiros traços relevantes ao modo em que as tradições culturais se reproduzem.

Observar o modo com que um certo grupo se alimenta, sem interagir com eles, resultará em uma lista de ingredientes pouco vinculada com o que de fato perpassa tal hábito. Enquanto a interlocução e um diálogo mais próximo destas pessoas pode resultar em narrativas ancestrais sobre consumo e modo de preparo, gerando assim uma gama de informações muito maior. A cultura vai além de hábitos práticos: ela é permeada de elementos intangíveis a posicionamentos distanciados. Muitos desses elementos permanecem assim, ainda que se aproxime das comunidades, pois tratam de conhecimentos formulados e aprendidos ao longo de uma vida, sem que seja possível alcançá-los apenas no decorrer das pesquisas de campo.

Reconhecer e entender até que ponto é possível ir em uma pesquisa e, principalmente, ir até onde as pessoas interlocutoras permitem e desejam que se vá é fundamental ao pensar uma antropologia responsável. Zora Hurston, em suas pesquisas etnográficas, praticava o que chamamos de observação participante, dialogando com os interlocutores e participando ativamente das atividades. Desse modo, estabelecia uma relação mais respeitosa e que se aproximava mais da realidade a ser descrita.

Nas produções literárias, Zora marca suas vivências e, com isso, aponta para característi-

cas distintas que guiam a percepção das pessoas quando as pesquisas são produzidas por e sobre pessoas negras, visto que seus posicionamentos estavam bem demarcados. Como descrito no texto *O que os editores brancos não publicarão* (2019), talvez a forma com que a autora traz seus posicionamentos tenha sido uma das principais razões para seu apagamento, tanto na literatura quanto na antropologia. Mostrar a riqueza cultural e a trajetória de resistência, partindo de dentro e não olhando para os interlocutores enquanto objeto de estudo, como é feito pela autora, vai contra a ideia de pensar esses corpos e existências como o “outro”, como a muito se tentou fazer.

Ainda que se fale no desejo de conhecer mais sobre a população não branca, no período em que Zora viveu, e até mesmo atualmente, as dores e visões estereotipadas parecem mais interessantes do que perceber quão ricas são as culturas. Ver o quanto de resistência tem em sua continuidade e o quanto que, apesar de todas as tentativas de apagamento e extermínio, sobrevivemos conquistando cada vez mais um espaço que é nosso, pode significar à população branca abrir mão de uma superioridade que há muito tenta firmar. Mesmo com toda sua metodologia e resultados que corroboraram para a produção da ciência, Zora teve, ao longo da sua trajetória, e até mesmo além dela, críticas que ultrapassaram o científico, que atravessaram sua existência – como a não publicação de seus trabalhos em função da sua cor, uma vez que as editoras estavam majoritariamente ocupadas por pessoas brancas, fato esse reconhecido pela própria autora e relatado no texto *O que os editores brancos não publicarão* (Hurston, 2019).

Apesar de suas notáveis contribuições para a literatura e antropologia, Zora enfrentou desafios em função do racismo, em parte ao racismo sistêmico que permeava a sociedade naquela época e que não se diferencia em demasia na atualidade. Mas vale ressaltar que o período em que Zora estava atuando foi caracterizado por uma segregação racial profunda: o racismo estava enraizado em várias instituições, incluindo o mundo editorial e acadêmico; muitos escritores afro-americanos enfrentavam barreiras para terem suas obras publicadas e reconhecidas em uma escala mais ampla.

Tal situação configura também aquilo que Grada Kilomba (2019) denomina “racismo cotidiano”, em que o sujeito negro é constantemente colocado no cenário das plantações, sendo negada a humanidade em pleno exercício do direito. No caso de Zora e outros pensadores negros, é negado o lugar de pensador, sendo postos a categorias de seres incapazes de produzir algo socialmente e cientificamente relevante. Sua abordagem autêntica e muitas vezes ousada sobre a vida e a cultura afro-americana, que eram vistas como fora do convencional na época, não se alinhava com as expectativas daqueles que controlavam o acesso aos recursos literários e culturais.

Embora Zora Neale Hurston tenha vivido em uma época diferente, o racismo ainda ressoa nas experiências de pessoas que produzem ciência na

atualidade. Ao estabelecer uma conexão entre Zora e nossas trajetórias contemporâneas, podemos destacar as lutas persistentes contra o racismo no meio acadêmico. Aqui estão alguns pontos de conexão possíveis: da mesma forma que ela teve suas produções e credibilidade questionadas incontáveis vezes, encontramos dificuldade em validar a nossa produção de ciência, pesquisas ou na obtenção de reconhecimento acadêmico, devido ao viés racial persistente no processo de revisão por pares e na estrutura das instituições acadêmicas, especialmente enquanto dissidentes.

Retomando o modo que as pesquisas são conduzidas, embora sejam comuns os estudos sobre povos dissidentes, são poucos os que foram feitos em colaboração. Por esta razão, é comum que esses sejam superficiais, ou que criem imagens estereotipadas dessas pessoas. Aqui, a ideia de colaboração segue o conceito de “Arqueologias Indígenas” ou “Arqueologias Colaborativas” descrito pela arqueóloga Fabíola Silva (2012) que, ao tratar da necessidade de repensar como as pesquisas estão sendo feitas, propõe uma aproximação entre pesquisadores e a comunidade com a qual se irá trabalhar. Desse modo, a proposta aponta para tratativas em que “o objetivo da pesquisa está direcionado para a produção de conhecimento com, para e pelos indígenas e não apenas sobre eles” (Silva, 2012, p. 26).

Nesse mesmo sentido, ao falar sobre os perigos de uma história única, Chimamanda Adichie discorre sobre o quão prejudiciais podem ser os trabalhos em que somente uma das partes da história seja contada e o quanto esse movimento de criação de histórias únicas pode atuar como ferramenta de poder. Desse modo, a autora diz que:

O poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva. [...] Comece a história com as flechas dos indígenas americanos, e não com a chegada dos britânicos, e a história será completamente diferente. Comece a história com o fracasso do Estado africano, e não com a criação colonial do Estado africano, e a história será completamente diferente (Adichie, 2009, p. 12).

Pensar nas descrições tão recentes como as de Silva (2021) e Adichie (2009) colocam uma discussão que interpela a produção de Zora muito além de seu tempo; um exemplo disso é a forma com que conduziu o trabalho etnográfico com Oluualê Kossola. Nesse trabalho, conforme foi possível perceber a partir da leitura, as entrevistas não eram pensadas e realizadas de maneira totalmente estruturada; além disso, os momentos de conversas e as pautas levantadas eram decididas pelo interlocutor em uma dinâmica de trocas. O alinhamento com modos de pensar e produzir pesquisa de Zora e produções recentes vai de encontro ao que Harteman e Moraes (2018) propõem ao tratar da descolonização da arqueologia, em que a inversão se faz completa e se distancia dos modos clássicos da ciência. Nesse sentido, as produções da autora demons-

tram que a frase comum “ser uma pessoa de seu tempo”, dita para justificar posicionamentos racistas, perde força, posto que, ao seu tempo, Zora Hurston mostrou ser possível produzir ciência de outra maneira.

REFLEXÕES A PARTIR DA ZORA

O racismo acadêmico se manifesta de diversas formas, sendo uma das mais críticas a baixa representação de bibliografias de autores negros, especialmente mulheres, nas referências dos cursos – nesse caso, Ciências Sociais e Ciências Socioambientais –, pois, uma vez que se tratam de cursos que integram o gupo de humanas, esperava-se por parte das autoras que apresentassem maior sensibilidade e expertise durante a composição das bibliografias base das disciplinas. Essa lacuna cria um ambiente onde a produção científica de pesquisadores negros enfrenta barreiras significativas para alcançar visibilidade e reconhecimento. Essa ausência de representatividade dificulta a identificação e o sentimento de pertencimento dos estudantes negros no espaço universitário. A escassez de espaços de convívio em que mais estudantes negros estejam inseridos, limita, de forma significativa, as oportunidades de compartilhar experiências e conhecimentos, exacerbando o isolamento e dificultando a formação de redes de apoio fundamentais para o sucesso acadêmico.

Além disso, a dupla jornada de trabalho e estudo – uma realidade para muitos que ocupam a universidade – impede o pleno aproveitamento de oportunidades, como a participação em grupos de pesquisa, programas de iniciação científica e trabalhos de campo, em função da necessidade de conciliar compromissos financeiros e disponibilidade. Essas são algumas das dificuldades estruturais centrais e que comprometem a permanência e a manutenção de estudantes negros na universidade, aumentando a probabilidade de evasão.

Ao longo do percurso do curso de Ciências Socioambientais até o sétimo período – sendo o curso composto por oito períodos –, houve uma lacuna significativa em relação ao conceito e utilização do termo “racismo ambiental”. A ausência de definição sobre o termo despertou uma reflexão sobre as razões pelas quais algo tão crucial não era abordado de maneira mais proeminente no currículo acadêmico e pelos docentes ao ministrar as aulas – incluindo as que discutiam majoritariamente problemáticas que se estabelecem a partir do racismo ambiental, mas que não eram apontadas como tal, ou sequer apontadas como racismo. Há uma importância em popularizar e estudar com profundidade o conceito de racismo ambiental – que denomina a tendência de grupos étnicos originários estarem mais expostos a vulnerabilidades socioambientais (disputa territorial, escassez hídrica, falta de saneamento básico etc.) –, especialmente em um curso que se compromete a correlacionar humanidade e natureza.

Algo bem comum é que, ao determinar patrimônios históricos e culturais durante o processo

de tombamento, alguns casarões e mansões da época da colonização são conservados a fim de preservar e memorar a beleza arquitetônica da época, por exemplo, enquanto os patrimônios que comumente são tombados com a finalidade de estabelecer memórias da cultura afrodescendente são, em sua maioria, espaços que lembram cenários de violência e sofrimento. Ao observar o cenário histórico cultural como um todo, ficam escassos casos que remetem de fato à cultura, suas benfeitorias e as contribuições significativas na construção nacional. Para além dos trabalhos físicos, a população negra atua diretamente na promoção da educação e, demandando a criação de políticas públicas, sabemos que os avanços experienciados hoje não surgem de uma tomada de consciência espontânea, mas da constante luta de populações minoritárias através de organizações sem fins lucrativos e movimentos populares.

A invisibilização destas atividades e das produções de pessoas negras, tanto no passado quanto no presente, estão envoltas em constantes tentativas de manutenção de privilégios da branquitude. Portanto, colocar em pauta discussões e referenciais dissidentes é importante na desconstrução desse cenário, ampliando espaço para a diversidade de corpos e de pensamentos dentro da academia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, o racismo no meio acadêmico se revela de maneiras complexas e multifacetadas e é fundamental que, enquanto pessoas negras integrantes desse espaço, haja sempre reflexão e autoquestionamento de cada detalhe que, por menor que pareça, causa atravessamentos que devem ser igualmente questionados. Mais do que isso, a quem recebe o papel de protagonista e ator principal dessa junta acadêmica (corpo docente e estudantes brancos), que façam dessa participação um diferencial ao incluir e debater essas e as demais questões que reverberam a vivência universitária no que diz respeito a produção e referência científica de autores e pesquisadores negros, especialmente mulheres.

Falar de Zora enquanto antropóloga é um exercício de extrema importância no resgate de sua trajetória. Mas essa importância não se concentra somente em mostrar que, além dos trabalhos literários, ela também produziu pesquisas importantes à antropologia, e sim em mostrar o quanto revolucionários foram seus escritos e que eles têm muito a contribuir para os avanços da antropologia enquanto campo de pesquisa científica e produção de conhecimento. A antropologia, tem avançado rumo a se estabelecer como uma ciência mais diversa, com a atuação de diferentes corpos na sua prática; não mais como objeto de estudo exótico e distante, mas como interlocutores que participam ativamente das pesquisas, como pesquisadores, intelectuais e pensadores destes novos caminhos. Esse movimento não se deu e não se perpetua a partir de autocrítica daqueles já instituídos, mas acontece a partir da demanda das pessoas fora dos grupos social e

racialmente dominantes.

Ao pensar nisso, Zora, na forma com que produziu suas pesquisas, mostra-se como uma importante referência metodológica para o que se pretende em estudos antropológicos colaborativos e decoloniais. Zora Neale Hurston, mulher negra, enfrentou uma série de desafios e violências em seu percurso, mas hoje é referência e esperança à possibilidade de que pessoas diversas pensem a academia como um espaço em que, apesar de desafiador, é possível. Que a Ciência com letras maiúsculas não seja feita sobre nosso povo, mas que seja com, para e pelo nosso povo. Embora estejamos longe de viver a universidade em sua plena diversidade e pluralidade, o aumento significativo de participações dissidentes nesse espaço – aprendendo, produzindo, sendo lidos e ouvidos – permite que seja possível esperar futuros em que o cenário seja diferente, que não nos percamos no caminho. “Nada sobre nós, sem nós” (Evaristo, 2023).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- EVARISTO, Macaé. **Realizamos na Comissão de Educação uma audiência pública [...]**. Belo Horizonte, 21 set. 2023. Instagram: @macaeevaristo. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/Cxc_Zu4OihS/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em: 03 dez. 2023.
- HARTEMANN, Gabby; MORAES, Irislane Pereira de. Contar histórias e caminhar com ancestrais: por perspectivas afrocentradas e decoloniais na arqueologia. **Vestígios – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, [s. l.], v. 12, n. 2, p. 9–34, 2022.
- HURSTON, Zora Neale; BASQUES, Messias. O que os editores brancos não publicarão (Tradução) / Zora Hurston e as luzes negras das Ciências Sociais (Texto de apresentação – Messias Basques). **Ayé: Revista de Antropologia**, [s. l.], v. 1, n. 1, 2019.
- HURSTON, Zora Neale. Introdução. In: **Olualê Kossola: As palavras do último homem negro escravizado**. Rio de Janeiro: Record, 2021.
- KILOMBA, Grada. Quem pode falar?. In: **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. p. 47–70.
- PASSOS, Lara de Paula. Gotas de um oceano: uma análise bibliométrica feminista de um curso de graduação. **Revista de Arqueologia**, [s. l.], v. 30, n. 2, p. 130–144, 2017.
- ANDRÉA SILVA, Fabíola. O plural e o singular das arqueologias indígenas. **Revista de Arqueologia**, [s. l.], v. 25, n. 2, p. 24–42, 2012.
- SOUZA, Rafael de Abreu e. Materialidades discriminatórias: racismo concretizado no cotidiano. **Tessituras, Pelotas**, v. 9, n. 1, p. 63–91, jan./jun. 2021.
- VERSIANI, Daniela Beccaccia. Autoetnografia: uma alternativa conceitual. **Letras de Hoje**, [s. l.], v. 37, n. 4, 2013.

"MAS EU NÃO SOU TRAGICAMENTE UMA PESSOA DE COR"¹: REFLEXÕES SOBRE IDENTIDADE E RELAÇÕES DE PODER NO PENSAMENTO DE ZORA NEALE HURSTON

"But I am not tragically colored": reflections on identity and power relations in the thought of Zora Neale Hurston

Resumo: O presente ensaio pretende discutir a partir dos textos "Como eu me sinto uma pessoa de cor" (Hurston, 2021a) e "O sistema 'negro de estimação'" (Hurston, 2021b) parte do pensamento da antropóloga negra Zora Neale Hurston e suas contribuições ao campo de estudos das relações de poder. O fio condutor do ensaio será as discussões propostas a partir de (Hurston, 2021b), de maneira a entender como esta é uma análise que consegue complexificar a relação racial – demarcando um sistema que possibilita diferentes possibilidades de relações de poder, sem negar as assimetrias e violências que perpassam a racialização dos sujeitos, mas com um olhar atento àquilo que escapa ao maniqueísmo dicotômico. Por outro lado, argumento que essa preocupação analítica sobre como se estrutura o racismo no Sul dos Estados Unidos na primeira parte do século XX só se torna possível a partir da autopercepção de Hurston sobre sua condição de humana marcada enquanto pessoa negra (Hurston, 2021a).

Abstract: This essay aims to discuss, based on the texts "How It Feels to Be Colored Me" (Hurston, 2021a) and "The Pet Negro System" (Hurston, 2021b), part of the thought of Black anthropologist Zora Neale Hurston and her contributions to the field of power relations studies. The main thread of the essay will be the discussions proposed in (Hurston, 2021b), in order to understand how this analysis manages to complexify racial relations—marking a system that enables different possibilities of power relations without denying the asymmetries and violences that permeate the racialization of subjects, but with a careful eye on what escapes dichotomous Manichaeism. On the other hand, I argue that this analytical concern about how racism is structured in the Southern United States in the first part of the 20th century is only possible from Zora's self-perception of her condition as a human marked as a Black person (Hurston, 2021a).

INTRODUÇÃO

Tenho em mim, como todas as outras pessoas negras deste país, as marcas de um processo de racialização (e assim, de poder) que é externo à minha vontade. Tenho tirado de mim o sentido universal da humanidade e marcado a particularidade do diferente. E assim, enquanto um pesquisador em formação, que não por acaso é negro, tenho uma quase necessidade de pesquisar temáticas racialmente informadas. Nas idas e vindas da formação acadêmica, tive acesso às obras da antropóloga Zora Neale Hurston, em uma matéria que agora passa a compor este dossiê com seus trabalhos finais², e nela reencontro um caminho, ou melhor, um olhar, sobre as relações raciais que deverão me acompanhar enquanto a pesquisa ainda me for uma opção.

O presente ensaio-resenha pretende discutir a partir dos textos "Como eu me sinto uma pessoa de cor" (Hurston, 2021a) e "O sistema 'negro de estimação'" (Hurston, 2021b) parte do pensamento da antropóloga negra Zora Neale Hurston. Interessado no campo de estudos sobre relações de poder, o intuito desta escrita é trazer à cena como a discussão realizada por Hurston traz um olhar sobre as relações raciais³ que não cristaliza o ser negro às suas mazelas, pelo contrário, subverte o debate ao conferir pluralidade aos seres negros, negando assim, a mazela como condição básica e dada de antemão, sejam nas análises

científicas ou ainda na reificação do negro a partir do olhar do branco, da vida de todas as pessoas negras.

Nesse sentido, o fio condutor do ensaio será as discussões propostas a partir do texto do "O sistema 'negro de estimação'" (Hurston, 2021b), de maneira a entender como esta é uma análise que consegue complexificar a relação racial – demarcando um sistema que possibilita diferentes possibilidades de relações de poder, sem negar as assimetrias e violências que perpassam a racialização dos sujeitos, mas com um olhar atento àquilo que escapa ao maniqueísmo dicotômico. No entanto, anterior a esta discussão, pretendo argumentar que essa preocupação analítica sobre como se estrutura o racismo no Sul dos Estados Unidos na primeira parte do século XX só se torna possível a partir da autopercepção de Zora sobre sua condição de humana marcada enquanto pessoa negra (Hurston, 2021a).

"A OPERAÇÃO FOI BEM SUCEDIDA E O PACIENTE ESTÁ indo BEM, OBRIGADA"⁴

Quando contemporaneamente pensamos em identidades, pensamos de maneira relacional, contextual e contingente (Hall, 2000; Haraway, 2009; Brah, 2006), ou ao menos deveríamos pensá-las assim, suspeito. Mas há algo que foge às discussões teóricas, ainda que por elas eu me en-

Pedro Lima Martins de Souza
Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Contato
pedro_limamartins@hotmail.com

Palavras-chave:
Zora Neale Hurston, Identidade, Relações raciais e Relações de poder.

Keywords:
Zora Neale Hurston, Identity, Racial relations and Power relations.

1 Hurston (2021a, p. 47)

2 E aqui fica o agradecimento às Professoras da matéria. Pelo zelo com o fazer acadêmico, com o fazer científico e pelo tensionamento de uma estrutura racialmente estabelecida como a universidade. Mas principalmente por me apresentar uma autora da envergadura de Zora Neale Hurston, em um movimento que talvez não me fosse oferecido em outro contexto se não por professoras negras e/ou com apoio de pessoas brancas aliadas.

3 Aqui visto como inerentemente relações de poder.

4 Hurston (2021a, p. 48)

5 Zora Neale Hurston compõe seu próprio tempo assim como o mais reacionário de sua época, bem como nós compomos o nosso tempo de maneira diversa. E negar isso, faz do elogio a pessoa analisada também uma possibilidade de desculpa pela mediocridade e cumplicidade de outros que a ela foram contemporâneos.

6 Hurston (2021b, p. 93). A proposição dela, ainda que num tom crítico, de propor uma possível abertura de vida às pessoas negras do sul estadunidense, causa reações de revolta, ela deve ter bebido vinho ou sido picada por uma cobra para tal devaneio.

contre e oriente, há ainda em mim, aquele que escreve esse texto, um incômodo (que não é sequer único, mas que, como com outros, me traz à reflexão): como superar o dilema de que ao falar de vida, ou de possibilidades de felicidade para uma pessoa negra frente a um contexto histórico e atual de sujeição racial, não seja uma forma de reduzir ou tirar a centralidade do racismo?

Como eu disse, esse incômodo sequer é único e muito menos restrito ao hoje: em um contexto de forte segregação racial como o estadunidense do início do século passado, alguns autores negros pareciam incomodados com a forma com a qual Hurston escrevia seus textos, seja por uma possível exotização dos negros para um público branco fascinado ou ainda, e aqui mais alinhada à nossa discussão, por minimizar a seriedade do preconceito racial nos Estados Unidos (Alves; Ferreira; Santos, 2019). Acredito eu, no entanto, que se a autora não nos dá a resposta de como superar esse dilema, ela nos aponta o caminho em "How it feels to be colored me [1928]" (2021a). Aqui trago o título em inglês para lembrarmos que ela nos aponta que o processo de racialização é sempre externo e imposto, não foi ela que se coloriu, ela foi colorida.

O preconceito racial não é menosprezado quando Hurston nos diz que ela "não é tragicamente uma pessoa de cor" (*ibid.*, 2021a, p. 47), nem quando ela se afirma empolgada com suas possibilidades de vida após seus antepassados terem sido escravizados, ou mesmo quando nega ser da (sofrida) escola da vizinhança negra que vive por reafirmar seu sofrimento. Pelo contrário, há em sua celebração e ironia diante da vida uma negação absoluta ao local que se quer a ela imposto. Há em sua estima enquanto pessoa, uma reversão frente ao racismo que talvez, o local da denúncia, por si, não consiga alcançar. Pois é nessa ousadia que Hurston consegue ela mesma fazer do branco o outro, pelo menos é o que ela tenta nos passar: assim o fez quando ainda criança (antes de ser negra) e assim o fez quando uma mulher negra. Se não, o que seria então os momentos nos quais ela trata os viajantes brancos enquanto seres observados de sua infância, ou mesmo seus relatos sobre como um amigo branco não conseguia sentir o *jazz*?

Discussões contemporâneas, às vezes são pessimistas sobre as possibilidades de enfrentamento ao racismo por meio da reafirmação da raça, como faz Mbembe (2018) ou ainda, um pouco antes, também críticos a uma noção de raça essencializada (Hall, 2003) e apontam que talvez outros paradigmas de análise e de luta precisam ser pensados. Mas em 1928, quando Hurston minimiza supostamente o preconceito racial, ela também "se apresenta como um indivíduo universal, que por acaso é negro, e que vê na cor de sua pele sua própria individualidade e originalidade" (Alves; Ferreira; Santos, 2019). Portanto, se há uma negação do problema, esta se dá de maneira mais ou menos consciente de um problema que precisa ser enfrentado de uma forma que não reafirme uma posição de sofrimento.

Assim, gostaria de pontuar Zora Neale Hur-

ston, não como uma mulher à frente do seu tempo⁵ por trazer discussões também neste sentido, mas como uma pessoa de seu tempo que tem discussões que são ainda hoje centrais, devido tanto a qualidade dos seus escritos quanto ao atraso do escrito dos outros (este atemporal). Mas de volta aos "outros paradigmas de análise e de luta que precisam ser pensados", é no "O sistema 'negro de estimação'" (Hurston, 2021b) que quero agora voltar à atenção.

"TALVEZ ELA TENHA BEBIDO UM VINHO NOVO QUE PICOU-A COMO UMA COBRA?"⁶

Em "O sistema 'negro de estimação'" (Hurston, 2021b), Hurston tenta fazer uma análise de como se estruturava as relações raciais no sul dos EUA, local conhecido pela forte segregação racial e situação de vulnerabilidade do negro. Já no título de seu escrito fica evidente uma contradição que nos parece central, sendo o negro sujeito à estima do branco, ele seria passível de humanidade, mas, sendo ainda um negro de estima, ("Pet Negro") seria sua estima equivalente à de um animal? Bom, acredito que a ironia serve a ambos os extremos da contradição, a proposição de Hurston tanto desnaturaliza o que seria uma guerra das raças, quanto demarca firmemente que este é um sistema de poder e que o sujeito que, à priori, é detentor de estima a se distribuir é o branco. Nesse sentido, a partir desta contradição a autora consegue propor uma abordagem que complexifica as relações de poder, ou mais especificamente as relações raciais.

Mais interessado do que entender como opera o sistema negro de estimação proposto pela autora, estou interessado nos pressupostos dos quais partem Hurston. "Acontece que há mais pontos de vista racial nesse negócio de adscrição do que já se foi colocado para o público, branco, preto ou misturado" (*ibid.*, 2021b, p. 93). Ou seja, a análise da relação de poder não está dada de antemão, a sujeição/adscrição racial pode tomar outras formas que não aquelas já então debatidas, e isto deve ser observado conjunturalmente e sem moralismo, segundo a autora. Caso contrário, há de se conformar inclusive com a ineficácia de um discurso político que não leve em consideração nuances específicas que escapam "à retórica dos campeões da causa negra" (p. 93).

Neste sentido, o interesse se firma nos pressupostos analíticos antes do que na própria análise em si, por entender que estas conjunturas não são replicáveis em diferentes espaços e muito menos em diferentes tempos, já os pressupostos podem e devem ser levados à diante. Não ao contrário, entendo que análises contemporâneas das relações de poder, sejam elas quais forem, são mais ricas quando analisam a construção tanto das identidades quanto das assimetrias de poder construídas em processo e localizadas historicamente e contextualmente (Mohanty, 2020; Brah, 2006).

Dito isso, ainda assim, considero importante, mesmo que apenas em caráter de exemplo, pontuar de que maneira a análise feita por Hurston traz à tona outras questões em torno das rela-

ções raciais naquele contexto. Na minha leitura, o ponto central da análise parte da percepção da autora que as relações raciais no Sul dos EUA se conformam de maneira distinta da outra parte do país⁷, e isto se daria pela maneira como o Sul é marcado antes por uma preocupação que diz respeito ao indivíduo em si frente a um norte pretensamente preocupado com o coletivo. A partir deste momento, a análise passa a propor que relações estabelecidas em pequena escala, par a par, poderiam ser concebidas alguma espécie de estima por parte do sujeito branco por um sujeito negro, sem assim transpor o racismo da sociedade, pois essa relação só se estabeleceria especificamente.

Este sujeito negro que, porventura, viesse ter essa admiração de um branco específico, seria ali considerado um humano, ainda que todos os outros não fossem. O pulo do gato na análise da autora é que, desta maneira, ela consegue transpor uma difícil barreira que é a de analisar uma estrutura (por isso ela está discutindo um "sistema") ao passo que se observa como essa estrutura é construída em processo a partir dessas relações "individuais". Fora o mérito de ser ela bem-sucedida ou não em sua empreitada, apenas a percepção de que é necessário observar as duas frentes já é de se saltar os olhos. Ainda nessa análise, ela consegue pontuar alguma autonomia do sujeito negro que está em uma posição de vantagem sobre os demais, e como este muitas vezes escolhe estar ali. Sendo assim, Hurston está falando que existem negros bem-sucedidos no sul dos EUA e denuncia, ao mesmo tempo, o olhar exotizante dos brancos do norte que olham para os negros do sul com a condescendência de que ali há apenas miséria e sofrimento.

Por outro lado, ainda dentro da análise do contexto, a autora consegue pontuar o porquê mobilizações políticas que se pautem apenas a partir do desentendimento e da denúncia do outro como inimigo serão sempre falhas, pois desconsideram relações de amizade e de estima construídas entre as distintas pessoas. Por fim, ironicamente, ao mesmo tempo que ela aponta como as pessoas negras muitas vezes não se revoltam por terem elas próprias consciência de como o sistema negro de estimação é maleável, é neste mesmo sistema, nos quais algum tipo de estima é possível, que talvez exista alguma esperança de paradigma frente a sujeição racial.

"(...) ESSES NEGROS EM SITUAÇÕES CONFORTÁVEIS E SATISFEITOS SÃO TÃO REAIS QUANTO OS NEGROS": CONSIDERAÇÕES FINAIS

Feita breve discussão, o intuito da escrita deste ensaio/resenha é de destacar que há aqui uma continuidade de pensamento: sendo o "Como eu me sinto uma pessoa de cor" originalmente escrito em 1928 e "O sistema 'negro de estimação'" escrito em 1943, reafirmo que a sua concepção de não homogeneidade da vida de pessoas negras e de, inclusive, pessoas negras bem sucedidas em contextos de forte preconcei-

to racial só se torna possível de conceber a partir do momento em que 15 anos antes a autora já trilhava um caminho no qual se negava a conceber sua humanidade restrita à seu processo de racialização.

Por fim, é espaço para se pensar ainda em outras questões não debatidas, como, por exemplo, a discussão feita por Hurston (2021b) sobre como a representação política negra muitas vezes pode ser dada de maneira a privilegiar algum indivíduo negro e não a comunidade negra, sendo este lugar de representação institucional ou não. É espantosa a atualidade das questões levantadas pela autora. O desafio é pensar a partir de então o nosso contexto de relações raciais informado também pelo seu pensamento.

7 Aqui não entrarei no mérito da questão, pois não conheço o contexto nem os estudos da época.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Érica Fernandes; FERREIRA, Geniane Diamante Ferreira; SANTOS, Célia Regina dos. Identidade e subjetividade no ensaio *How it feels to be colored me*, de Zora Neale Hurston. **Revista Humanidades e Inovação** – Literatura Moderna e Contemporânea: Paisagens Culturais de Classe, Gênero, Etnia e Pós-Coloniais II, Palmas, v. 6, n. 5, p. 42–50, 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/1016>.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, n. 26, p. 329–376, jan. 2006.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX. In: TOMAZ, Tadeu (org.). **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 37–129.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 103–133.

HURSTON, Zora Neale. Como eu me sinto uma pessoa de cor. **Ayé: Revista de Antropologia**, [s. l.], Fire!!! Textos escolhidos de Zora Neale Hurston (Edição Especial), 2021a. Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/Antropologia/article/view/658>.

HURSTON, Zora Neale. O sistema “negro de estimação”. **Ayé: Revista de Antropologia**, [s. l.], Fire!!! Textos escolhidos de Zora Neale Hurston (Edição Especial), 2021b. Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/Antropologia/article/view/652>.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. [S. l.]: n-1 edições, 2018.

MOHANTY, Chandra Tapalde. Sob olhos ocidentais: Estudos feministas e discursos coloniais. In: MOHANTY, Chandra Tabalde. **Sob olhos ocidentais**. Tradução Ana Bernstein. Rio de Janeiro: Zazie Edições, 2020, p. 7–34.

CARTA (PARA) SOBRE ÊS NECESSIDADES¹

Letter (to) about needs

Resumo: As palavras entrelaçadas a seguir tratam-se de um esforço, tomado como ensaístico, dedicado a pensar como a branquitude aciona a caridade enquanto uma instituição de biopoder na manutenção de seus privilégios. Engatilhado pela provação de Zora Neale Hurston acerca do que nomeou como “Sistema ‘Negro de Estimação’” ocorre, aqui, um desejo de refletir como o caso de racismo vivenciado pelo entregador Max ngelo fora abraçado pela branquitude brasileira de forma a não desestabilizar as égides da Casa Grande, fazendo-a parecer o lar de bondade que pretende gerar na estima um senso de dívida e de gratidão.

Abstract: The following intertwined words are an essayistic effort dedicated to thinking about how whiteness uses charity as a biopower institution to maintain its privileges. Engendered by Zora Neale Hurston’s proof of what she called the “The ‘pet negro’ system”, there is a desire here to reflect on how the case of racism experienced by delivery man, Max ngelo, was embraced by Brazilian whiteness in such a way as not to destabilize the aegis of the Big House, making it seem like the home of kindness that aims to generate a sense of debt and gratitude in esteem.

INTRODUÇÃO



Figura 1. A Santa Ceia de uma família de bem.
Fonte: Colagem digital autoral

Irmãos e irmãs, retiro meu texto nesta manhã do Livro de Dixie. Aqui tomam forma o meu texto e meu tempo. Agora está escrito aqui: ‘E todo homem branco possuirá a autorização para domesticar um Negro. Sim, ele tomará um homem negro para si próprio para acariciar e estimar, e esse mesmo Negro será perfeito aos seus olhos. Nem o ódio entre as raças dos homens, nem as condições de luta nas cidades muradas, diminuem o orgulho e prazer em ter seu próprio Negro.’ (Hurstons, 2021, p. 92).

Escrever uma carta demanda a revelação de a quem se remete. Então, para quem escrevo? Quem são os necessitados de que falo? Por que falo? Por que escrevo? Escrevo para enunciar o desconforto com quem diz ajudar, com quem na estima da caridade quer nos tornar estimação.

Não estou a falar de planos conspiratórios e maquiavélicos, desejo ir além do que essas palavras podem circundar. Quero falar de uma cena para a qual parecemos retornar em constância, a reencenação colonial (Kilomba, 2019).

O Negro de estimação, querido, é aquele que um ou mais brancos, em particular, aspiram ter para que façam todas as coisas proibidas

aos outros Negros. Pode ser tia Sue, tio Stump ou o homem negro à frente de alguma organização Negra (Hurstons, 2021, p. 93).

Negros de estimação. Sei o quão desconcertante pode soar esta expressão. Não foi fácil degluti-la quando Zora Neale Hurston a apresentou para mim. Em algum lugar de mim, isto ressoava como um desaforo para o qual não sabia como responder. Terá sido eu uma negra de estimação? A quantos brancos servi ou ainda estou servindo?

Quando mais me aprofundei nas camadas escritas por Zora, entendi que não eram essas perguntas que ela esperava de mim. Penso que parte do meu incômodo vinha de um desejo em negar uma serviência que me reinserisse nas tramas da colonialidade. Queria me sentir desvencilhada, não mais refém e sim, liberta. Foi isso que conseguimos, não? Liberdade. Por que ainda, então, não me sinto livre?

Ao mesmo instante que desejava expurgar essa expressão, ela me atraía. Como consegue essa comportar uma palavra – estima – e seu desdobramento – estimação – com semânticas tão avessas uma à outra. Quando a ação da estima se torna uma prisão?

Havia manifestado o meu anseio em discorrer sobre a caridade aqui, penso que essa ação de estima, nas mãos alvas que se erguem aos corpos alvos necessitados, possa pertencer a uma rede de mecanismos que ambicione odisséias sobre brancos heróis e seus negros estimados, mantendo assim a lógica natural de quem pode dar e quem poder receber.

Para isso, careço fazer um relato:

Certo dia, uma mulher branca caminhava tranquilamente nas calçadas do Rio de Janeiro, até que se depara com um corpo indulgente, um corpo negro, de um homem negro, um insulto a sua vida. Na ausência da fragilidade que lhe é esperada e permitida, decide resolver o que lhe incomoda, este corpo negro a vagar pela rua. Ela o açoita, em público, diversas vezes. Estar entre

Luana Rodrigues Nascimento
Graduanda em Arqueologia na Universidade Federal de Minas – UFMG.

Contato
rodriguesnc.luan@gmail.com

Palavras-chave:
branquitude; caridade; racismo.

Keywords:
whiteness; charity; racism.

1 Buscará ao no decorrer do texto fazer uso da linguagem neutra tendo como referência a produção de Gioni Caê de forma conjunta à coletiva Frente Trans Unileira – Manual para o uso da linguagem neutra em língua portuguesa (2020) –, em que se sugere a alteração dos artigos definidos com marcação binária de gênero por ê/ês, sendo que o acento circunflexo é acionado como forma de diferenciar da conjunção ‘e’. Também se faz a ressalva de para aquelas pessoas para as quais se conhece sua identificação com a atribuição gênero feito, optará pela permanência da grafia relacionada.

outros não a constrange, quem se preocuparia com um homem negro com seu corpo-ameaça? A atitude da sinhã foi justificada por uma ausência de consciência – pobre dela – e ela pode sair da instituição que a deveria punir com o mesmo caminho leve que antes. A sinhã precisava de um corpo negro para aliviar a raiva e o desprezo que sente por todos os parecidos com ele.

A reencenação é contínua, nossos corpos negros sabem disso, embora vocês brancos queiram passar despercebidos dela. Apenas estamos inseridos nela constantemente porque somos trazidos por vocês, que em seus pactos narcísicos (Bento, 2002) detêm uma particular recusa em abandonar aquilo que lhes privilegiam, o que as brancuras de suas peles ofertam.

A branquitude tem um certo fascínio e fetiche pela exposição de nossos corpos diante das violências, consomem com constância pornografias da nossa dor. As filmagens que expõem a violação a Max ngelo Alves dos Santos, vítima da sinhã, foram amplamente reproduzidas, várias curtidas, várias notícias. Na maioria delas, apenas à sinhã foi dado direito de ter um nome, de ser adjetivada como humano, uma mulher. Max era o entregador, o motoboy. Max era a redução de uma função, de corpo de trabalho, nunca alguém, nunca um ser (Carneiro, 2023). Quem somos a não ser pobres negres?

O que choca aqui: o nível de violência contra a vida de Max ou a quebra de expectativa quanto ao comportamento supostamente frágil da sinhã? É interessante pensar a articulação dos discursos das emoções em situações como essa. A surpresa de pessoas brancas com uma das suas açoitando um homem negro em meio público é um rompimento na matrix de uma narrativa fantasiosa de um país da diversidade, onde brancos, negros e indígenas vivem felizes e cantam uma bela canção. Uma trinca na ficcionalidade da democracia racial. Força as pessoas a terem que lidar com quem quer que seja indizível, o racismo. Curioso o espanto de certas pessoas brancas que de suas casas mantêm subempregadas diversas das nossas em quatinhos de empregada, suas novas senzalas.

Não é só no açoite que se faz uma sinhã e um senhorzinho.

Haja visto a fratura na matrix racial, o que fazer, como reparar, como fazer a Casa Grande ninar em paz outra vez (Evaristo, 2007; 2017), sem necessitar pensar em como fazer parecer que se preocupam com os corpos negros estirados no chão? Caridade parece ofertar uma generosa solução, atraí atenção, um nível grandioso de curtidas, um bom anestésico midiático. O que um homem negro violentado precisa? O que nós precisamos, bons brancos?

Com o passar dos dias, com o passar das curtidas, fomos “surpreendidos” com a generosidade de dois bons senhores brancos que decidem promover uma campanha para arrecadar um montante de dinheiro, sendo adquirido no final um valor de 240 mil reais. Além disso, Max

recebeu gentilmente de um desses senhores uma cesta básica bem como uma motocicleta e uma bicicleta elétrica da empresa IFood para a qual ele já vendia sua força de trabalho. É este que nos dignifica, não? É disso que precisamos. Devemos agradecer, que outro negro receberia tão grandiosa ajuda e cuidado?

Antes que pensem, não sou contra atitudes que proporcionem o mínimo de dignidade às pessoas – se é essa obviedade preciso dizer – estamos em constante luta para isso. Entretanto, coloco em questão um ponto, o que está em evidência nas narrativas desses gestos: Uma busca pelo entendimento como combate ao sistema que precariza e gesta as vidas negras a partir de subalternização e morte ou a generosidade de duas pessoas brancas?

“Juntos, vamos comprar uma casa para o Max, entregador agredido no Rio de Janeiro. A nossa missão é dar um final feliz para a história do Max ngelo dos Santos! Juntos, vamos conseguir amenizar a dor deste pai de família.”

“Acreditamos que o brasileiro é, acima de tudo, um povo justo e solidário e irá abraçar essa missão! Contamos muito com o apoio de todos vocês!”

Trechos retirados da página destinada a arrecadação de dinheiro para Max ngelo Alves dos Santos

“Famosos apoiam e vaquinha virtual para entregador ‘chicoteado’ ultrapassa objetivo”

Headline da página Revista Fórum, 2023

“Atitude tomada por Luciano Huck explode e faz vida de entregador do RJ mudar para sempre”

“Luciano Huck surpreende com atitude comovente com um entregador que teve uma grande reviravolta em sua vida.”

Headline da página TV Foco, 2023



joaovicente27 • Essa semana encontrei o Max esse ser humano incrível que foi covardemente agredido por uma Racista em São Conrado. Conversei com ele, perguntei qual era seu sonho e ele disse na hora: Sair do aluguel. Portanto abrimos uma vaquinha (link nos stories) pra tentar comprar a casa dele. Qualquer valor ajuda e divulgar ajuda demais. Se você se revoltou e ficou com vontade de fazer alguma coisa por Max está aí a oportunidade. Vamos responder como sociedade, mostrar que somos mais amor que ódio.

9 sem Ver tradução

Figura 2. Publicação retirada do perfil público do ator João Vicente, um dos responsáveis pela criação da campanha junto ao apresentador Luciano Huck. Fonte: Vicente, 2023.



lucianohuck • Uma conversa para ouvirmos o @max.santos.547727. Para dar ainda mais visibilidade a esse e tantos outros casos. Para que os racistas saibam que toda ação terá reação, se envergonhem, se caíem e a justiça cumpra sua parte.

Bora ajudar na vaquinha? O link tá na bio e nos stories.

9 sem Ver tradução

Figura 3. Publicação retirada do perfil público do apresentador Luciano Huck a respeito da campanha. Fonte: Huck, 2023

Gostaria de ressaltar um aspecto que se destaca bem como é comum nessas publicações. Há um manejo discursivo da moralidade: "Dar um final feliz"; "pai de família"; "povo justo e solidário"; "mostrar que somos mais amor do que ódio". Qual é o impacto do acionamento de valores sob uma perspectiva judaico-cristãos como de compaixão, amor, solidariedade, família diante do racismo estrutural (Almeida, 2019) como da manutenção de privilégios da branquitude?

A SALVAÇÃO BRANCA NECESSITA DE PRETOS DIGNOS

"Ser humano incrível", "Pai de família", assim foi categorizado Max ngelo por aqueles que dizem querer ajudá-lo. Não nego que sejam qualificações, as quais, ele faça completo jus, mas por que ressaltá-las aqui? O que o acionamento delas representa? A violência que Max vivenciou não seria argumento suficiente num pedido de apoio a ele? Ou o açoite é consentido aqueles que de alguma maneira não performam a boa moral da família brasileira, pretos desobedientes moralmente, podem ser açoitados?

O que faltou à Rosângela Sibebe, que foi brutalmente abordada e presa por policiais, ao furtar para saciar sua fome e dos seus um valor de R\$21,69 em alimentos. Rosângela também era mãe, o que lhe faltava? Moral? Ser um humano incrível? E quanto a Jeremias e Jamile, casal negro que foram torturados dentro das dependências do Carrefour no furto de dois pacotes de leite em pó para suas filhas? Um pai e uma mãe de família. O que lhes faltaram então, por que não foram acolhidos pela branca carestia?

Quando liberta do cárcere, Rosângela diz em entrevista: "Meu grande sonho é ser gente. Eu ainda não sei o que é isso, não sei o que é ser mãe, filha, irmã". Frase retirada da entrevista de Rosângela Sibebe ao Brasil Urgente²

A frase de Sibebe diz sobre a tentativa de destituição do seu ser, que ela infelizmente bem compreende. Ninguém viria por ela. Ninguém viria por Jeremias e Jamile, a não ser eles mesmos. As mãos brancas jamais estenderiam esmolas a pretos desobedientes. Infratores. Não é disso que se trata a benevolência branca, com cruz salva quem julga recuperáveis e com a espada encarcerada decapita quem lhes são problema.

[...] a importância das demarcações, seleções e classificações entre os necessitados atendidos (ou potencialmente atendidos) [...] resultaria na divisão do mundo dos pobres. Estes seriam subdivididos entre: os dignos e os indignos; os recuperáveis e os irrecuperáveis; os sadios e os doentes; os válidos e inválidos, os normais e os anormais.

Todas essas classificações teriam "critérios racionais" de atribuição, onde, obviamente a subjetividade e a perspectiva de classe do observador jogaria importante papel no julgamento [...] (Quiroga, 2010, p. 8-9).

A branquitude volta-se com atenção ao caso

de Max ngelo, pois nele vê uma possibilidade de troca, contudo, antes, precisa-se higienizar a figura desse que quer se solidarizar, um corpo negro é cerceado pela amoralidade, na criação dessa categoria ficcional – negro – como nos dirá Achille Mbembe (2018), a semântica nunca é pensada na produção de um bom significado, de uma adjetivação positiva, quando não objeto a ser explorado, os verbetes seguintes tão pouco são agradáveis. Quem quer ser negro, não é? Então, esse corpo negro precisa de valores outros, mais claros, mais brancos: Família, Deus e Trabalho. Valores que limpem essa amoralidade negra de sua pele.

O coronel dirá para você que ele se opõe à educação superior para os Negros. Isso os torna perversos e astuciosos. Coisa ruim para os Negros. Ele é contra ter negros adoráveis e simples se tornando malandros por excesso de escolaridade. Mas há exceções. Veja o John, por exemplo. Trabalhou bastante, economizou seu dinheiro, entrou para Universidade Howard e se formou em educação. Inteligente como um chicote! Percebendo que John tinha uma cabeça tão preparada, é claro que ele auxiliou John quando necessário. Não que ele fizesse isso para qualquer 'pretinho' promédio, não senhor! [...] Sulista estritamente despudorado, disposto a lutar pela supremacia branca! Mas o John dele é diferente (Hurstun, 2021, p. 93).

Max não se torna um delus ao ser inserido nessas narrativas, contudo, a partir delas, sua imagem se torna mais simpatizante, mais digna. Creio que a intelectualidade de Mbembe (2018) acerca de sua proposição sobre Necropolítica caiba bem com o gerir, pela branquitude, das instituições de Caridade e Filantropia, entretanto, não somente via Estado, como também, via privada. Uma tática com sua eficiência em gerir a vida e a morte a partir das moralidades das migalhas, das esmolas. Diante de um bom gesto estabelece-se um acordo de esquecimento das opressões sistêmicas e estruturais, as eclipsa, as mantêm no controle e o mais importante, o final feliz a história de Max ngelo, todos se esquecem de seu país racista.

Há um outro aspecto sobre esse mecanismo articulado pela branquitude que gostaria de aqui explorar: a dívida. Para tanto, valho-me da linha raciocínio de David Graeber, antropólogo estadunidense, que se dedica em sua obra "Dívida: os primeiros 5000 anos" (2011) a pensar as premissas que a envolve bem como argumentar que essa desenvolveu um papel central no que nomeia como história de evolução humana.

Confesso que tenho maior interesse pela primeira proposta, já que pouco partilho do consenso de que a essencialização de vivências humanas seja um caminho produtivo para compreendê-las em suas diversidades e complexidades. Amparada nas intelectualidades de Ailton Krenak (2019) e Chimamanda Ngozi (2018), penso que seja crucial estarmos atentos a quem atende essas histórias únicas de humanidade, assim estaremos sendo honestos quando as nossas narrativas dialogam com distintas sociabilidades ou quando apenas narram sobre esse clube da humanidade, que

² Disponível em: <<https://revista-marieclaire.globo.com/Noticias/noticia/2021/10/mae-presa-por-furtar-comida-desabafa-apos-deixar-prisao-meu-sonho-e-ser-gente.html>>. Acesso em 30 abr. 2024.

nunca foi para todes.

Penso que diante do contexto em questão, há um aspecto no processo argumentativo de Graeber que seja interessante aliar à reflexão. O autor coloca que submeter algo à lógica da dívida torna-se possível por meio do desmembramento da coisa de seu contexto, viabilizando sua transformação em moeda de troca (Graeber, 2011).

Esse ponto chama-me a atenção, embora, acredite que em outras sociabilidades essa análise de Graeber encontre limitações, pois o caráter fractal da experiência é uma premissa que não é universal, creio que isso possa auxiliar na compreensão do mecanismo do qual se vale a branquitude nesse caso em questão. Quando a benevolência branca se materializa através de bens de serviço, a branquitude produz uma narrativa e uma tratativa que desmembra o problema de seu contexto, tornando-o viável para troca, de algo que almeja a manutenção da estrutura pelo seu não tensionamento.

Acionamento moral eclipsa a intencionalidade do gesto. A partir do esvaziamento da compreensão do que causa a precarização das vidas negras, a branquitude se faz heroica, reverte os pesos do que é trocado, faz parecer suas migalhas muito maiores do que são e a nossas dores, passíveis de serem curadas com uma cesta básica, com uma bicicleta, gerando assim, um senso de dívida, de um excedente a ser retornado a ela, a garantia de continuar nos explorando.

Logo, não há necessariamente uma contradição no apoio de figuras brancas caridosas e filantrópicas a governos de direitas neoliberais, a escassez criada por meio desses sistemas as favorece, é assim que constroem seus acúmulos (Salhins, 2004), a benevolência seletiva trata-se de um meio de controlar os problemas que esses 'outrificades' podem ocasionar.

No estabelecimento de dívida se espera a geração de um débito, ausência de responsabilização sobre o que privilegia, bem como almeja-se reciprocidade, não ser incomodada sobre a conveniência de seus pactos de silêncio (Kilomba, 2019), ao fim a manutenção da estrutura que a permite ser. A branquitude não se sente em dívida para conosco ou com qualquer um que seja, sente-se acima disso, não há nenhum real anseio na reparação dos nossos, ela estabelece a dívida, o sentido de dever à ela, à sua generosidade, assim, lembra-nos de seu poder de dar e retirar, de seu poder de fazer viver e morrer.

As autoridades brancas assumem que o elemento Negro está satisfeito e eles não sabem o que fazer quando mais tarde descobrem que um número tão grande de Negros cobra indiferença e traição. O amigo branco dos Negros resmunga sobre ingratidão e decide que você simplesmente não consegue entender os Negros. Assim como não consegue compreender as crianças (Hurstun, 2021, p. 98).

Nossa súplica não significa esmola, não significa submissão. Vejo sim, as mãos negras estendidas nos sinais, nos chãos, erguidas ou desfalecidas, crescidas ou envelhecidas. Vejo as minhas próprias mãos. Entendo, Rosângela, todos nós queremos ser gente.

Nossa súplica é luta. Nossa súplica é desejo, não pela semântica do utópico, da paz branca irretocável, inalcançável em sua perfectibilidade ideal, trata-se do alcançável, do anseio pelo que nos é possível, pelo que nos é de direito, sermos, existirmos na dignidade, nas pluralidades das nossas produções de desejo.

Sim, Deleuze (2022), acordamos de que não falta nada aos nossos desejos, não incompletos, irreais. Nossos desejos, nossas súplicas aquilombadas são as nossas movimentações que anseiam incendiar a Casa Grande, fazer ruir seus pilares, suas falsas caridades.

Não, cota não é esmola, direito não é esmola. Nossos direitos não são moedas de troca, recusaremos debitar sua dívida, vocês brancos que nos devem há tempos. Não aceitaremos a sua tática desonesta de fagocitar nossas súplicas, uma antropofagia da nossa dor, para que permaneçam acomodados em suas fantasias de justiça.

Nós não negociaremos sobre a premissa da escassez que criaram. Sejam honestos também quanto aos seus desejos, não há privilégio que se garanta diante do acesso pleno de um direito. Não necessitamos de alianças fractais, precisamos de cumplicidades reais, que assumam responsabilidade daquilo que a sua corpa-política garante a vocês.

Não somos necessidades de esmolas, necessitamos de acesso a uma dignidade que não nos queira reféns de brancos que nos estimam. A benevolência branca não nos salva, apenas tarda a gestão da nossa morte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural** (Feminismos Plurais). São Paulo: Jandaíra, 2019.

BENTO, Maria Aparecida da Silva. **Pactos narcísicos no racismo**: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. 2002. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

CAÊ, Gioni. **Manual para o uso da linguagem neutra em Língua Portuguesa**. <https://drive.google.com/file/d/16BQ59w4ePbUqMAzrFwUiCsz3r9zJw9XL/view>. Acesso em: 25 jul. 2020.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

DELEUZE, Gilles. **A ilha deserta**. 1. ed. São Paulo: Iluminuras, 2022.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.). **Representações Performativas Brasileiras**: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p. 16–21. Acesso em 30 abr. 2024.

EVARISTO, Conceição. **“Não escrevemos para adormecer os de Casa Grande.”** Entrevista. Estação Plural. TV Cultura. Junho, 2017. Acesso em 30 abr. 2024.

GRAEBER, David. **Dívida**: Os primeiros 5.000 anos. 1. ed. São Paulo: Três estrelas, 2011.

HUCK, Luciano. **Uma conversa para ouvirmos** [...]. [S. l.], 15 abr. 2023. Instagram: @lucianohuck. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/CrDwFGcNCxR/utm_source=ig_web_copy_link&igsh=M-zRIODBiNWFIZA. Acesso em 20 mai. 2024.

HURSTON, Zora Neale. O sistema “negro de estimação”. **Ayé: Revista de Antropologia**, [s. l.], Fire!!! Textos escolhidos de Zora Neale Hurston (Edição Especial), 2021. Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/Antropologia/article/view/652>.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: Episódios de Racismo Cotidiano. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. [S. l.]: n-1 edições, 2018.

QUIROGA, Ana Maria. **Assistência Social no Rio de Janeiro oitocentista**: desqualificação dos atendidos, racismo científico e filantropia. Rio de Janeiro: ANPUH-XIV Encontro, 2010.

Revista Fórum. Famosos apoiam e vaquinha virtual para entregador “chicoteado” ultrapassa objetivo. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/brasil/2023/4/16/famosos-apoiam-vaquinha-virtual-para-entregador-chicoteado-ultrapassa-objetivo-134365.html>>. Acesso em 19 ago. 2024.

SAHLINS, Marshall. **Cultura na Prática**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

TV FOCO. Atitude tomada por Luciano Huck explode e faz vida de entregador do RJ mudar para sempre. Disponível em: <<https://www.otvfoco.com.br/atitude-luciano-huck-muda-vida-entregador/>>. Acesso em 19 ago. 2024.

Vakinha. Vamos Comprar uma Casa para o Max. Disponível em: <<https://www.vakinha.com.br/vaquinha/vamos-comprar-uma-casa-para-o-max-fagner-alves-barbosa>>. Acesso em 19 ago. 2024.

VICENTE, João. **Essa semana encontrei o Max** [...]. [S. l.], 15 abr. 2023. Instagram: @joaovicente27. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CrD9TOarjXK/utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIOD-BiNWFIA. Acesso em 20 mai. 2024.

Gleiciara Rosana da Silva
Graduanda em Antropologia na Universidade Federal de Minas Gerais.

Contato
ciarals@hotmail.com.

Palavras-chave:
mulheres; feminismo negro; silenciamentos; resistência.

Keywords:
women; black feminism; silencing; resistance.

ZORA, TEREZA E BEYONCÉ: É UM PRAZER DESFRUTAR DESSAS COMPANHIAS!

Zora, Tereza e Beyoncé: It's a pleasure to appreciate these companies!

Resumo: “Pela delícia em receber o desconhecido / como uma oportunidade de alargar a experiência de estar vivo” (Elisa, 2023, p. 48). Com o pensamento de Zora Neale Hurston, antropóloga, negra, temos o prazer de desfrutar de outras possibilidades do fazer antropológico, bem como de nos posicionarmos frente aos silenciamentos sistêmicos e históricos ao longo do tempo, com relação especificamente às mulheres negras. Logo, essa voz que ecoa do Sul dos Estados Unidos nas primeiras décadas do século XX, com uma corporeidade potente, forte e orgulhosa de sua negritude – não apenas no contexto acadêmico, mas que extrapola outros campos, como o da literatura –, encontra consonância em outras presenças: seja no mundo das artes, personificada por Beyoncé, ou por meio de nossa própria ancestralidade, na trajetória de vida da minha avó materna, Tereza; mulheres, negras, que foram e são capazes de uma mudança de olhar sobre si mesmas e que propõem reflexões que trazem sentidos e significados – a partir do conhecimento, da arte, da música, de relatos de vida – que fomentam novas possibilidades de resistência a partir da própria forma de existir no mundo.

Abstract: *For the delight in receiving the unknown / as an opportunity to broaden the experience of being alive” (Elisa, 2023, p. 48). With the thought of Zora Neale Hurston, anthropologist, negro, we have the pleasure of enjoying other possibilities of anthropological practice, as well as positioning ourselves in the face of systemic and historical silencing over time, specifically in relation to black women. Therefore, this voice that echoes from the South of the United States in the early decades of the 20th century, with a powerful, strong and proud body of blackness – not only in the academic context, but which goes beyond other fields, such as literature –, finds consonance in other presences: whether in the world of the arts, personified by Beyoncé or through our own ancestry, in the life trajectory of my maternal grandmother, Tereza; women, black, who have been and are capable of a change of view of themselves and who propose reflections that bring senses and meanings – from knowledge, art, music, life reports – which foster new possibilities of resistance from the very way of existing in the world.*

INTRODUÇÃO

A práxis antropológica sempre esteve presa e engessada a uma ideia cânone de fazer Antropologia, mediada por uma intelectualidade branca e elitista que foi desenvolvendo mecanismos de silenciamentos para outras formas de se construir o conhecimento, dentre eles o silenciamento das intelectualidades negras (Kilomba, 2019). Uma dessas vozes que tentaram intimidar e silenciar foi a da intelectual norte-americana Zora Neale Hurston, antropóloga, folclorista e romancista, redescoberta pela escritora e intelectual Alice Walker nas últimas décadas do século XX, e que tem ecoado e ressoado em diversos contextos desde então – inclusive no mundo acadêmico, quando foi proposta a disciplina “Introdução ao pensamento da antropóloga negra Zora Neale Hurston”, na Universidade Federal de Minas Gerais em 2023.

Das muitas contribuições de Hurston, está o fato de desenvolver a oratura, como uma forma de escrita e de construção do conhecimento, de repensar métodos (Basques, 2019); assim como a sua postura de vida, na forma de existir e resistir no espaço e no tempo, ao não se intimidar frente ao racismo e aos estereótipos trágicos criados pelas pessoas brancas, pelo fato de ser uma mulher negra. No entanto, Zora nunca se viu de forma trágica, mas procurou potencializar e valorizar através da arte e de suas obras a imagem de si mesma e das pessoas negras.

O encontro com a diferença a faz ver que a

sociedade conceitua e classifica a identidade das pessoas baseada na sua cor. Tal realização para Hurston, no entanto, não é trágica e nem destruidora, pois se vê como sem raça, definida somente pela sua essência humana (Alves et al., 2019, p. 44).

Para as reflexões sobre sua presença potente em diversos contextos, seja no mundo acadêmico enquanto um lugar de violência e silenciamento (Kilomba, 2019), ou quando, ao invés de ter uma postura de autocomiseração e lamentação, Hurston compromete-se a recriar novas possibilidades, assim como nos sugere Neuza Santos Souza (1983) a partir de uma visão mais realista. Nesse sentido é que se encontram as três presenças potentes: Zora, Tereza e Beyoncé, mulheres, negras, que, em seus contextos de vida, ecoaram e ecoam novas possibilidades de existir e resistir no mundo, apesar do racismo, da discriminação e dos silenciamentos históricos e sistêmicos.

ZORA, TEREZA E BEYONCÉ: É UM PRAZER DESFRUTAR DESSAS COMPANHIAS!

“Tenho medo de começar a escrever o que estive pensando sobre tudo isso, porque posso entender errado – emocional, intelectual e moralmente – e a questão carrega consequências. Hesitantemente, vou tentar” (Haraway, 2011, p. 42).

O pensamento de Zora Neale Hurston, antropóloga, negra, norte-americana e uma das principais expoentes da literatura, nos atravessa de todas as formas possíveis, propiciando refle-

xões, questionamentos e possibilidades, através de seu legado e de suas contribuições para os campos de estudos da Antropologia, bem como de demais temas que atravessam corpos e territórios, de ideias que se deslocam no tempo e no espaço e que reverberam de forma potente nos dias atuais para além de nossas práxis. No entanto, a sua voz e potência que, inicialmente, foram ecoadas em espaços hegemônicos da intelectualidade, no início do século XX, permeadas de muros acadêmicos, racistas e elitistas, fizeram com que durante algumas décadas permanecessem inaudíveis.

“Esse não é um espaço neutro. Não é que nós não tenhamos falado, o fato é que nossas vozes, graças a um sistema racista, tem sido sistematicamente desqualificadas, consideradas conhecimento inválido” (Kilomba, 2019, p. 51).

Nesse sentido, compreende-se o mundo acadêmico não como um espaço neutro, mas sim constituído de mecanismos de silenciamentos e de violências diversas que se apresentam de forma sistematizada, historicamente, e que reproduzem as relações raciais de poder, cujas estruturas de validação do conhecimento ditam o que é verdadeiro e em quem devemos acreditar. No entanto, o alcance da trajetória e do trabalho de Hurston passa, principalmente, pelo rompimento de práticas e perspectivas de uma Antropologia canônica, para novas possibilidades do fazer antropológico.

Para quem devo escrever? E como devo escrever? Devo escrever contra ou por alguma coisa? Às vezes, escrever se transforma em medo. Temo escrever, pois mal sei se as palavras que estou usando são minha salvação ou minha desonra (Kilomba, 2019, p. 66).

Grada Kilomba (2019) compartilha com a gente esse medo de escrever, ainda hoje, em nosso contexto acadêmico global, em espaços que não são seguros para certas corporalidades. Nesse sentido, fazendo um recorte com a realidade brasileira, apesar de todos os avanços nos últimos anos com as ações afirmativas em educação, a expansão dos campi universitários para o interior dos estados e as cotas nas universidades públicas, que permitem o acesso de outros corpos e realidades nesses territórios, mas que ainda assim não garantem a permanência dessas pessoas nesses contextos. Isso porque, durante a trajetória acadêmica, ainda existem mecanismos e atravessamentos que atuam contra essa pluralização étnica e de classe nesses espaços de poder e que não se aplicam apenas em nossos dias, o que nos permite inferir, em alguma medida, também aos tempos de Zora, ainda em meados do século XX.

No entanto, Hurston nunca esteve muito preocupada com isso, já que não teve medo de ousar em seu tempo, e fez de seus escritos a principal estratégia contra opressões históricas, bem como os transformou em uma linguagem de resistências e de novas possibilidades.

Trata-se de uma antropóloga, que em diversos

aspectos, esteve adiante de seu tempo e que nos permite repensar a própria história da disciplina, os seus métodos e formas de escrita. A cumplicidade e o aprendizado com autores como Kossola Oluale fizeram de Zora Hurston uma das maiores escritoras do século XX (Bassques, 2019, p. 325).

É nesse sentido que histórias de vida como as de Zora Neale Hurston, Tereza Maria de Jesus e Beyoncé Giselle Knowles-Carter se encontram, se atravessam e possibilitam formas de se pensar e enfrentar as realidades que estão inseridas. Entendendo aqui não na perspectiva estereotipada da mulher negra e guerreira, de todo tempo precisar ser forte e aguerrida, que enfrenta tudo sem sentir dor, mas sobre a ideia e sentido que Neuza Santos Souza (1983) nos apresenta, que não é romantizada, porém proporciona uma visão bem realista:

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades (Souza, 1983, p. 18).

E mais, falo de mulheres que foram e são capazes de uma mudança de olhar sobre si mesmas, o que ao mesmo tempo reverbera de forma potente em outras mulheres de diferentes contextos e realidades. Isso possibilita reflexões, aproximações, que trazem sentidos e significados – a partir do conhecimento, da arte, da história, da cultura, da música, de relatos de vida –, o que, em alguma medida, corporifica “as próprias pessoas comuns, em sua infinita sabedoria prática, em todas as partes do globo – é que alguns tipos de soluções podem emergir” (Ortner, 2020, p. 24).

Logo, isso só se torna possível – essa perspectiva de potencializar e trazer novas alternativas, visões de mundo, de questionamentos sobre a realidade, de abrir novos caminhos, de cruzar e atravessar fronteiras – a partir de suas próprias experiências “que criam um discurso sobre si mesmo e que se faz muito mais significativo quanto mais fundamentado no conhecimento concreto da realidade” (Souza, 1983, p. 17).

“Envergo e não quebro / não arrego / não arredo o pé / titubeio mas não caio / e se caio / caio em pé / ginga necessária para aprender / um corpo capoeira / num mundo feito / para interferir no caminho de mulher” (Elisa, 2023, p. 91).

Milton Santos já dizia: “mesmo quando a gente não saiba, a gente está tomando partido, porque é uma interpretação e toda interpretação tem um conteúdo político e não é interpretação gratuita” (Jô Soares [...], 2013). E, ao proporem a disciplina “Introdução ao pensamento da antropóloga negra Zora Neale Hurston”, que nos apresenta corporalidades diferentes daquelas cristalizadas do fazer cânone antropológico, posiciona-se a favor de pluralidades nesses espaços de poder, que não são neutros e estão a todo o tempo em disputa.

Nesse sentido, consegue-se transformar o espaço da sala de aula em um lugar seguro, onde é possível compartilhar saberes, vivências e também subjetividades, angústias existenciais da nossa própria trajetória acadêmica na universidade.

Essa reflexão me acompanhou por um tempo, como se junto com ela viesse certo incômodo. Ao mesmo tempo eu não sabia dizer o porquê de tal incômodo. Entretanto, o incômodo não precisa ter um nome logo de cara, jeito ou corpo para ganhar espaço nas nossas vidas. Muitas vezes ele fica ali quieto, silencioso, até que um dia com o contexto correto, ele volta a fazer barulho e sentido (Damásio, 2022, p. 2).

Nisso é que me atrevo, a partir das discussões acadêmicas dos últimos meses, a conectar essas potentes presenças de mulheres no mundo, em um movimento mútuo com o meu processo criativo de escrita no espaço acadêmico, que molda a minha forma de escrever, argumentar e agir, o que permite, a meu ver, em “um brotamento a partir do encontro no campo, de questões que se tornam de interesse comum, e que potencialmente reverberam, guiam, invadem a própria forma de análise” (Morawska et al., 2021, p. 23).

Uma aliança técnico-política: a etnógrafa e o etnógrafo sintonizam a sua própria técnica com aquelas mobilizadas em lutas particulares, criando assim um novo corpo, na forma de um texto etnográfico, que possa se juntar a tais lutas. Isso implica, a cada vez, revisitar o procedimento a partir do qual produzimos etnografias em busca de metáforas e práticas de nossos interlocutores que podem conferir forma ao texto (Morawska et al., 2021, p. 23).

Proponho-me aqui a refletir, levantar questões e vislumbrar novas possibilidades de perceber e experienciar aquilo que atravessa os outros, mas que também pode, em alguma medida, nos atravessar, a partir de um engajamento experimental, com estranhamentos e por alguns momentos o choque com o que parece familiar.

E quem são essas mulheres que nos inspiram, que nos fazem repensar a direção de nossas trajetórias? Nesse sentido, nas próximas linhas, irei me atentar para apresentá-las, ou pelo menos tentarei, a partir dos atravessamentos que suas companhias trazem; não só em minha trajetória acadêmica, enquanto uma aprendiz do fazer etnográfico e antropológico, mas enquanto a mulher que sou, margeada por questões de classe, gênero, grupo etário, entre outros.

SOBRE ZORA: “COMO PODEM ELES NEGAR A SI MESMOS O PRAZER DA MINHA COMPANHIA” (HURSTON, 2021, P. 48).

“Ao mesmo tempo em que se dá conta de sua negritude, Zora rompe com uma imagem relacionada a um sentimento de autocomiseração, imagem bastante atribuída às pessoas negras naquele período” (Lourenço, 2023, p. 99).



Figura 1. Zora Neale Hurston, antropóloga, nascida em Eatonville, no Sul dos Estados Unidos e autora de “Mules and Men”, publicado em 1935. Fonte: <https://myfloridahistory.org/frontiers/article/2> (2014).

“Ao mesmo tempo em que se dá conta de sua negritude, Zora rompe com uma imagem relacionada a um sentimento de autocomiseração, imagem bastante atribuída às pessoas negras naquele período” (Lourenço, 2023, p. 99).

Zora Neale Hurston nunca se colocou no lugar de autocomiseração ou quis desempenhar o papel que as pessoas brancas insistiam em atribuir a ela e às demais pessoas negras daquele tempo. Mas reforçava, por meio de sua maneira de transitar pelo mundo, a ideia de que quem estava deixando de desfrutar de sua companhia e de todo o seu potencial eram as pessoas brancas que a conheciam, discriminavam ou tentavam de alguma forma silenciar todas as suas contribuições no campo das artes, da ciência ou da Antropologia.

Ao retomar as contribuições e a importância de Zora Neale Hurston, seja para a ciência ou para a literatura, Alice Walker se propõe, em sua pesquisa de campo, visitar lugares e pessoas que trouxessem mais informações sobre a relevância da vida e obra de Hurston. Nisso, ao se deparar com o lugar de seu sepultamento, em 1973, tendo sido enterrada em uma vala comum e sem identificação, providencia uma lápide para a sua sepultura, que personifica toda a sua grandeza e relevância: Zora Neale Hurston, um gênio do Sul. Romancista, folclorista e antropóloga.

Assim, quando Walker nomeia Zora Neale Hurston como um gênio, faz todo sentido, porque ela extrapola, por meio de sua existência e trajetória, não só aquilo relacionado simplesmente à prática antropológica, à sua vida acadêmica e à sua vivência em espaços ocupados por corpos diferentes do seu, mas pela maneira em que atravessava esses territórios: com sua inteligência, poética, força e criatividade. Ao invés de não desenvolver suas pesquisas da maneira como certamente gostaria, ela as fazia da forma como era possível naquele contexto, com sua patrona

branca, mesmo que isso significasse desconfortos entre os seus. Para Zora, isso não era um empecilho para não desenvolver seus trabalhos, mas uma estratégia muito bem utilizada por ela.

Ela não precisava de ninguém, muito menos de uma pessoa branca, para lhe dizer quais eram o valor e a importância desse material. No entanto, Hurston entendeu o colonizador e sabia que era melhor parecer que ela estava seguindo ordens, e não agindo a partir de um senso autônomo de agência e poder (hooks, 2019).

Até porque não podemos desconsiderar o contexto de sua existência, no qual aconteciam o desenrolar de suas ações e potente presença nesses espaços, ocupados majoritariamente por homens brancos e permeados pelo pensamento colonizador europeu, que, de diversas formas possíveis, tentaram silenciar a sua forma original e inovadora de fazer ciência. Quando, por exemplo, em *Barracoon* (1931), seu primeiro livro, que não foi publicado no formato original devido à forma como foi escrito, como em um dialeto, o que, segundo os editores brancos, tornava a obra inviável para a publicação; ou mesmo quando teve a recusa de um prefácio por seu orientador.

Silenciamentos que fazem parte de um sistema dominante que faz uso de diversos mecanismos para se manter e perpetuar, mas que Hurston conseguiu se opor, enfrentar e ressignificar, transformando essas forças de opressão em condições para resistir e criar novos olhares e possibilidades, nesse limiar entre margem e centro, onde “a margem se configura como um espaço de abertura radical e criatividade, onde novos discursos críticos se dão (hooks, 1989, p. 149).

Nesse contexto de marginalização, [...] mulheres negras e homens negros desenvolvem uma maneira particular de ver a realidade: tanto “de fora para dentro” quanto “dentro para fora”. Focamos nossa atenção tanto no centro como na margem, pois a nossa sobrevivência depende dessa consciência (Kilomba, 2019, p. 67).

Zora está à frente de seu tempo, porque nos faz pensar sobre a questão da identidade racial e da sua maneira de estar no mundo a partir de outra perspectiva; mesmo quando se descobre uma pessoa de cor, compreendida como uma pessoa racializada, ao sair de um território familiar – de “uma comunidade totalmente negra e independente, onde a lealdade e a unidade são tidas como garantidas, um lugar onde o orgulho negro não é novidade” (Walker, 2019, p. 117) – e decide cruzar outros caminhos para além desse espaço seguro, entre a encruzilhada de um lugar e o não-lugar, que vai sendo rompido e atravessado através de sua trajetória acadêmica e de vida, da arte, dos estudos sobre folclore afro-americano, do fazer antropológico e da sua metodologia própria de fazer pesquisa e trabalho de campo.

Em vez de colocar uma distância entre si e as pessoas de quem esperava coletar informa-

ções, Hurston buscou estabelecer laços íntimos com elas. Ela seguiu um padrão de observação participante que informaria todo o seu trabalho antropológico (hooks, 2019).

Em todo tempo Zora quer fortalecer a identidade negra a partir de uma narrativa e perspectiva próprias, que tornam os negros sujeitos de suas próprias histórias; não a partir dos aspectos da subjugação, do racismo em si e no que seus pares, intelectuais negros, em alguma medida, refletiam naquele tempo. Mas o desenvolvimento de seu trabalho e trajetória estava imbricado na potência da cultura afro-americana e era sobre isso que ela queria falar, escrever e experienciar. E, nesse sentido, Zora desenvolveu métodos próprios para seu trabalho, quando, no caso do texto elaborado junto a Oluale Kossola, “descobriu uma forma de produzir um texto escrito que mantém a oralidade da palavra falada e fez isso sem se intrometer na narrativa, criando o que alguns acadêmicos denominam oratura” (Plant, 2021).

Nesse sentido, na tessitura de suas obras, Zora também constrói e reforça a si mesma:

Mas eu não sou tragicamente uma pessoa de cor. Não há uma grande tristeza represada em minha alma ou à espreita por detrás dos meus olhos. Eu não me importo nem um pouco... Nessa escaramuça confusa que é minha vida, tenho visto que o mundo é dos fortes, independente de uma pigmentaçãozinha maior ou menor. Não, eu não lamento ao mundo – estou afiando minha faca de ostras (Hurston, 2021, p. 47).

SOBRE TEREZA: “ESTOU NUM VOO E NÃO DEVO INTERROMPER O TRECHO PARA OLHAR PARA TRÁS E LAMENTAR” (HURSTON, 2021, P. 48).

– Ô vó, conta pra gente quando a senhora cavava lenha para poder vender, quantos anos a senhora tinha, aonde que era, como que foi?
– Ah, era menina, nova, de uns seis ou sete anos, buscava dois, três feixes de lenha, dois feixes vendia, um feixe ficava para casa! Agora, o preço eu não sei, preço era réis né, cruzeiro, mil réis, eu não lembro muito, mas muita coisa eu lembro... Graças a Deus... Graças a Deus! (Silva, 2023).

Pelas Minas Gerais, entre o Serro do século XX e Santa Luzia das primeiras décadas do terceiro milênio, para além do tempo e do espaço, foram muitos os atravessamentos na vida da minha avó materna Tereza: do trabalho pela sobrevivência na infância, ao lado de sua mãe Matilde; tendo que conviver desde tenra idade com o desaparecimento precoce de seu pai Teobaldo, caixeiro viajante na região central da Serra do Espinhaço; e também com a partida precoce de sua única irmã Geralda, que era branca e que foi para o Rio de Janeiro, escolhida por um casal fenotipicamente branco para fazer companhia para suas filhas. Tereza, em seus muitos relatos de vida, coincide com a perspectiva de Zora, ao sempre seguir em frente, apesar de todas as vi-

cissitudes de ser uma mulher negra no contexto brasileiro, mas que sempre recusou ser abraçada pela comiseração.



Figura 2. Tereza Maria de Jesus, nascida em 15 de outubro de 1919 no Serro/MG e atualmente com seus 104 anos em sua residência em Santa Luzia/MG. Fonte: Arquivo pessoal da autora, Outubro de 2023.

“Tempo e lugar tiveram o seu dizer. Então você terá que saber algo sobre o tempo e o lugar de onde eu vim, para que possa interpretar os incidentes e os rumos da minha vida” (Hurston, 2021, p. 55).

Em sua trajetória de vida, conseguiu estudar até o quarto ano primário, tendo que interromper os estudos para trabalhar e assim ajudar sua mãe a terem o que comer, o que reforça, em alguma medida, a educação escolar como um privilégio de cor e de classe que foi reverberando ao longo do tempo na vida da população periférica e negra brasileira.

É aqui trazido de maneira a demonstrar como o processo de exclusão escolar continuou em funcionamento mesmo depois da abolição... mostra como o sistema de educação na década de 1920 se conecta aos resultados dos estudos contemporâneos sobre as dificuldades enfrentadas pelos alunos negros para acesso, permanência e conclusão da formação na escola (Carneiro, 2023).

Mas, se não teve a educação formal como possibilidade de uma vida melhor, minha avó viu no trabalho a melhor alternativa de construir a sua própria narrativa enquanto sujeito da sua própria existência. Em suas andanças profissionais, atuou como tecelã em uma fábrica de tecidos, posteriormente retornou a escola, não para estudar, mas para trabalhar e desenvolver, naquela época, funções como merendeira e auxiliar de serviços, o que possibilitou, em alguma medida, uma vida mais digna para si e sua família.

Portadora de saberes tradicionais e habilidosa contadora de histórias, durante muito tempo fora procurada em Santa Luzia para prescrever raízes

e realizar benzeções “de pessoas brancas e de cor que procuravam ansiosamente curas” (Hurston, 2021, p. 80).

Ou seja, há aqui a junção de dois elementos bastante cultivados pela população negra e também indígena, a contação de histórias como forma de manutenção identitária, e o uso de plantas e ervas como forma de cura, magia, proteção e poder, e prática de contato com a ancestralidade (Lourenço, 2023, p. 106).

Torcedora apaixonada pelo time de futebol Atlético Mineiro, apreciadora de doce de leite e do queijo do Serro, no alto de sua existência centenária e tecendo seus fuxicos com sua posteridade, Tereza já passou por várias tradições religiosas, bem como por diversos momentos históricos, como a instauração da CLT, a ditadura militar no Brasil, a promulgação da Constituição Federal de 1988, a pandemia da Covid-19 e muitos outros processos que ressoaram em sua própria trajetória de vida.

Em poucas páginas de sua história, ciente do tempo e parceira dele. Ela se renova nas múltiplas relações de amores que criou ao longo dos anos, inclusive consigo mesma, pois sabe que possui, em suas próprias mãos, o poder de se autodefinir e redefinir, quantas vezes ela mesma desejar ou a vida lhe demandar (Santos, 2021, p. 21).

SOBRE BEYONCÉ: “PASSADO E FUTURO SE MISTURAM PARA NOS ENCONTRAREM AQUI, QUE SORTE, QUE MERDA DE TRADIÇÃO!” (LEMONADE, 2016, TRADUÇÃO PRÓPRIA).



Figura 3. Apresentação de Beyoncé durante a Formation World Tour. EUA em 2016. Fonte: <https://www.businessinsider.com/how-to-get-free-ticketmaster-tickets-2016-6> -(2016).

“Hurston se apresenta como uma mulher orgulhosa de ser negra e que irá incorporar este sentimento em todas as suas obras” (Alves et al., 2019, p. 43). Esse comentário se personifica em Beyoncé, um passado que se mistura ao presente e que certamente encontrará consonância em um futuro para milhares de mulheres negras em diferentes contextos e realidades.

A luta de Zora e de Beyoncé passa pelo fortalecimento de uma narrativa de emponderamento negro, de uma mudança de perspectiva, já que

rejeitam a posição de inferioridade e subjugação e apresentam “a força e beleza da sua individualidade como sujeito deste contexto” (Alves et al., 2019, p. 48).

Em seu álbum *Lemonade* (2016), Beyoncé traz elementos que remontam sua ancestralidade, tradição, religiosidade, cultura afro-americana, racismo, reflexão sobre como as mulheres negras nos Estados Unidos são historicamente tratadas, ao fazer referência, por exemplo, na canção *Don't Hurt Yourself*, quando entoa em alto e bom som “Eu sirvo de motivação, me chame de Malcom X” (Lemonade, 2016, tradução própria). No entanto, propõe outra perspectiva – um chamamento, uma convocação –, principalmente para a comunidade negra a uma nova postura, que passa pela formação coletiva das mulheres negras, fazendo ressonância “a postura de Hurston, em não se sentir intimidada por ser negra na América, em não ver sua identidade racial como trágica” (Alves et al., 2019, p. 43), mas enquanto uma força de resistência e criação de novas possibilidades.

“Sobretudo se pensarmos naqueles que, num passado mais ou menos recente, deram o seu testemunho de luta e de sacrifício, abrindo caminhos e perspectivas para que, hoje, nós possamos levar adiante o que eles iniciaram” (Gonzalez, 1988).

Nesse sentido, para Beyoncé isso passa por sua ancestralidade, pelo seu próprio pai, quando, na música *Daddys lessons*, ela traz um dos seus ensinamentos – “And he taught me to be strong” (Lemonade, 2016) –, a ensinando a ser forte apesar dos desafios, o que de alguma forma ajuda a construir, assim como também na vida de Zora, “o núcleo de autoconfiança que ela precisava para sobreviver” (Alves et al., 2019, p. 47). Esse fortalecimento, que fomenta as mulheres a agirem de forma autônoma, a reagir e a resistir de diversas formas em suas realidades, para Beyoncé, passa também pelas mulheres de sua família, quando faz referência na canção *Freedom* a um dos relatos de sua avó: “I had my ups and downs, But I always find the inner strength to pull myself up, I was served lemons But I made lemonade” (Lemonade, 2016)¹, quando, assim como Zora, ao se referir ao seu lugar de pertença ancestral, propõe “fazer uma limonada com os limões que a vida oferece” (Hurston, 2019, p. 55).

Aqui esta experiência é a matéria-prima. É ela quem transforma o que poderia ser um mero exercício acadêmico, num anseio apaixonado de produção de conhecimento. É ela que, articulada com experiências vividas por outros negros e negras, transmutar-se-á num saber que – racional e emocionalmente – reivindico como indispensável para negros e brancos, num processo real de libertação (Souza, 1983, p. 18).

Um ensinamento que surge de histórias e trajetórias pessoais, mas que ganha força e potência, já que ressoa em outras mulheres, de diferentes contextos e realidades e ganha sentido a partir de uma formação coletiva e não apenas individual. “Ok, ok, garotas, agora vamos entrar

em formação” (Lemonade, 2016).

Ressoam até hoje as mesmas vozes / por desejo de liberdade / pois o meu corpo pode ser que envergue / mas se cai / outras mil nascerão de pé / e na memória de outras vidas / uma só palavra de mensagem / Coragem, vai, coragem! (Elisa, 2023, p. 92).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Eu estou muito próxima daquilo que pesquiso. Eu estou contaminada demais para ver e fazer minhas próprias escolhas teóricas e metodológicas. É preciso que eu seja salva e que eu entenda o que eu estou fazendo” (Damásio, 2022, p. 11). Mas aqui já não falo apenas de mim, mas de nós enquanto estudantes de Antropologia e Ciências Sociais, que refletem e discutem em suas temáticas de trabalho atravessamentos diversos como gênero, classe, ancestralidade, racismo, crime ambiental, discussões bibliográficas e tantos outros assuntos que, em alguma medida, afetaram nossas posicionalidades, estilos de escrita e maneira de se fazer Antropologia: “a questão não é simplesmente como trazer certas cenas à vida, mas como trazer vida a ideias” (Strathern, 2014).

E questionamos como, por exemplo, não é possível fazer ciência sem o próprio corpo! Sabemos que não é possível fazer ciência sem posição. Percebemos o mundo, mas também somos percebidos. A ciência é feita com inúmeros marcadores sociais das diferenças, assim como nossos textos, escolhas teóricas e metodológicas. A ciência tem classe, endereço, gênero, raça e sexualidade (Damásio, 2022, p. 6).

Nesse sentido, essas três presenças no mundo – Zora, Tereza e Beyoncé – nos instigam a repensar e a ressignificar papéis, principalmente das mulheres negras, em contextos diversos, reforçando outras posicionalidades e formas de transitarem seus corpos pelos territórios. Não reforçando estereótipos ou perpetuando silenciamentos sistêmicos, mas propondo uma representação potente e diversa a partir de suas próprias vivências, seja no contexto da intelectualidade, das artes ou nas tramas que se desenrolam no cotidiano.

Portanto, que entremos em formação, como sugerido por Beyoncé (Lemonade, 2016), nesse chamamento para uma luta coletiva, que vê nos escritos – sejam acadêmicos, literários ou não – uma forma de perceber a vida e se perceber no mundo, já que “escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto-inscrição no interior do mundo” (Evaristo, 2007), o que ecoa, faz consonância e ressonância com o que a nossa querida Neusa Santos Souza em 2008 escreveu e nos ensinou que “a nossa luta continua”.

“Se o poder trazido à superfície o incomodar / é recomendável que você / busque se mover desse lugar / porque eu obedeço só o destino das águas / correr mundo / fundir-se a outras / e me alastrar” (Elisa, 2023, p. 89).

¹ Tradução livre: “Tive os meus altos e baixos, mas encontrei sempre a força interior para me erguer, serviram-me limões, mas fiz limonada”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Érica Fernandes; FERREIRA, Geniane Diamante Ferreira; SANTOS, Célia Regina dos. Identidade e subjetividade no ensaio *How it feels to be colored me*, de Zora Neale Hurston. **Revista Humanidades e Inovação** – Literatura Moderna e Contemporânea: Paisagens Culturais de Classe, Gênero, Etnia e Pós-Coloniais II, Palmas, v. 6, n. 5, p. 42–50, 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1016>.

BASQUES, Messias. Diários de Antropologia Griô: etnografia e literatura na obra de Zora Hurston. **Revista Antropológicas**, Recife, ano 23, v. 30(2), p. 316–326, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/article/view/244086/35030>.

CARNEIRO, Sueli. Epistemicídio. In: **Dispositivo de racialidade**: A construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

COSTA, Jurandir Freire. Da cor ao corpo: a violência do racismo. In: SOUZA, Neuza Santos. **Tornar-se negro**: Ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

DAMÁSIO, Ana Clara. Isso não é uma autoetnografia!. **Mediações** – Revista de Ciências Sociais, Londrina, v. 27, n. 3, p. 1–14, 2022. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/46479>.

ELISA, Júlia. **Terra sob as unhas**. 1. ed. Belo Horizonte: Impressões de Minas, 2023, 100 p.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69–82, jan./jun. 1988.

HOOKE, bell. preservar a cultura popular negra: Zora Neale Hurston como antropóloga e escritora. In: **Anseios**: raça, gênero e políticas culturais. São Paulo: Elefante, 2019.

HURSTON, Zora Neale. Como eu me sinto uma pessoa de cor. **Ayé: Revista de Antropologia**, [s. l.], Fire!!! Textos escolhidos de Zora Neale Hurston (Edição Especial), 2021. Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/Antropologia/article/view/658>

HURSTON, Zora Neale. O lugar onde nasci. **Ayé: Revista de Antropologia**, [s. l.], Fire!!! Textos escolhidos de Zora Neale Hurston (Edição Especial), 2021. Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/Antropologia/article/view/647>.

HURSTON, Zora Neale. Prescrição de Doutores Raiz. **Ayé: Revista de Antropologia**, [s. l.], Fire!!! Textos escolhidos de Zora Neale Hurston (Edição Especial), 2021. Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/Antropologia/article/view/650>.

HURSTON, Zora Neale. Escravização. In: **Olualê Kossola**: As palavras do último homem negro escravizado. Rio de Janeiro: Record, 2021.

HURSTON, Zora Neale. Liberdade. In: **Olualê Kossola**: As palavras do último homem negro escravizado. Rio de Janeiro: Record, 2021.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014, 200 p.

JÔ SOARES entrevista Milton Santos. [S. l.: s. n.], 2013. Publicado pelo canal Jonasserafim3941. 1 vídeo (15 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jzUIHAAilSM>. Acesso em: 10 dez. 2023.

KILOMBA, Grada. Quem pode falar?. In: **Memórias da plantação**: Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. p. 47–70.

LEMONADE. Beyoncé. [Estados Unidos]: Parkwood Entertainment, 2016. Online (65 min). Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1-QW_brnoTTyj1aMRGgGmWc4NR9TYD-ol/view.

LOURENÇO, Vanessa Cândida. A questão da raça e da cultura na antropologia de Zora Hurston. In: **De objeto à sujeita**: Zora Neale Hurston e os estudos da raça e da cultura no início do século XX. 125 f. Dissertação de Mestrado – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/67356>.

MORAWSKA, Catarina et al. Antropologia e engajamentos nas fronteiras do capitalismo: a experimentação etnográfica como aliança técnico-política In: MORAWSKA, Catarina (org.). **Engajamentos coletivos nas fronteiras do capitalismo**. São Carlos: EdUFSCar, 2022.

ORTNER, Sherry B. Sobre o neoliberalismo. Tradução: Chiara Albino e Jainara Oliveira. Revisão Técnica:

Ariel David Ferreira. **Sociabilidades Urbanas** – Revista de Antropologia e Sociologia, v. 4, n. 11, p. 19–26, jul. 2020. ISSN: 2526-4702.

PLANT, Deborah B. Introdução. In: HURSTON, Zora Neale. **Olualê Kossola: As palavras do último homem negro escravizado**. Rio de Janeiro: Record, 2021.

SANTOS, Júlia Elisa Rodrigues dos. Escrivências contra imagens de controle, caminho de autorrecuperação e autodefinição. In: **Retomar o abebê, interferir na realidade: escrevendo para autorrecuperar e autodefinir**. 2021. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1X5FW3sCJATZPQgpLIXD-1fb87Rv6LmK7H/view?usp=sharing>.

SILVA, Gleiciara Rosana da. **[Relato de vida transcrito de Tereza, 104 anos]**. Santa Luzia, 2023. Instagram: @souaciara. Disponível em: https://www.instagram.com/s/aGlnaGxpZ2h0OjE4MDEwMzA2NTg2MDg-4MDky?story_media_id=3245422252085967462_61381831932&igshid=ZDE1MWVjZGVmZQ==.

SOUZA, Neusa Santos. Capítulo I. In: **Tornar-se negro: Ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SOUZA, Neusa Santos. Capítulo II. In: **Tornar-se negro: Ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

WALKER, Alice. À procura de Zora Neale Hurston. **Ayé: Revista de Antropologia**, [s. l.], Fire!!! Textos escolhidos de Zora Neale Hurston (Edição Especial), 2021. Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/Antropologia/article/view/654/346>.

Amanda do Carmo Ribeiro
Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Contato
amandadocar-
mo1669@gmail.
com

Palavras-chave:
branquitude;
raça; literatura;
racismo.

Keywords:
whiteness; race;
literature; racism.

REFLEXÕES SOBRE REPRESENTAÇÕES DA BRANQUITUDE NA IMAGINAÇÃO NEGRA DIALOGANDO ENTRE ZORA HURSTON, BELL HOOKS E TONI MORRISON

Reflections on representations of whiteness in black imagination: Dialogues with Zora Neale Hurston, bell hooks, and Toni Morrison

Resumo: O presente texto é inspirado pelas reflexões de bell hooks (2019) sobre as representações da branquitude na imaginação negra, onde a autora evidencia que a Ciência ocidental não reconhece a autonomia de pensamento das pessoas negras, tampouco muitos dos sujeitos brancos. Isso leva a uma crença de que as pessoas negras também veem a branquitude a partir das características que esta forja e imagina para si mesma, centradas na bondade e na neutralidade. Busco, portanto, nas autoras, Zora Hurston e Toni Morrison, evidências do que destaca bell hooks: pessoas negras pensam, e pensam criticamente inclusive sobre a branquitude. E que, além disso, as pessoas negras podem ter uma representação de pessoas brancas que difere das características relacionadas à bondade e à neutralidade.

Abstract: *The present text is inspired by bell hooks' (2019) reflections on representations of whiteness in the Black imagination, where the author highlights that Western Science does not recognize the autonomy of thought in Black individuals, nor in many white subjects. This leads to a belief that Black individuals also perceive whiteness based on the characteristics it forges and imagines for itself, centered on goodness and neutrality. Therefore, I seek evidence in authors such as Zora Hurston and Toni Morrison to support what bell hooks emphasizes: Black individuals think, and think critically, including about whiteness. Furthermore, black individuals may have a representation of white people that differs from the characteristics associated with goodness and neutrality.*

I. O processo de colonização e sua indissociável exploração de pessoas não-brancas, que são vistas nesse contexto, assim como atualmente com as tantas reverberações desse processo histórico na atualidade, como apenas objetos, e não sujeitos, está imbricado também na Ciência e nas teorizações ocidentais, como evidencia Sueli Carneiro (2023). Como consequência, as reflexões ocidentais sobre subjetividade não abrangem o sujeito negro, visto que ele sequer é considerado capaz de pensamentos, análises e elaborações críticas a respeito de si e do mundo.

Como argumenta bell hooks (2019), as pessoas negras têm um conhecimento específico sobre as pessoas brancas, embora nem sempre registrado de forma escrita, que vem através de uma observação atenta delas. Conceição Evaristo (2005, p. 1) também destaca como as pessoas negras não só conversam sobre as pessoas brancas e sobre o racismo e a opressão, mas também utilizam essa ferramenta como forma de sobrevivência e de apoio mútuo: "Falar e ouvir entre nós era talvez a única defesa, o único remédio que possuíamos". Apesar disso, as pessoas brancas comumente expressam surpresa ao se deparar com situações que mostrem a elas que as pessoas negras pensam de forma crítica sobre a branquitude, o que é fruto da fantasia originada no racismo de que "o Outro" é necessariamente "subjugado, que é sub-humano, não tem a habilidade de compreender, de entender, de ver os feitos dos poderosos" (hooks, 2019, p. 299).

Sendo, ao longo da Antropologia e da Ciência como um todo, o sujeito branco aquele visto como passível de agência, sendo os sujeitos que pesquisam, em detrimento do sujeito não-branco sempre sendo percebido como objeto. bell hooks argumenta que, para ser um objeto, é necessário que não se reconheça sua capacidade de reconhecer e pensar criticamente a realidade. A visão do sujeito branco sobre si mesmo é ilustrativa dessa ilusão criada pela branquitude de que não é realmente "vista" pelo sujeito negro, pois embora, como argumenta hooks, os negros estejam constantemente sendo colocados em um lugar de sujeição pela branquitude, o sujeito branco tem uma visão de si que é relacionada à bondade e à neutralidade.

As pessoas brancas são socializadas para associar a branquitude a tudo que é benigno e não apresenta ameaças e, como podem não reconhecer a autonomia de pensamento dos sujeitos negros, acabam por assumir que essa também é a percepção desses sujeitos. O sujeito branco acaba por não considerar que sua existência em vidas negras pode ser permeada por terror, traumas e angústia, e também por um olhar crítico e autônomo. O que as pessoas negras experienciam sobre as pessoas brancas, como as percebem e observam, pode ser uma ruptura da ideia de perfeição sempre associada à branquitude e forjada por ela mesma para si.

Mobilizada por esta discussão promovida por bell hooks, levantada na disciplina "Branquitude

e Antropologia: possíveis diálogos?” cursada no segundo semestre de 2023, fui levada a pensar a importância de estudar o sujeito branco, de forma que evidencie seus privilégios, situando-o e a seu papel e responsabilidades no racismo, bem como desmistificando os estereótipos e fantasias que a branquitude tem sobre si e sobre o outro.

Como demonstra Cida Bento (2012), o branco pouco aparece nas teorizações a respeito de questões geradas pelo racismo, “exceto como modelo universal de humanidade, alvo da inveja e do desejo dos outros grupos raciais não brancos e, portanto, encarados como não tão humanos” (Idem, p. 25). A psicóloga e ativista discorre sobre como há uma falta de reflexão a respeito do papel do branco no racismo, persistindo em reiterar a problematização somente do negro, enquanto se é necessário também entender o impacto da colonização e das ideologias ligadas a ela na vida de sujeitos brancos. Acrescento que a falta do branco enquanto objeto de estudo nas relações raciais também propicia que o sujeito branco não saiba ou não se pergunte como é imaginado pelo sujeito negro.

Quando entrei em contato com a bibliografia da disciplina “Introdução ao pensamento da antropóloga negra Zora Hurston”, já estimulada a pensar o papel do branco na manutenção da opressão de raça, não pude deixar de me ater às representações da branquitude presentes na obra da antropóloga. Como em seu texto “Como me sinto uma pessoa de cor”, quando ao ouvir um jazz ao lado de seu amigo branco, Zora é tomada pelo sentimento causado pela música atrelada à sua cultura, enquanto seu amigo é quase indiferente, episódio observado criticamente pela autora, que reafirma nessa e em outras obras seu orgulho em ser negra frente à discriminação (Hurstón, 2021).

No mesmo semestre em que curso essa disciplina, li o livro “O olho mais azul” (2019), da escritora estadunidense Toni Morrison, e observei muitas correlações com as bibliografias que estava acessando. A obra apresenta interessantes representações da branquitude na imaginação de personagens negros que muitas vezes estão relacionadas a resposta à dor traumática causada por episódios de racismo cotidiano¹, e também apresenta esses personagens sendo críticos a respeito da branquitude. Ambas as situações rompem e vão de encontro à ideia de bondade da branquitude sobre si mesma.

Assim como bell hooks, a intenção desse texto não é trazer uma perspectiva simplesmente dual, na qual todas as pessoas brancas e relações entre pessoas brancas e negras seriam intrínseca e totalmente ruins. Pois entendo, inclusive, a importância do estabelecimento de relações não-hierárquicas entre pessoas negras e brancas como um dos importantes passos do antirracismo (Vieira, 2022). O objetivo é problematizar a percepção da branquitude sobre si mesma, que muitas vezes apresenta uma perspectiva de mundo racista que não considera pessoas além das brancas como sujeitos do conhecimento

(Carneiro, 2023), em busca de entender quais são as representações da branquitude imaginadas por pessoas negras nas obras selecionadas.

Considero as autoras aqui tratadas como de grande relevância para este tema, pois também por serem pessoas negras, suas obras oferecem concepções que não estão necessariamente alinhadas às concepções dominantes a respeito da branquitude; são contra-hegemônicas. Assim como Conceição Evaristo ao mobilizar o conceito de escrevivência, as autoras entendem e expressam que suas escritas são profundamente marcadas pela experiência de ser negro e da coletividade negra.

II. Hurston (2021) descreve o seu processo de racialização, muito marcado pelas dinâmicas sociais e de raça durante a segregação racial legal nos Estados Unidos. A autora nasceu em Eatonville, uma cidade negra, mas mudou-se para Jacksonville para a escola, o que a colocou em maior contato com pessoas brancas. Nesse sentido, Zora afirma ter se tornado “uma pequena garota de cor” (Ibidem, p. 47) a partir desse processo de alteridade: “Me sinto mais uma pessoa de cor quando sou jogada contra um afiado cenário branco” (Ibidem, p. 49).

O que mais me chamou atenção em “Como me sinto uma pessoa de cor” é como a autora parece deslocar as posições de “observador”, geralmente atribuída à branquitude, e de “observado”, papel comumente imposto às pessoas não-brancas. Apesar dessas posições terem sido marcadas e de certa forma “fixadas” na Ciência e especialmente na Antropologia, Zora apresenta representações que diferem e desafiam tais hierarquias.

Quando Eatonville era visitada por Nortenhos, Hurston descreve como as pessoas da cidade tinham tanto curiosidade a respeito dessas pessoas, quanto medo. Algumas pessoas observavam por detrás das cortinas, e os mais ousados saíam à varanda para fazê-lo enquanto passavam. Zora, no entanto, ainda criança, demonstra não apenas observar os Nortenhos atrás da cortina, ela vai à varanda da frente para isto. Além disso, não tinha medo de ser vista observando-os, como o resto da cidade parecia ter: “Eu não apenas apreciava o show, mas não me importava que os atores soubessem que eu gostava” (Hurstón, 2021, p. 46). É, portanto, evidenciado na obra de Zora a capacidade do sujeito negro de observar o sujeito branco, e o fato de que assim como os sujeitos brancos olham os sujeitos negros com curiosidade, de forma a notar a diferença, os sujeitos não-brancos também têm esse olhar crítico e analítico sobre a branquitude.

Me pergunto se o meu leitor está se questionando algo do tipo: “mas não é óbvio que as pessoas negras pensam?” Sim, é óbvio, mas considerando que a Antropologia ao longo da sua história tratou seus “objetos” de pesquisa, notadamente pessoas não-brancas, como sujeitos não cognoscentes², vejo importância em destacar como uma antropóloga que publicava ainda na primeira

1 KILOMBA, 2019.

2 CARNEIRO, 2023.

3 ALVES, Luciana. O valor da brancura: considerações sobre um debate pouco explorado no Brasil. Cadernos Cenpec, [s. l.], v. 2, ed. 2, 4 jul. 2012. DOI <http://dx.doi.org/10.18676/cadernoscenpec.v2i2.176>. Disponível em: <https://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/176>. Acesso em: 1 set. 2024.

metade do século XX estava pensando nessas questões sob uma perspectiva outra, que evidenciava a agência do sujeito negro.

III. O romance “O olho mais azul” (2019) tem como personagem principal uma garota negra retinta, Pecola Breedlove, que tinha como seu maior sonho ter o olho azul, pois, como qualquer ser humano, queria ser amada, mas observou que as pessoas para as quais se despendia afeição eram pessoas brancas. Pecola não sabia nomear de forma concreta que seu preterimento se originava no racismo, pois ainda era uma criança sofrendo duramente as penas do racismo. A obra tem importantes reflexões principalmente sobre como a branquitude é imposta como um ideal de beleza³, o que causa nos sujeitos negros uma desvalorização de si, de seus traços, da sua cor de pele e dos olhos, do cabelo, etc., operando para que a branquitude esteja relacionada ao que é bonito, amável, digno de atenção, ao passo que a negritude é vista como o contrário disso. Focarei aqui nas representações da branquitude imaginadas por personagens negros presentes na obra.

Nesse sentido, uma das cenas descritas no livro que para mim foram emblemáticas é quando Claudia, outra personagem também negra, retinta e criança, está em uma loja nas redondezas de sua casa com o objetivo de comprar um doce. A personagem que a atende na loja é descrita como um homem de meia idade que tem olhos azuis e que hesita em dirigir a ela o seu olhar, sobre o que escreve Toni Morrison:

Como é que um homem de 52 anos, com gosto de batatas e cerveja na boca, a mente adestrada na Virgem Maria de olhos meigos, a sensibilidade embotada por uma permanente consciência de perda, pode ver uma menina negra? Nada em sua vida nunca sequer sugeriu que a proeza fosse possível, que dirá desejável e necessária (Morrison, 2019, p. 52).

Após esse momento, “ela ergue os olhos para ele e enxerga o vácuo onde deveria haver curiosidade” (Ibidem, p. 52). Claudia é levada a se perguntar qual seria a motivação do tratamento daquele homem em relação a ela. Ela se pergunta se seria a diferença de idade e gênero a causar um distanciamento entre ela e o comerciante, ao que o narrador observador responde:

Ainda assim, esse vácuo não é novidade para ela. Tem gume; em algum ponto da pálpebra inferior está a aversão. Ela a tem visto à espreita nos olhos de todos os brancos. Deve ser por ela a aversão, pela sua negritude. Tudo nela é fluidez e expectativa. Mas sua negritude é estática e medonha. E é a negritude que explica, que cria o vácuo afiado pela aversão em olhos brancos (Ibidem, p. 52).

Ao entregar ao comerciante o pagamento pelo doce, há uma nova demonstração de seu desprezo pela criança, primeiramente hesitando em tocar sua mão para receber o dinheiro. Depois, percebendo que teria que tocá-la, algo por

ele indesejado, mas necessário, o homem arranha a mão de Pecola no momento em que recebe o pagamento.

Pecola se retira da loja sentindo “a inexplicável onda de vergonha” (Ibidem, p. 53). “Eles são feios”, pensa ela. “São ervas daninhas” (Ibidem, p. 53). Sua raiva é despertada, e a narradora conclui que é melhor senti-la do que sentir a “total ausência de reconhecimento humano” (Ibidem, p. 52), porque a raiva “dá a sensação de existir. É uma realidade, uma presença” (Ibidem, p. 53). Entretanto, após algum tempo a raiva se vai, afinal Claudia é apenas uma criança. Mas a raiva dá lugar à vergonha, novamente. E Claudia chora.

Observa-se, portanto, uma representação da branquitude no imaginário da personagem que está relacionada à raiva, à vergonha e à tristeza, que são consequências da angústia e dor traumática de sentir o desprezo e a não humanidade impostos a ela não só pelo comerciante, mas por muitas das pessoas brancas com quem convive, visto que, como a própria autora destaca, a aversão pela negritude da personagem é por ela enxergada nos olhos de *todos* os brancos.

IV. Conceição Evaristo (2005), em um texto autobiográfico e ensaístico, ao narrar como sua escrita surgiu também em momentos de serviço, ao tomar nota da quantidade de cada peça de roupa limpa da patroa/senhora, mostra como também o medo pode ser um sentimento frequentemente associado por pessoas negras à relação com pessoas brancas:

As mãos lavadeiras, antes tão firmes no esfrega-torce e no passa-dobra das roupas, ali diante do olhar conferente das patroas, naquele momento se tornavam trêmulas, com receio de terem perdido ou trocado alguma peça. Mãos que obedeciam a uma voz-conferente. Uma mulher pedia, a outra entregava (Evaristo, 2005, p. 1).

O trecho demonstra como o olhar de pessoas brancas sobre pessoas negras, principalmente em relações explicitamente hierárquicas, neste caso a relação entre patroa e funcionária, pode causar medo. O sujeito negro se vê obrigado a não errar, nesse caso, a não deixar faltar nenhuma peça de roupa, pois sabe que isso poderia significar um acirramento de tensões que poderiam culminar em uma depreciação do sujeito negro pelo sujeito branco e também patrão.

V. Assim como as trajetórias de Zora Hurston e bell hooks, “O olho mais azul” (2019) situa-se em um contexto permeado pela segregação racial estadunidense. Nesse contexto, a representação de pessoas brancas na imaginação de pessoas negras podia ser ainda mais aterrorizante, sendo vistas até como de certa forma figuras míticas, fantasmagóricas. O imaginário coletivo de pessoas negras sobre pessoas brancas era composto de violência, sendo as histórias que circulavam

entre elas e entre suas gerações sobre branquitude relacionadas a agressões raciais que aconteceram e continuavam acontecendo. O trecho abaixo, que fala sobre um personagem negro chamado Cholly, pai de Pecola, e sua interlocução com o personagem Blue Jack, ilustra bem essas representações:

Um velho simpático chamado Blue Jack, que lhe contava histórias de antigamente, de como eram as coisas na época da Proclamação de Emancipação. Como os negros gritaram, choraram e cantaram. E histórias de fantasmas, como a do branco que cortou a cabeça da mulher, enterrou o corpo no pântano, e o corpo sem cabeça saía andando à noite, tropeçando e batendo nas coisas porque não podia enxergar, e chorando o tempo todo por um pente. Falavam sobre as mulheres que Blue tinha tido, as brigas que se metera quando era jovem, o linchamento de que ele se safara na lãbia uma vez, e sobre os outros que não conseguiram se safar (Morrison, 2019, p. 135).

É evidenciado neste trecho como as pessoas negras, evidentemente as que experienciaram a segregação racial, têm misturadas às histórias sobre sua própria cultura e processos históricos importantes para suas comunidades, a imagem do sujeito branco relacionada ao terror e à violência, baseada nas inúmeras agressões, inclusive físicas, vividas por pessoas negras, e no constante risco corrido por elas apenas por existirem enquanto não-brancas.

VI. O personagem Cholly em determinado momento se recorda de um momento com Blue Jack, em que uma família estava cortando uma melancia e haviam várias pessoas negras em volta esperando para comê-la. Ele sentiu arrepios ao ver a cena de um homem cortando a melancia, cena esta descrita como um momento de precisão e imponência por parte do homem. O pai da família levanta a melancia acima de sua cabeça, com “braços grandes que pareciam mais altos que as árvores” (Morrison, 2019, p. 135), a melancia tapando o sol e parecendo maior que ele, se orienta e mira em direção à melancia.

Ao sentir a emoção desse momento, Cholly se pergunta se é assim que Deus seria, com o sol nas mãos, ao que a narradora responde:

Não. Deus era branco, velho e bonzinho, com cabelo branco comprido, barba branca esvoaçante e olhinhos azuis que ficavam tristes quando as pessoas morriam cruéis quando elas eram más. O diabo é que devia ter aquela aparência – segurando o mundo nas mãos, pronto a atirá-lo no chão e fazê-lo derramar as entranhas vermelhas para que negros pudessem comer o conteúdo doce e morno. Se era aquela a aparência do diabo, Cholly preferia o diabo. Nunca sentia nada pensando em Deus, mas a simples ideia do diabo o entusiasmava. E agora o diabo negro e forte tapava o sol e preparava-se para abrir o mundo ao meio (Ibidem, p. 135-136).

Ao se deparar com sua própria imaginação do que seria Deus, Cholly se vê em um dilema. Como aquela imagem que ele estava vendo, de um homem negro cortando uma melancia para alimentar sua família e comunidade, se assemelharia a Deus, ainda que aquela vivência tenha lhe causado sensações “sobrenaturais”, se o Deus cristão é branco e tem olhos azuis? Cholly sabe que este Deus não foi projetado para se parecer ou representar a ele, ou a sua comunidade.

Se Deus é branco, portanto, de um ponto de vista dualista, o contrário disso, a negritude, é associada ao diabo. Mas o mais interessante neste trecho, na minha leitura, é como o personagem rejeita a ideia de tentar parecer-se com esse Deus ou mesmo adequar-se ao que é esperado pelo cristianismo. Ele reconhece que a realidade vivida por ele é outra, que não se adequa às expectativas da branquitude e não é abarcada pela imagem de um Deus branco. Se o “diabo” é imposto à negritude, Cholly esclarece que prefere sê-lo. Cholly não quer ser branco. Isto se apresenta como uma subversão à imposição da branquitude como modelo universal de humanidade, desejado e invejado por pessoas não-brancas, características imaginadas e engendradas pela branquitude para si mesma, como expressa Cida Bento (2012).

VII. Por fim, gostaria de destacar outro momento em que Zora Hurston (2021) desafia os papéis impostos às pessoas negras, inclusive na relação com pessoas brancas. Isso se dá ao Zora contar sua experiência estando em um bar com uma pessoa branca. De repente, começa a tocar jazz, ao que a escritora reage de forma entusiasmada, ao sentir o efeito daquela música em si:

Danço descontroladamente dentro de mim mesma; bramo por dentro; grito; mexo minha azagaia sobre minha cabeça, arremesso a para a marcar yeeeeooww! Eu estou na floresta e vivendo na maneira da minha floresta. Minha face está pintada de vermelho e amarelo e meu corpo pintado de azul. Meu pulso está latejando como um tambor de guerra (Ibidem, p. 49).

Zora sente o jazz como algo além de simplesmente uma boa música. Ela a conecta a sua ancestralidade, o que a faz sentir sua cultura e pertencimento. Ao fim da música, ela se volta ao seu amigo, quando ele comenta que achou a música boa, batendo com a ponta dos dedos no ritmo dela. Hurston percebe que seu amigo não foi tocado da mesma maneira que ela pela música, ao que atribui a um motivo: à sua branquitude. “Ele está longe e vejo- apenas vagamente através do oceano e do continente que caíram entre nós. Ele é tão pálido com sua brancura quanto eu sou tão de cor” (Ibidem, p. 50).

Como argumenta Edith Piza (2007), a noção de racialidade costuma não ser desenvolvida entre as pessoas brancas, pois ao se depararem com uma realidade que beneficia suas próprias características, acabam por não enxergar a necessidade de discutir as relações raciais, já que elas não as afetam negativamente. Cida Bento

(2002) demonstra como mesmo em ambientes de luta contra a opressão de classe, como no movimento sindical, o debate sobre o racismo e discriminação racial só é considerado se estiver focalizado sobre o negro, ao passo que é tido como alienado se abordar o papel do branco neste cenário. Como também argumenta Lourenço Cardoso (2011), a consideração do branco enquanto único grupo sinônimo de ser humano é uma característica marcante da branquitude, que "procura se resguardar numa pretensa ideia de invisibilidade" (Cardoso, 2011, p. 82). Todos esses elementos causam uma sensação de distanciamento entre ser branco e ser racializado.

A ideia de invisibilidade e neutralidade associada à branquitude se expressa mesmo nas teorizações clássicas sobre relações raciais, a exemplo de Gilberto Freyre (1962), que apesar de ser o primeiro intelectual brasileiro a utilizar o termo branquitude, critica a utilização desse termo, tanto quanto o de negritude, por considerá-los contra a "prática da democracia racial através da mestiçagem". Entretanto, como salienta Bento (2002), torna-se necessário analisar a racialidade da experiência de ser branco, visto que os sistemas originados na colonialidade "moldam tanto os privilegiados quanto os que são por eles oprimidos" (Ibidem, p. 48).

Apesar de as pessoas brancas não se reconhecerem muitas vezes enquanto pessoas racializadas e estarem relacionadas a uma ideia de "neutralidade racial"⁴, acho importante mencionar como a antropóloga Zora Hurston escreve, ainda a primeira metade do século XX e muito antes da emergência dos estudos da branquitude (que se deu em meados dos anos 1990), uma constatação importante: não só as pessoas negras têm raça, mas as pessoas brancas também⁵. Portanto, o mito da neutralidade forjado pela branquitude para si mesma é desafiado.

VIII. PEQUENA NOTA AOS MEUS LEITORES

Durante a escrita deste ensaio, tive um incômodo em sentir que minha escrita está de certa forma "impessoal". Apesar de aqui estarem expostas minhas reflexões individuais a partir da bibliografia e de saber que todos os trabalhos dizem sobre o autor ainda que este não diga sobre si explicitamente, senti que embora quisesse me inspirar na escrita de Zora, na forma com que ela se coloca no texto, evidenciando seu processo etnográfico, de escrita e de relação com seus interlocutores, não falei muito sobre onde me situo nessa discussão. Acredito que essa "impessoalidade" se deve a dois motivos: um deles, a falta de costume em escrever textos que falem sobre mim mesma como dados etnográficos; o outro, a dificuldade de me identificar racialmente ao longo da vida e ainda atualmente. Tenho gradativamente me aproximado da identificação como uma pessoa negra de pele clara, reconhecimento que é fruto de processos muito recentes, que se deram principalmente no último ano, em que cursei disciplinas sobre raça e, ao mesmo tempo, tenho aberto mão de tentativas de embranquecimento do meu próprio fenótipo. Essa junção de fatores tem feito com que eu ainda tenha medo e sinta dificuldade de enunciar ou escrever sobre minha própria raça. Por hora, portanto, ainda com o desejo de falar mais sobre eu mesma no que escrever no futuro, opto por seguir o conselho dado por Rafaela⁶ em uma das aulas da disciplina, sobre o que falamos quando escrevemos nossa pesquisa ser também aquilo que "damos conta" de falar, ao passo que outras coisas ainda não conseguimos, e o melhor a fazer, acredito, é aceitar essas limitações.

⁴ LOURENÇO, 2011.

⁵ Idem.

⁶ Rafaela Rodrigues de Paula, atual doutoranda do Departamento de Antropologia da UFMG, ministrou a disciplina "Introdução ao pensamento da antropóloga negra Zora Hurston" no segundo semestre de 2023, juntamente com outros três colegas de Departamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Erica; FERREIRA, Janiane; SANTOS, Célia. Identidade e subjetividade no ensaio *How it Feels to be Colored Me*, de Zora Neale Hurston. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 6, n. 5, 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/1016>. Acesso em: 30 ago. 2024.

ALVES, Luciana. O valor da brancura: considerações sobre um debate pouco explorado no Brasil. **Cadernos Cenpec**, v. 2, n. 2, 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.18676/cadernoscenpec.v2i2.176>. Disponível em: <https://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/176>. Acesso em: 30 ago. 2024.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (Org.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 45-60.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Racialidade e produção de conhecimento**. In: *Racismo no Brasil*. São Paulo: Peirópolis; ABONG, p.45-50, 2002.

CARDOSO, Lourenço. O branco-objeto: O movimento negro situando a branquitude. *Instrumento. Revista de Estudo e Pesquisa em Educação*, v. 13, n. 1, 2011, p. 81-93.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p. 16-21. Texto apresentado na Mesa de Escritoras Afro-brasileiras, no XI Seminário Nacional Mulher e Literatura/II Seminário Internacional Mulher e Literatura, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos-lugares-de-nascimento-de-minha-escrita/>. Acesso em: 30 ago. 2024.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933.

hooks, bell. **Olhares negros: Raça e representação**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

HURSTON, Zora. Como eu me sinto uma pessoa de cor. **Ayé: Revista de Antropologia**, edição Fire!!! Textos escolhidos de Zora Neale Hurston, p.44-53, 2021. Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/Antropologia/article/view/658>. Acesso em: [data de acesso].

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

MORRISON, Toni. **O olho mais azul**. Tradução Manoel Paulo Ferreira. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

PIZA, Edith. Porta de vidro: entrada para a branquitude. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (Org.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 59-90.

VIEIRA, Bárbara. D. M. **Letramento racial**. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 21, p. 53-64, 1 abr. 2022.

Lavinia Botelho e Brito Graduada em Antropologia pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Contato laviniabotelho@yahoo.com.br

Palavras-chave: oralidade; transcrição; visualidade.

Keywords: orality; transcription; visuality.

PENSANDO IMAGEM, FALA E ESCRITA COMO EXPRESSÕES ETNOGRÁFICAS ATRAVÉS DE ZORA NEALE HURSTON

Thought, image, and writing like the ethnographic expressions of Zora Neale Hurston

Resumo: O presente relato pretende fazer uma análise de trabalhos da antropóloga Zora Neale Hurston, tanto etnográficos quanto literários, que serviram como inspiração e referência para refletir sobre experiências próprias na pesquisa antropológica. Zora usou de diferentes recursos narrativos, linguísticos e audiovisuais para compor suas publicações e, mesmo enfrentando diversos obstáculos, construiu inúmeras possibilidades dentro da Antropologia. Discorro sobre elas neste trabalho a partir da minha pesquisa etnográfica para Monografia, em que estudei a tradição da Folia de Reis e do boi de janeiro na cidade de Rubim (MG). A transcrição de entrevistas e músicas foi um dos pontos principais em que pude traçar uma conexão com o trabalho de Zora, ao pensar sobre a conservação da oralidade na escrita, que está presente nos textos da autora e no meu. Além disso, a utilização da visualidade também foi algo presente nas pesquisas da autora e que considero muito importante, sendo abordada neste relato.

Abstract: *This report intends to make an analysis of works of the anthropologist Zora Neale Hurston, both ethnographic and literary, that were taken as inspiration and reference to reflect about my own experiences with anthropologic research. Zora used different narrative, linguistic and audiovisual resources to compose her publications and, even when facing many barriers, built multiple possibilities within Anthropology. I speak about these in this paper through the ethnographic research for my monography, in which I studied the tradition of "Folia de Reis" and the "boi de janeiro" at the town of Rubim (MG). The transcription of interviews and songs was one of the most important points that I could find connections to Zora's work, thinking about the conservation of orality in the writing, that is present in both the author's texts and mine. Besides that, the use of visuality was also something present in the author's researches and that I find very important, being a topic of discussion in this report as well.*

INTRODUÇÃO

Zora Neale Hurston é uma autora negra estadunidense que teve em sua trajetória o envolvimento com produções fotográficas e audiovisuais de modo bastante marcante e inspirador. Cresceu na cidade de Eatonville e viveu lá boa parte de sua vida antes de se mudar para terminar seus estudos do ensino médio e, posteriormente, ingressar na Howard University e, em seguida, na Barnard College. Lá, Zora estudou Antropologia e trabalhou junto a Franz Boas, antropólogo renomado, graduando-se em 1928 e publicando uma série de trabalhos depois, tanto etnográficos quanto literários. Em suas pesquisas desenvolvidas nos Estados Unidos – ou em outros lugares, como Haiti e Jamaica –, uma das características de seus trabalhos que mais se destacou para mim foi sua forma de descrição da realidade, seja por meio de suas próprias palavras, ou ao transcrever algo que foi dito por seus interlocutores. Produzindo textos de diferentes formatos, a autora conseguiu expressar suas pesquisas de uma forma muito mais diversa e ampla do que se fosse limitada apenas à etnografia clássica realizada na época.

Assim, dentro da etnografia, o modo como Zora realizava sua escrita tinha a marca própria da antropóloga, ao preservar o contexto e as características da fala daqueles presentes em sua pesquisa. Em Olualê Kossola: As palavras do úl-

timo homem negro escravizado (Hurston, 2021a), ela fala sobre a vida de Kossola ao ser escravizado e levado da África aos Estados Unidos no navio Clotilda, que seria o último navio a traficar africanos escravizados para o país. Zora conhece seu interlocutor e, com o passar do tempo, se aproxima dele, construindo uma relação de amizade em que conseguem se entender melhor. Assim, ao longo do livro, ela insere seus diálogos com Kossola, mantendo a oralidade dele na transcrição e, através disso, conseguindo trazer suas emoções e expressões de maneira mais próxima da realidade, como nos trechos em que ele fala de quando consegue sua liberdade: "Depois qu'eles liberta a gente, você m'entende, a gente muito feliz, a gente faz tambor e bate igual no solo da África. Meus conterrâneos chega da plantação do capitão Burns Meaher onde a gente está no Magazine Point, então a gente fica junto" (Hurston, 2021a, p. 77).

Basques (2019) aborda isso ao tratar do modo como as conversas em tom mais informal de Zora e Kossola ajudam a compor o formato do texto, não só aproximando os dois, mas também se tornando próximo dos leitores, além de trazer um retrato mais fiel da realidade, sem filtros e edições para adequar a escrita àquilo que é esperado.

Zora Hurston não ocupa a posição de 'redatora ausente' ou de 'escritora fantasma'. Sua

presença no texto se evidencia na apresentação de questões que servem de contraponto à narrativa, como se ambos estivessem a conversar diante de um público de leitores. Por essa razão, as palavras de Kossola aparecem inscritas em uma oratura própria e não foram submetidas às convenções da linguagem acadêmica ou erudita. O que favorece a expressão da escrita de um corpo, de uma condição e de uma experiência negra, como na 'escrevivência' de Conceição Evaristo (2008) (Basques, 2019, p. 319-320).

Em um de seus livros de ficção, *Seus olhos viam Deus*, Hurston (2021b) apresenta falas completamente no "*black folk english*"¹, usando da linguagem como ferramenta para enriquecer seu texto e compor sua história e o contexto ao redor dela. Assim, os diálogos são parte chave da construção da história e são todos feitos seguindo essa variação linguística, ajudando a contextualizar um pertencimento ao mesmo lugar, usando de expressões e figuras de linguagem compreendidas entre os personagens, como no seguinte diálogo:

- Eu num tô pensando em nenhum desses. Nem tô ligando pra aqueles hectare de terra. Podia pegar um e jogar por cima da cerca todo dia e nem olhar pra trás pra vê onde caiu. Sinto a mesma coisa com o Seu Killicks, também. Tem gente que num foi feito pra ser amada, e ele é um.
- Por quê?
- Porque eu detesto como a cabeça dele é tão cumprida de um jeito e tão chata dos lado, e aquela manta de banha na nuca.
- Num foi ele que fez a cabeça dele. Cê fala muita besteira (Hurston, 2021b, p. 35).

É possível notar, então, uma preocupação da autora com a utilização e valorização de diferentes formas de fala e escrita que incluem mais pessoas, principalmente aquelas que ela pesquisa.

Em meu trabalho de conclusão de curso de Antropologia na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – em que tratei sobre o boi de janeiro da cidade de Rubim, em Minas Gerais –, usei da transcrição para tentar passar a forma original como algumas músicas são cantadas e as marcas de oralidade de meus interlocutores. O boi de janeiro é uma tradição que ocorre junto com a Folia de Reis na cidade e que era realizada por dois grupos: os Coquis e os Pé Roxo (Grupo Terno das Estrelas). Ambos os grupos tinham pessoas que se fantasiavam de boi e saiam fazendo apresentações pelas ruas da cidade, mas o boi dos Pé Roxo deixou de sair há alguns anos. O boi dos Coquis sai atualmente e possui vários personagens, como a Maria Manteiga, o Véio, a Lobinha de Ouro, o Bate-na-cara, além de ser acompanhado pelas pastorinhas e pelos foliões.

As músicas são uma parte de extrema importância da tradição, compondo as apresentações do boi pelas noites e sendo cantadas por todos aqueles que o acompanham. Assim, seguindo as transcrições originais das músicas presentes

no livro *Folias da Cultura: Memórias de Percurso* (Dutra, 2015) e no texto *O boi de janeiro na folia de Reis dos Coquis: Relações (im)possíveis com as práticas escolares* (Dutra, 2021), trouxe-as também para o meu trabalho, procurando proporcionar uma visualização do boi de janeiro para além de apenas minhas próprias palavras ou imagens, mas diretamente daquilo que é apresentado e produzido por eles. Uma das músicas marcantes do boi que trago em minha monografia é a do "Véio":

Einvém o veio, pessoal, einvém o veio.
Subindo a ladeira, 'scoando na bengala, seu facão na cintura, subiando a noite inteira.
O veio einvém, ele já chegou.
Pra brincar com Maria Manteiga, foi Isnaldo quem mandou (Dutra, 2015, p. 75).

Junto a transcrição dessa e de outras músicas, conto minha experiência ao acompanhar as apresentações do boi recentemente, comparando também ao meu contato no passado com a festividade – por ser algo que acompanho desde criança, pois acontece na cidade da minha mãe. Essa proximidade com a tradição me permitiu usar das memórias e daquilo que conheço sobre o lugar para descrevê-lo e, assim, trazer meu ponto de vista (Haraway, 1995). A possibilidade de tratar sobre assuntos e lugares conhecidos e vivenciados, de uma maneira narrativa como Hurston (2021b) traz em *Seus olhos viam Deus*, me faz acreditar que tal proximidade não faz com que haja uma perda da neutralidade, mas sim uma maior conexão e cuidado com aquilo que se escreve sobre.

Outro traço de sua escrita que se destacou para mim foi a descrição etnográfica que se mistura com poesia e literatura de forma lúdica no livro *Tell my Horse* (Hurston, 2008). Ao falar sobre a Ilha La Gonave do Haiti, Zora usa da história local sobre sua origem, das crenças da população e de sua experiência indo até lá para compor um relato muito bonito, detalhado e tocante sobre o lugar, sem se limitar por uma descrição objetiva. Quando Zora usa do etnográfico na literatura, e da ficção e ludismo na produção etnográfica, ela abre portas para a criatividade e para o acesso e interesse de mais pessoas para aquilo que é pesquisado academicamente. Através das imagens, vídeos, músicas, entre outros, é possível entender e perceber muito mais que por apenas um texto distanciado e dito "neutro", mas não é sempre que damos a mesma oportunidade a diferentes meios de produção.

Nesse sentido, decidi usar as fotografias que fiz do boi de janeiro dos Coquis durante meu trabalho de campo, junto às transcrições que realizei ou coletei de outras fontes em minha pesquisa, para compor ilustrações que representem de forma diferenciada e subjetiva aquilo que é vivenciado nessa festividade.

Zora, além de realizar trabalhos visuais à frente do seu tempo, inspirou autoras que seguiram seu exemplo, como Sara Oliveira, que fez as colagens presentes na coletânea *FIRE!!! Textos recolhidos de Zora Neale Hurston* (Erickson; Bös-

¹ Também conhecido como "*African American Vernacular English*", é uma variedade linguística do inglês norte-americano usada por parte da comunidade afro-americana nos Estados Unidos por gerações, tendo se desenvolvido a partir da chegada dos africanos escravizados ao país e se mantendo até os dias atuais como forma de reivindicação de identidade e luta contra estereótipos.

chemeier, 2021), refletindo ilustrativamente o que os textos passam. A partir dessa referência, fiz colagens digitais em cima das fotos feitas para meu trabalho, usando trechos das músicas cantadas pelo grupo do boi de janeiro dos Coquis, que foram transcritas em Dutra (2015, 2021). Pelo fato do boi dos Pê Roxo não sair mais, não pude fotografá-lo e não existem muitas imagens dele; por isso, fiz um desenho de um antigo registro para ter também sua representação neste trabalho. Junto a esse desenho, coloquei um trecho da entrevista que pude fazer com Loloíça (Emanuela), antiga participante do boi dos Pê Roxo, em agosto de 2022.

Assim, me inspirei em Zora para tentar produzir algo mais criativo e que ilustrasse a forma como as pessoas envolvidas na minha pesquisa de fato se expressam, indo além da minha descrição, mas com uma representação mais visual e lúdica dessa tradição tão importante na cidade. Serão apresentadas a seguir essas imagens.



Figura 1. Boi de janeiro dos Coquis. Fonte: Autoria própria

Na Figura 1, aparece o boi de janeiro pelas ruas de Rubim, acompanhado das pastorinhas com suas saias de chita e os foliões tocando seus instrumentos, ambos com adornos de penas de pavão e seguidos pelo público que os acompanha. Busquei destacar as cores e movimentos presentes na imagem, que são detalhes muito marcantes do boi de janeiro.



Figura 2. A Lobinha de Ouro. Fonte: Autoria própria

A Figura 2 mostra a Lobinha de Ouro andando com sua cabeça mecânica de zebra – sempre presente em sua performance –, usada para assustar as crianças na rua quando abre e fecha ao som de sua música, transcrita na imagem. No momento da foto, ela faz sua apresentação e anima todos aqueles que estão em volta, batendo palmas, acompanhando seu ritmo e cantando.



Figura 3. O Vêio e a Maria Manteiga. Fonte: Autoria própria

A Figura 3 conta com a Maria Manteiga e o Vêio, dois personagens que dançam juntos em sua apresentação – “brincando”, como diz a canção –, mas também têm momentos separados, em que a Maria Manteiga dança sozinha e o Vêio corre com sua bengala e seu facão atrás das crianças na rua. A apresentação deles sempre foi uma das minhas favoritas por ter essa interação entre ambos e envolver muito o público nas brincadeiras, se tornando um momento conjunto em que acontecem improvisos e surpresas.



Figura 4. A pastorinha e o boi. Fonte: Autoria própria

Em certo momento da apresentação, cada uma das pastorinhas conduz o boi de janeiro pelo círculo formado pelo público – inclusive a rainha, presente na Figura 4, com seu vestido branco, diferente da saia de chita das outras pastorinhas, e levando uma coroa na cabeça. Em algumas das performances que eu assisti e fotografei para o trabalho, foram incluídas algumas crianças das casas onde o boi se apresentava, de modo que

elas acompanhavam as pastorinhas, segurando o boi para rodar pelo círculo e tornando-se também participantes da performance.

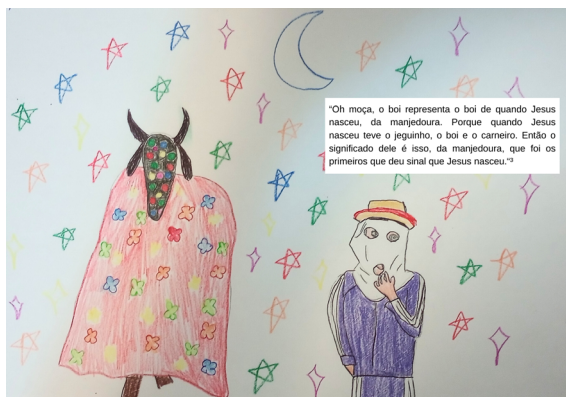


Figura 5. Boi de janeiro dos Pé Roxo. Fonte: Autoria própria

A última imagem, a Figura 5, representa o boi dos Pé Roxo, que saía acompanhado apenas das

pastorinhas e foliões. Junto ao desenho está uma parte do depoimento de Loloíça sobre o que o boi de janeiro representa na Folia de Reis, mostrando como também estaria ligado à cena do nascimento de Jesus, fazendo parte da tradição natalina para aqueles que comemoram.

Por fim, ao valorizar diferentes formas de expressão e descrição dos contextos pesquisados – com sua escrita poética e subjetiva, além de explorar uma variedade de meios para compor seus trabalhos –, Zora Neale Hurston me inspirou de diversas formas. Como foi apresentado ao longo do texto, usei de contextos e pesquisas que eu já vinha trabalhando há algum tempo, mas pude ter um novo olhar ao ter contato com os trabalhos da antropóloga. Seu modo de fazer etnografia era muito à frente de seu tempo e não foi tão valorizado em sua época, mas pôde possibilitar, no presente, formas inovadoras de escrita, fotografia e audiovisual para todos aqueles que se permitam conhecer essa grande autora e antropóloga, buscando uma ciência que saia dos padrões estabelecidos como clássicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASQUES, M. Diários de Antropologia Griô: etnografia e literatura na obra de Zora Hurston. **Revista Antropológicas**, Recife, ano 23, v. 30(2), p. 316–326, 2019.

DUTRA, Alba Valéria Freitas. **Folias da Cultura**: Memórias de Percurso. Rubim: ONG Vokuim, 2015.

DUTRA, Alba Valéria Freitas. **O boi de janeiro na folia de Reis dos Coquis**: Relações (im)possíveis com as práticas escolares. 2021. 154 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Educação, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2021.

ERICKSON, S. S. F.; BÖSCHEMEIER, A. G. E. FIRE!!! Textos escolhidos de Zora Neale Hurston. **Ayé: Revista de Antropologia**, Acarape, v.1, n. 1, 2021.

HARAWAY, D. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 7–41, 1995.

HURSTON, Zora Neale. **Tell my Horse**: Voodoo and life in Haiti and Jamaica. New York: Harper Collins E-books, 2008.

HURSTON, Zora Neale. **Olualê Kossola**: As palavras do último homem negro Escravizado. Rio de Janeiro: Editora Record, 2021a.

HURSTON, Zora Neale. **Seus olhos viam Deus**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2021b.

SANTOS, Emanuela dos. **Entrevista I** [ago. 2022]. Entrevistador: Lavínia Botelho e Brito. Rubim, 2022. 1 arquivo mp3.

Bruna Dias Teixeira
Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Contato
brunadiastt@gmail.com

Palavras-chave:
memória; ancestralidade; parentesco.

Keywords:
memory; ancestry; kinship.

1 bell hooks é o pseudônimo escolhido por Gloria Jean Watkins em homenagem à sua avó. O nome escolhido, grafado em minúscula, é um posicionamento político da recusa egôica intelectual. (Caruso, 2022)

2 KILOMBA, Grada. **While I Write.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UKUaOw-fmA9w>. Acesso em: 25 jun. 2024.

CULTIVANDO OS JARDINS DE NOSSOS ANCESTRAIS: REMEMORANDO A ANCESTRALIDADE PARA AUTORRECU- PERAR E AUTODEFINIR

CULTIVATING THE GARDENS OF OUR ANCESTORS: remembering ancestry to self-heal and self-define

Resumo: Objetivo deste trabalho é apresentar através de um relato de experiência como o processo de autodefinição e auto-recuperação de mulheres negras pode dar pelo caminho de rememorar a ancestralidade. A partir de Patricia Hill Collins (2019), bell hooks¹ (2023), Zora Neale Hurston (2021), o relato que segue traz reflexões sobre a minha trajetória na universidade e os questionamentos acerca da autodefinição que emergem no contato com as autoras citadas e outras tantas que eu pude conhecer durante a minha graduação. Neste texto, busco reconectar-me com as mulheres da minha vida, retorno, sobretudo, a imagem de minha avó, especialmente a sua morte. E neste momento memorístico que envolve luto e autoconhecimento proponho no texto uma carta relatando à minha avó o dia de sua morte, sua ausência, e nessa proposta literária ousada, discuto como a morte, luto e as memórias podem construir o processo de autodefinição de mulheres negras. Articulando, assim, como minhas palavras não são sem sentido. Elas estão em ação e em resistência, é a partir do caminho da autorrecuperação e autodefinição, juntando e conectando pedacinhos da memória viva que eu posso enfim descobrir a minha própria identidade.

Abstract: *The objective of this work is to present, through an experiential narrative, how the process of self-definition and self-recovery of Black women occurs through the path of remembering ancestry. Drawing from Patricia Hill Collins, bell hooks, and Zora Neale Hurston, the following narrative offers reflections on my journey at university and the questions about self-definition that emerge through contact with these authors and many others I encountered during my undergraduate studies. In this text, I seek to reconnect with the women in my life, particularly returning to the image of my grandmother, especially her death. In this mnemonic moment that involves mourning and self-discovery, I propose in the text a letter to her, recounting the day of her death, her absence, and in this bold literary proposal, I discuss how death, mourning, and memory construct the self-definition process of Black women. My words are not meaningless. They are in action and resistance. Ultimately, it is through the path of self-recovery and self-definition, by gathering and connecting pieces of living memory, that I can finally discover my own identity.*

PONDO AS TRIPAS NO PAPEL

[...] Então, por que eu escrevo?
Eu tenho que fazê-lo
Eu estou incrustada numa história
De silêncios impostos,
De vozes torturadas,
De línguas interrompidas por
Idiomas forçados e
Interrompidas falas
E eu estou rodeada por
Espaços brancos,
Onde dificilmente eu posso adentrar e permanecer. Então, por que eu escrevo?
Escrevo, quase como na obrigação Para encontrar a mim mesma Enquanto eu escrevo
Eu não sou o Outro
Mas a própria voz
Não o objeto [...] (Kilomba, 2015).
Enquanto eu escrevo – Grada Kilomba²

Uma das lembranças mais fortes que eu tenho da universidade é do início. Lembro-me bem de como foi difícil cuidar de mim sozinha. De to-

dos os momentos, de acordar sozinha, de me alimentar sozinha, de andar sozinha, de me deitar sozinha. Quando me mudei, senti-me vitoriosa pelo grande passo que eu estava dando rumo a quem eu queria ser. Eu estava deixando para trás, a realidade pacata do interior e adentrando a uma selva, a selva dos meus sonhos. Nunca me senti tão sozinha. Longe das mãos doces e quentes de minha mãe, de tudo que eu conhecia. Eu estava sozinha.

Em um dos finais de semana em que retornei para casa, lembro de me sentar na mesa da cozinha e grunhir um som estranho de descontentamento. Minha mãe rapidamente me perguntou o que era. Agora, grunhindo mais alto e em meio às lágrimas, eu chorava e esperneava dizendo que não daria conta. Era burra demais. Não sabia do que os meus colegas falavam, não entendia um minuto sequer das aulas que eu tinha. Eu lia, lia, lia e não entendia nada dos textos. Eu era muito burra para estar ali. Eu queria desistir. Como podem ver, eu acabei não desistindo da universidade. Algo que sei somente agora é que os sonhos que eu sonhei não eram apenas meus. Eu estava caminhando em uma estrada aberta por muitos e eu não poderia desviar daquele caminho. E eu não desviei.

Só pude continuar porque encontrei amigos

cujas trajetórias eram parecidas com a minha. Pude ler textos em que as/os autoras/es escreviam sobre sentimentos e trajetórias parecidas com as minhas e as da minha família. Somente pude permanecer porque tive a oportunidade de me ler nos trabalhos de outros que aqui estiveram. Somente pude permanecer pelo esforço incansável dos meus colegas para que pudéssemos acessar em nossas aulas tais obras e debates e diversos outros materiais. Ainda me sinto uma grande impostora. Ainda vivo com medo de ser desmascarada como inferior em relação aos meus pares. Vivo com os nervos à flor da pele com medo de que as oportunidades que eu desejo não venham. Vivo com o coração na boca com medo de que eu não consiga permanecer neste lugar. Quando me sinto assim, sempre retorno à bell hooks, Zora Neale Hurston, minha mãe e a minha avó, busco nelas a inspiração e a força para resistir aqui.

Cheguei à teoria porque estava machucada – a dor dentro de mim era tão intensa que eu não conseguiria continuar vivendo. Cheguei à teoria desesperada, querendo compreender – apreender o que estava acontecendo ao redor e dentro de mim. Mais importante, queria fazer a dor ir embora. Vi na teoria, na época, um local de cura (hooks, 2013, p. 83).

Nas palavras de bell hooks, em *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra* (2019), ela ainda era uma garota se tornando uma mulher quando leu as palavras de Adrienne Rich: “essa é a linguagem do opressor porém eu ainda preciso falar com você” (1952 *apud* hooks, 2019, p. 73). De acordo com bell hooks (2019), foi essa linguagem que a permitiu terminar a pós-graduação. Assim como ela, é neste espaço e nessa linguagem que carrega estigmas e estereótipos que eu busco compreender a mim mesma e aquelas que vieram antes de mim.

Estamos enraizados na linguagem, fincados, temos nosso ser em palavras. O oprimido luta na linguagem para recuperar-se a si mesmo – para reescrever, reconciliar, renovar. Nossas palavras não são sem sentido. Elas são uma ação – uma resistência. A linguagem é também um lugar de luta (hooks, 2019, p. 73–74).

Muito disso e desse interesse se refere ao fato de que esse espaço tem sido um espaço de exclusão e expulsão de pessoas negras e pobres, sobretudo mulheres. Este espaço no qual minha avó e minha mãe não puderam adentrar é de onde eu falo. Este lugar não é só meu. Este lugar é delas também. A minha história e as minhas vitórias não são só minhas, são delas também.

Integro este espaço porque anos atrás minha mãe e minha avó e muitas outras que eu não posso nomear cuidaram para que eu pudesse adentrar. Faço parte deste lugar porque minha mãe me acompanhou o quanto pôde e me ensinou tudo que sabia. Do abecedário aos fatos como soma e multiplicação. Até onde a sua própria escolaridade permitiu. Dali em diante eu prossegui. Um caminho árduo, de vitórias e fracassos. Mas houve um caminho. Segui tentando

abrir mais portas para que mais pessoas como eu pudessem adentrar este espaço e falar a partir desta linguagem.

CONQUISTANDO A PALAVRA, DESCREVENDO A PERDA

Quem nos deu permissão para praticar o ato de escrever? Porque escrever parece tão artificial para mim? Eu faço qualquer coisa para adiar este ato – esvazio o lixo, atendo o telefone. Uma voz é recorrente para mim: Quem sou eu, uma pobre chicanita do fim do mundo, para pensar que poderia escrever? Como foi que me atrevi a tornar-me escritora enquanto me agachava nas plantações de tomate, cultivando-me sob o sol escaldante, entorpecida numa letargia animal pelo calor, mãos inchadas e calejadas, inadequadas para segurar uma pena? (Anzaldúa, 2000).

Eu me pareço muito com a minha mãe. Eu tenho a pele mais clara que a dela e os cabelos mais encaracolados também. Tenho o mesmo nariz, a mesma boca, a mesma orelha. Também tenho os mesmos medos e as mesmas ansiedades. Ela sempre fala da minha avó e com certeza é a pessoa que mais sente falta dela nesse mundo inteiro. Tudo que eu sei de minha avó eu sei através de minha mãe. É como se as histórias das duas se fundissem em uma só. Gosto de pensar que também faço parte dessa fusão. Uma fusão ancestral. A história delas e a minha são uma só. E é por isso que eu valorizo a fala de minha mãe e todas as suas experiências bem como lamento a ausência dos relatos de minha avó. Elas são meu caminho de autodefinição e autorrecuperação através das memórias.

Minhas palavras não são sem sentido. Elas estão em ação e em resistência. Enfim, é a partir do caminho da autorrecuperação e autodefinição, juntando e conectando pedacinhos de memória viva que eu posso enfim descobrir a minha própria identidade. Logo, a morte não é uma ruptura total que destrói toda a continuidade de um corpo em que se habita e a matéria que simplesmente permanece (Uzal, 2019).

Nesse sentido, “o ato de escrever é um ato de criar alma, é alquimia. É a busca de um eu, do centro do eu, o qual nós mulheres de cor somos levadas a pensar como um ‘Outro’” (Anzaldúa, 2000, p. 232). Desse modo, ainda segundo Anzaldúa, nós sabemos que somos diferentes, separadas, exiladas do que é considerado “normal”, o branco-correto. E à medida que internalizamos este exílio, percebemos a estrangeira dentro de nós e geralmente como resultado dessa percepção nos separamos de nós mesmas e entre nós. Assim, reconectando-me com as mulheres da minha vida e, retornando, sobretudo, a imagem de minha avó, tento construir uma identidade mais ampla do que a sociedade propôs para mim e não obstante uma identidade mais ampla do que a academia propôs a uma escritora e antropóloga como eu.

A jornada rumo à autodefinição têm impor-

tância política (Collins, 2019, p. 205). Ainda segundo Collins, a autodefinição é uma prática crucial para desafiar as representações estereotipadas e desumanizadoras frequentemente encontradas na sociedade racista e sexista. Ao se autodefinirem, as mulheres negras não apenas reivindicam sua própria humanidade e complexidade, mas também criam um espaço para a produção de conhecimento e solidariedade que é fundamental para a resistência e o empoderamento coletivo. No caminho que tenho traçado neste texto e em meu percurso acadêmico, tenho buscado ir além do “eu pessoal” e ampliando o foco para um “eu maior”, um “eu” que contemple a história de outras mulheres negras que existiram e resistiram para que eu pudesse adentrar e existir neste espaço acadêmico.

Collins traz a passagem de Alexis DeVeaux em que ela observa que nos escritos de mulheres negras existe uma investigação significativa do “eu”. É o “eu” em relação com um outro íntimo, com a comunidade, com a nação e o mundo. Ainda segundo DeVaux nos colocarmos no centro da análise é fundamental para uma série de relações.

Temos de entender qual é o nosso lugar como indivíduo e qual é o lugar da pessoa que está perto de nós. Precisamos entender o espaço de cada um antes de entendermos grupos mais complexos ou maiores (Collins, 2019, p. 203).

Assim, a autora traz a ideia de que a jornada das mulheres negras geralmente envolve a transformação do silêncio em ação. Empreendendo uma busca por autodefinição em limites geográficos próximos, estabelecendo conexões e relações pessoais complexas e, assim, trazendo profundidade à busca por identidade, em vez de amplitude geográfica.

Para famílias negras, a história é negada, velada e sufocada. Negar essas memórias é também negar um passado escravocrata e extinguir qualquer possibilidade de reparação. Não permitir a retomada das origens e apagar qualquer rastro da memória e história negra faz com que a busca pelas nossas raízes e identidades seja ainda mais dolorosa e por vezes um caminho que não chega a lugar nenhum. Para Collins (2019, p. 206), a ênfase na autodefinição reformula o diálogo. Ou seja, em vez de apenas contestar representações estereotipadas ou incorretas (como a ideia de um matriarcado negro), elas passam a discutir quem tem o poder de definir essas imagens e narrativas. Com isso, as mulheres negras não apenas desafiam as imagens de controle³ mas também questionam a legitimidade das pessoas que detêm o poder de criar tais representações. “Independentemente do conteúdo real das auto-definições das mulheres negras, o ato de insistir em nossa autodefinição valida nosso poder como sujeitos humanos” (Collins, 2019, p. 206).

Ao olhar para dentro de mim, tenho a percepção que eu me torno uma pessoa enlutada não a partir do momento em que a presença física da minha avó se torna impossível, mas pelo

movimento de me enxergar e tomar consciência de que a possibilidade de me entender enquanto sujeito deveria ser a partir das vivências da minha matriarca. Os vestígios da minha história desapareceram juntamente com a sua presença física. Minha avó, um receptáculo de história e memória, a única forma de me encontrar e me criar como sujeito foi embora. Buscando a autorrecuperação, retorno às vozes do passado que falam em e para mim. Retorno a uma voz coletiva cuja dominação e a colonização tentaram exterminar e, assim, me oponho a essa violação. Segundo hooks (2019), quando nos opomos a essa desumanização, buscando nos autorrecuperar por meio do trabalho de reunir os fragmentos do ser, para recuperar a nossa história “Esse processo de autorrecuperação permite que nos vejamos como se fosse a primeira vez, pois nosso campo de visão não é mais configurado ou determinado somente pela condição de dominação” (hooks, 2019, p. 78).

Logo, pensando pela via da ancestralidade da possibilidade de enxergar a morte e o luto como um processo de continuidade e resistência de uma cultura ancestral, a busca por um parente, remenda a busca por uma memória viva, fazendo, assim, uma distinção essencial entre o corpo e o morto. O corpo é carne e se esvai, como bem sabemos, mas o morto se mantém na memória daqueles que permanecem. Este processo é ao mesmo tempo de autorrecuperação e cura. “Aqueles que nos amam jamais nos deixam sozinhos com a nossa dor. No momento em que mostram a nós nossa ferida, eles revelam ter o remédio (Walker, 2021)”.

O que bell hooks evoca em seus textos é uma ferida que é comum a nós. Uma dor dilacerante que diz respeito à própria identidade violada e arrancada de si. Em seu livro *Irmãs do Inham: Mulheres negras e autorrecuperação* (2023), hooks trouxe à tona uma imagem tão nítida e conhecida para mim: as mãos negras e quentes que me niram e curaram as minhas dores da infância.

Quando crianças, nós achávamos que seus unguentos caseiros tinham poderes mágicos curativos. Hoje estou convencida de que a mágica, o poder da cura, residia em suas mãos escuras, quentes e amáveis – mãos que sabiam nos tocar e nos fazer sentir inteiras, que sabiam fazer a dor ir embora (hooks, 2023, p. 13).

É para essas mãos que eu desejo retornar, é para este peito que me me alimentou e me nutriu que eu retorno com essas palavras. Eu não posso viver sem a comunhão e a comunidade da minha ancestralidade, do meu parentesco e da minha família. Ao contrário do que acreditávamos na infância, “A cura acontece pelo testemunho, pela união de tudo aquilo que está aí e pela reconciliação” (hooks, 2023, p. 24).

Em Zora há também a crítica e um questionamento ao condicionamento de seu corpo forjado pelo sequestro de seus ancestrais do continente africano. Não apenas rompe com os grilhões que a impediam de florescer seus escritos à sua própria maneira como também interpelava e desafiava a brancura que atravessavam (e ainda a atra-

3 De acordo com Bueno (2020) imagens de controle são as imagens que são usadas por grupos dominantes da cultura ocidental branca eurocêntrica para perpetuar padrões de violência e dominação contra outros grupos.

vessam) a sua caminhada particular e coletiva tanto no âmbito particular como no acadêmico. "Por que os cursos de Ciências Sociais raramente se baseiam na leitura de autores negros? Alguns dizem que os clássicos (e a sua demasiada branquitude) são incontornáveis" (Basques, 2019, p. 102). Tenho feito essa pergunta desde o início da graduação. Para mim, era e ainda é inadmissível tratarmos escritos permeados de racismo e eurocentrismo como a verdade absoluta. Como se não pudéssemos fazer ciência sem citá-los e trazê-los à tona. Voltemos à recusa de Franz Boas de apoiar Zora Neale Hurston e, além disso, manter uma relação distante com ela após divergências sobre o papel do antropólogo no trabalho de campo. Na época, a antropologia se dividia entre a escola estrutural-funcionalista na Inglaterra, os trabalhos dos alunos de Marcel Mauss na França e a emergência da escola culturalista norte-americana. Pelo contrário, Hurston integrava artes, ativismo e ciência em sua antropologia, navegando nas margens e bordas da academia. Ela se via como relatora de uma realidade social que a atravessava, recusando tratá-la como mero objeto de estudo. Em seus escritos e performances, Hurston questionava pressupostos antropológicos antes nunca vistos, mas que posteriormente foram adotados por movimentos como a pós-modernidade, pós-colonialidade, decolonialidade, anticolonialidade e contracolonialidade (Erickson; Boschemeier, 2021).

O DIA MAIS TRISTE QUE JÁ EXISTIU

Era bonita Vó Rita! Tinha voz de trovão. Era como uma tempestade suave. Vó Rita tinha rios de amor, chuvas e ventos de bondade dentro do peito.
Becos da memória - Conceição Evaristo
(2017, p. 43-4)



Figura 1. Tia Sula, Vovó (Sebastiana, Mamãe (Dedi) e Madrinha Cida Fonte: Arquivo Pessoal

É estranho pensar sobre a sua partida, vovó, porque sinto que a senhora nunca se foi. Embora ainda esteja fresca em minha memória, mesmo após tantos anos, aquele triste e horrível dia em que a senhora foi morar no céu. Eu era muito nova, deveria ter uns doze anos, no entanto, se fecho os olhos consigo lembrar com detalhes o desespero e a tristeza de sua partida. As memórias tão nítidas, fazem parecer que foi ontem, parece que eu estou inventando enquanto escrevo. Não sei se é invenção o que eu vou dizer, não

sei se os detalhes estão equivocados e borrados pelo tempo. Tudo que eu vou dizer é o que eu sei. Se é verdade ou não, ninguém (nem mesmo eu) posso garantir.

Foi um dia de chuva. Minha mãe sempre diz que quando chove no dia do velório de alguém, significa que essa pessoa teve a salvação e descansará eternamente nos braços do senhor. No seu velório chovia, uma chuva fraca e fria, assim como estávamos no dia que a senhora nos deixou. Vovó, sua partida foi o dia mais triste que já existiu. Lembrar desse dia faz com que o dia de hoje seja tão triste e ruim quanto o dia que a senhora se foi. Eu lembro de tudo, eu lembro como se fosse ontem. Eu lembro da senhora, mas não lembro muito bem de como eram as coisas antes do dia em que a senhora partiu. Eu choro porque a lembrança mais nítida que eu tenho da senhora é do dia da sua partida.

Eu não lembro da sua voz, eu lembro do seu cheiro, eu não lembro do seu abraço mas lembro do gosto da sua comida. Eu não lembro da sua voz. Eu fecho os olhos e faço um enorme esforço para tentar ouvir e o máximo que eu consigo é escutar a voz da minha mãe te imitando mas não é o som da sua voz. O que eu faço agora se eu esqueci do som da sua voz? O que eu faço agora se eu esqueci de tudo? Se tudo que eu lembro da senhora me leva a sua partida?

A maior parte dos dias eu nem lembro que a senhora se foi, essa pausa seca que nos separa foi tão súbita que eu ainda acho que a senhora está em casa. Lá na casa da vovó. Lembrar da senhora é lembrar de domingos, de sorvete e do rio. De acordar cedinho para ir te ver. Fecho os olhos e tento lembrar da sua voz. Eu não lembro. Eu não lembro que a senhora não está. Eu acho que a senhora está na sua casa. Aquela casa, perto da mercearia onde eu comprava doce. Aquela casa de grades, a casa da vovó com grades verdes. Com o chão de cimento queimado, com a porta do banheiro que não funcionava direito. Eu lembro do Natal, eu lembro da ceia, da senhora dançando, da senhora com os vestidos coloridos, do seu cabelo curtinho e do cheirinho da sua casa. Mas eu não consigo me lembrar da sua voz. Como eu não consigo me lembrar da sua voz se me lembro tão bem da sua partida?

Era madrugada, a senhora estava internada. Antes de dormir a gente tinha tido uma boa notícia, a senhora estava melhorando. Ou será que não estava? Fomos dormir. Três horas da manhã, mamãe me acorda. Eu lembro do meu pai gritando e me levantando logo. Mamãe estava no quarto, calada, de cabeça baixa. Eu soube ali. Eu soube nesse momento que nada do que eu pudesse fazer poderia fazer com que voltássemos no tempo. Eu era muito nova, mas conhecia o medo da morte. Eu conhecia o medo da ausência.

Quarenta minutos depois estávamos em sua casa. Sem a senhora. Era tão escuro, era tão vazio. A televisão não estava ligada, o som não estava tocando as músicas que a senhora gostava de ouvir. Um silêncio sepulcral. Um silêncio súbito que eu jamais vira em sua casa. A movimentação

era grande mas não era de alegria. Era uma tristeza enorme que invadia cada centímetro da casa que um dia fora tão feliz. Eu lembro da felicidade, eu lembro das danças, eu lembro da senhora dançando, eu lembro do cheiro inconfundível de cigarro, de pito. Eu lembro de alegria, eu lembro de ternura, eu lembro da sua benção.

Eu era a única criança ali, pelo menos é o que eu lembro. Fiquei deitada na sua cama. Mamãe me colocou para dormir. Eu estava com medo do escuro, não queria te ver entre as sombras. Queria te ver alegre, feliz e colorida. Mas tinha medo do escuro porque eu não queria te ver na escuridão da morte. O dia amanheceu, o sol veio mas não nos iluminou e muito menos nos esquentou, só quem podia fazer isso era a senhora, vovó. A senhora chegou. Eu ouvi minha madrinha chorando alto, depois mais choro e mais choro. Uma sequência infinita. Meu pai me mandou ficar no quarto, mas não fiquei.

Eu lembro do choro, se eu fecho os olhos eu escuto o choro. O medo, a solidão. Se eu fecho os olhos eu posso me ver de olhos arregalados com medo e com vontade de chorar também. O quarto era escuro, mas eu pude ver minha feição de menina com medo, com horror. Eu não entendia, mas eu sabia que era ruim. Minha avó tinha chegado. Mas eu não lembro da sua voz. Eu estava com medo. Eu estava no escuro. Minha mãe me buscou, perguntou se eu queria te ver, vovó. E eu fui. Ainda não sei se fiz certo. A imagem da sua morte me marcou mais do que a sua imagem de vida. Eu fecho os olhos e te vejo em um sono profundo mas não consigo lembrar de como era a sua voz. Minha madrinha beijava a sua mão, mas eu não sabia se queria tocar alguém que já morreu. Mas eu te toquei. Eu acariciei a sua mão gelada e pálida.

A sua volta tinha flores brancas. Rosas brancas. E a senhora estava vestindo um terninho azul. Se eu fosse grande naquela época, vovó, jamais deixaria que te vestissem com aquele terninho azul. Um terno azul claro em uma mulher que sempre vestiu vestidinhos coloridos e sandálias de tiras. Um terninho azul que matou mais uma vez. A senhora jamais vestiria aquela roupa, mas teve que vestir na morte. Uma maquiagem horrível, um corpo tão inchado. Não era a senhora. Não tinha como ser a senhora. Aposto que se eu discar seu número eu consigo falar com você. Eu não lembro do seu número de telefone. Eu não lembro da sua voz. Foi a última vez que eu fui à sua casinha. Nunca mais voltei. Minha mãe não conseguia. E eu entendo. A senhora era rainha. Era assim que a minha mãe te chamava. Nunca ouvi ela te chamando de outra forma. Sebastiana, seu nome é perfeito para a senhora. Sagrada, venerável e gloriosa. Seu nome te definiu tão bem. A senhora é sagrada. A senhora é venerável. A senhora é gloriosa.

Mas eu ainda não me lembro de sua voz. Seu velório seguiu pelo dia. Muitas pessoas estavam presentes. A senhora era uma pessoa querida. Muitas pessoas vieram, eu lembro disso. Mas eu não me lembro de ninguém. Eu me lembro de muitas pessoas mas não vejo o rosto de ne-

nhuma delas. Só pensava na mamãe. Só pensava em sua tristeza profunda. Vi mamãe dizendo que jamais poderia ser feliz sem a senhora. E eu acredito. Eu jamais pude ser feliz sem você, vovó. Eu não me lembro de ninguém. Eu não me lembro de rosto nenhum mas eu me lembro que seu cachorro deitou bem debaixo do seu caixão. Ninguém tirou. Ele ficou lá. Acho que ele também não podia ser feliz sem a senhora. Ninguém mais foi.

Eu ainda não acredito que a senhora partiu. Eu tento lembrar do seu número de telefone porque eu quero te ligar. Eu não lembro da sua voz, eu quero me lembrar. Por que eu não lembro da sua voz? Eu quero escutar a sua voz. Eu quero escutar as suas histórias. Eu quero escutar tudo que a senhora tem a dizer. Mas eu não me lembro da sua voz. E eu me lembro de tanta coisa. Vovó, eu te peço, por favor, me conta suas histórias. Eu não sei quem eu sou sem elas. Eu não sei ser Bruna sem saber quem foi Sebastiana. E eu não sei, ninguém me conta, eu não acredito em ninguém. Eu quero ouvir da sua boca, as vozes dos outros não me bastam. As vozes dos outros não matam a minha sede de você. Porque eu não consigo me lembrar da sua voz? Vovó, toda vez que eu vejo uma rosa vermelha eu lembro de você porque a senhora plantava muitas rosas vermelhas em seu pequeno quintal. Vovó, quero ser vaidosa igual a senhora era. Quero que você me conte suas histórias. Quero ser você. A senhora vive em mim. Mas por que eu não consigo me lembrar da sua voz? Por que esse silêncio tão profundo?

Eu tenho que contar uma verdade. Quando a senhora partiu eu não entendi direito o que significava a sua partida. Quando a senhora estava aqui acho que não dei importância o suficiente. Eu tento me perdoar, vovó, porque eu era pequena. Eu não entendia. Eu não sabia. Como eu poderia saber? Quando a senhora se foi, eu chorei. Eu chorei porque eu estava com medo. Eu não entendia como a morte funcionava. Eu não sabia o que era morrer. Eu chorei porque mamãe chorava. Mas eu não entendia o que a sua voz significava. Por que eu não me lembro de sua voz?

Hoje, eu entendo que o choro de criança era o choro de quem chorava porque os outros choravam. Eu chorei porque eu iria sentir falta de pedir pra senhora os santinhos que a senhora tinha pela casa. Hoje eu nem acredito mais em santo. Mas hoje eu sei que a senhora é sagrada. Eu chorava porque eu não ia ter seu abraço e eu não ia poder pedir sua benção, vovó. Eu chorei porque achei que eu tinha perdido minha avó. Hoje eu choro porque eu me perdi. Demorou bons anos, mas eu percebi que a sua vida e a sua partida significavam muito mais do que as superficialidades da relação neta-avó. Eu te perdi e quando eu te perdi eu perdi a minha mesma. Eu não sei de onde eu vim. Eu não sei quem eu sou. Eu tento recuperar a mim mesma todos os dias e eu entendi depois de muito tempo que eu precisava começar a partir de você. Eu preciso me lembrar da sua voz. Da senhora eu não tenho nenhum registro a não ser fotografias. Nenhuma fotografia da senhora jovem. Não vou além disso. Não tenho nenhum documento. Seu nome nos documentos dos meus tios às vezes é diferente. Nem o seu

nome eu sei direito. Eu não sei de onde a senhora veio. Então de onde eu vim? Por que eu não consigo lembrar da sua voz?

Vovó, começo a contar a história de sua morte porque é até onde eu consigo ir. No meu passado eu não encontro mais nada. Eu lamento a senhora não estar aqui pra ajudar a descobrir quem eu sou. Mas eu quero descobrir a partir da senhora. Eu quero que comece por você, vovó, porque a senhora é a primeira fonte do meu passado. É o início de mim que eu pude conhecer. A senhora vive em mim porque eu te amo. Quero começar pela senhora porque eu sei que a senhora tem o que eu busco. Eu busco a mim mesma e eu quero encontrar um pouco de mim na senhora. Até pouco tempo atrás eu não sabia quem eu era. Eu olhava no espelho e não enxergava quem eu era. Mas os outros me viam. Vovó, os outros sempre me viram e me descobriram antes de mim mesma. Eu sempre achei que a morte era o fim, hoje eu vejo como pode ser continuidade. A senhora vive. A senhora vive em mim. Eu não me lembro da sua voz mas eu vou lembrar. Vovó, eu quero cultivar o seu jardim de rosas vermelhas. Prometo jamais deixá-lo morrer.

Eu me pareço muito com a minha mãe. Eu tenho a pele mais clara que a dela e os cabelos mais encaracolados também. Tenho o mesmo nariz, a mesma boca, a mesma orelha. Também tenho os mesmos medos e as mesmas ansiedades. Ela sempre fala da minha avó e com certeza é a pessoa que mais sente falta dela nesse mundo inteiro. Tudo que eu sei de minha avó eu sei através de minha mãe. É como se as histórias das duas se fundissem em uma só. Gosto de pensar que também faço parte dessa fusão. Uma fusão ancestral. A história delas e a minha são uma só. E é por isso que eu valorizo a fala de minha mãe e todas as suas experiências bem como lamento a ausência das memórias de minha avó. Elas são meu caminho de autodefinição e autorrecuperação através das memórias.

AMOLANDO A MINHA FACA DE OSTRAS

Haraway (1995) propõe o conceito de “visão parcial” ou “conhecimento situado” como uma alternativa ao ideal de uma visão neutra e universal. Ela defende que reconhecer a especificidade de cada perspectiva não só aumenta a objetividade da ciência, mas também promove um campo de pesquisa mais responsável e ético. Ao admitir que toda a percepção é parcial, os cientistas podem estar mais atentos às suas próprias limitações e aos vieses que suas posições sociais e culturais podem introduzir em seu trabalho. A necessidade de entender a mágoa, quem eu sou e fazer a dor ir embora são os elementos constitutivos desse texto e da minha busca pela teoria como prática curativa. Tive a oportunidade de construir isso ao longo dos anos da graduação e, sobretudo, na disciplina “Introdução a vida e obra de Zora Neale Hurston”. Conhecer Zora e trazê-la para meu altar de mulheres negras escritoras foi um enorme prazer. Zora põe as tripas no papel e, desse modo, coloca os dedos em minhas feridas. Assim como ela fez, proponho-me

sempre a burlar os limites da ciência e escrever ao meu próprio modo, misturando minhas memórias, minhas dores e as oralituras⁴ ancestrais que me cercam.

Zora me ensinou a escrever sobre mim e de cabeça erguida. As narrativas históricas com as quais temos contato ao longo da vida orientam a maneira como definimos quem somos nós e quem chamamos de outros (Pinto, 2021, p. 12). E, eu, assim como ela, não sou um “outro” qualquer. Sobretudo, me ensinou a não permitir que os momentos em que eu me sinto acuada ou inferior definam a minha identidade ou limitem as minhas ambições. *O texto Como eu me sinto uma pessoa de cor* (2019) é um chamado constante da recusa em ser definida pela opressão e pela preferência de foco nas possibilidades e riquezas de sua cultura e identidade. Hurston não escreve, especificamente, sobre a discriminação num mundo dominado por brancos – o que lhe rendeu algumas críticas dos ativistas pelos direitos dos negros –, mas o que também me chamou bastante atenção. A partir dessa escrita, o “eu” relegado à miséria tornou-se o sujeito que se inscreve e se descreve a partir de suas vivências. Em consequência disso, a narrativa e a representação de vozes marginalizadas ganha força em um lugar historicamente pertencente às elites: a escrita.

A escrita de Hurston, aborda de maneira crítica e desafia as estruturas de poder, conhecimento e dominação que foram estabelecidas durante o processo de colonização e que continuam a influenciar a maneira como o conhecimento é produzido, transmitido e valorizado. “Poderíamos traçar um fio condutor que conecta as indagações de Hurston às nossas realidades” (Erickson; Boschemeier, 2021, p. 5). Indagações essas que foram traduzidas e trazidas até nós por um trabalho insistente de acadêmicos que jamais desistiram de seus grandes mestres. Tal fio condutor que conecta os sentipensares de Zora às nossas escritas⁵. As mesmas opressões, baseadas nos parâmetros do racismo estrutural e do patriarcado, afetam grande parte da sociedade brasileira atual. Especialmente mulheres negras e indígenas, que enfrentam formas cotidianas de precarização da vida, racismo, genocídio e epistemicídio.

Hurston se reconhecia como um ser completo, complexo e contraditório, e também descreve outras pessoas negras dessa maneira. Para ela, a negritude não era homogênea, mas um espaço de diversidade. Enfrentando machismos e privilégios brancos, Hurston afirmava que não chorava para o mundo, mas se ocupava “amolando sua faca de ostras”, mantendo suas criações afiadas e desafiadoras do *status quo*. Há uma lacuna na produção de conhecimento que reconheça intelectuais negros. Muitos docentes e discentes têm apenas agora seu primeiro contato com a obra de Zora Hurston. Este texto busca explorar essa questão, trazendo à tona a importância crítica e criativa de Hurston e de intelectuais negros na academia.

Retornando à imagem de minha avó, apesar do luto e da dor infinita, a relação que eu passo a

4 Oralituras é um conceito elaborado por Leda Maria Martins (2003) para designar histórias e saberes ancestrais transmitidos não apenas através da literatura, mas também em manifestações performáticas da cultura popular.

5 Escrivência é um termo criado por Conceição Evaristo e traz a junção das palavras “escrever e vivência”, ainda segundo a autora a força de sua ideia não está somente nessa aglutinação; ela está na genealogia da ideia, como e onde ela nasce e a que experiências étnicas e de gênero ela está ligada. (Herminio apud Evaristo, 2022).

estabelecer com os meus parentes mortos relaciona-se com a ideia de renascimento. Continuar o trabalho dos meus ancestrais e adentrar os espaços dos quais eles foram expulsos é uma forma de ancorar a minha existência na deles. A perda incide no real, no imaginário e no simbólico. Assim, a perda real se trata da minha avó e em sua presença física. No que se refere ao imaginário, pode-se dizer que suas histórias e memória poderiam me agregar e significar. O simbólico é a falta dessa presença tanto física quanto a sua própria vivência. O efeito dessa perda simbólica é o sentimento de perda da minha própria identidade e memória. Há uma complexidade na distinção socialmente elaborada entre o vivo e o morto. Pensar essa distinção e a morte com a ideia de continuidade é pertinente para pensar a identidade para além do limiar da morte.

Desse modo, a morte não representa o fim absoluto, mas sim uma transição para uma outra forma de existência ou um legado que persiste. Pensar a ancestralidade a partir do aspecto da continuidade e, assim, refletir sobre a morte como um processo de resistência de uma identidade é uma perspectiva que nos convida a valorizar a memória daqueles que não estão mais presentes e assim por dizer, a incorporação do objeto perdido ao Eu, ou seja, as memórias de minha avó, aquelas que eu reconheço como parte fundante e significativa da minha identidade se foram e assim correspondem a um universo simbólico da falta (Dunker, 2023).

"Às vezes, é preciso ter mais dúvida, do que certeza. É preciso ter mais ancestralidade, do que cientificidade. É preciso deixar que essas dúvidas corram, adentrem, façam casa e ganhem corpo (ou texto)" (Damásio, 2021, p. 195). Em suma, assim como Damásio (2021), aprendi junto dos meus (ou das minhas) que nossas palavras não precisavam ser contidas ao serem transcritas para um trabalho acadêmico, pelo contrário, elas devem (r)

existir mesmo nos lugares mais inóspitos, frios e brancos. Ancorar minhas memórias e sentimentos tão íntimos que revelam a menina-neta que eu ainda sou é escancarar minhas vulnerabilidades e ao mesmo tempo escancarar as ausências e apagamentos que fazemos de nós mesmos em nossos textos. Demorei muito tempo para saber quem eu era, mas as pessoas não demoraram um segundo sequer para me apontarem. Auto-definir e autorrecuperar é desafiar as imagens de controle e os lugares destinados a nós, mulheres, negras, periféricas. Autodefinir e autorrecuperar é questionar a legitimidade das pessoas que criam essas representações. Autodefinir e autorrecuperar é se (re)conhecer e aceitar a própria identidade, história e experiências.

Enfim, ao cultivar os jardins de meu ancestrais retorno e enalteço a eles, sobretudo minha avó. Trata-se de um caminho que tenho percorrido para me encontrar e me redescobrir, um processo que só faz sentido a partir dela. Essa vontade de autoconhecimento e redescoberta é também resultado de sua ausência. Portanto, essa escolha não se deve à sua notoriedade pública, mas ao seu papel significativo como portadora de memórias, tradições e resistências que são parte integrante da história e da cultura negra. Isso porque tais memórias não esgotam-se apenas nela, mas carregam a vivência de uma coletividade. Minha avó, com suas histórias e vivências, representa um elo vital na cadeia de transmissão de conhecimento e cultura. Através da narrativa de sua vida, pretendo abordar como as experiências pessoais estão intrinsecamente ligadas à memória coletiva, atuando como âncoras de nossa identidade cultural. Para tanto, amolo minha faca de ostras, me autodefino e me autorrecupero e, assim, como Zora busco desafiar as estruturas de poder, conhecimento e dominação que foram estabelecidas durante o processo de colonização e que continuam a influenciar a maneira como o conhecimento é produzido, transmitido e valorizado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, [s. l.], v. 8, n. 1, p. 229, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/%x>.
- BAQUES, Messias. Zora Hurston e as luzes negras das Ciências Sociais. **Ayé: Revista de Antropologia**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 102–105, 2019.
- BUENO, W.. **Imagens de controle**: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins. Brasil: Editora Zouk, 2020.
- COLLINS, Patricia Hills. O poder da autodefinição. In: COLLINS, Patricia Hills. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019, p. 179–216.
- DAMASIO, Ana Clara. Voltando para a origem. Considerações sobre o campo entre parentes e os segredos de família. **Revista Calundu**, v. 4, p. 183, 2021.
- DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Lutos finitos e lutos infinitos, o caminho até dizer adeus**, 2019, por Aline Fonseca e Jessica Magari Ferazza. Disponível em: <https://www.unibrasil.com.br/wp-content/uploads/2019/05/1%C2%BA-Lugar-artigo.pdf>.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro. Pallas Editora, 2017.

ERICKSON, Sandra S. Fernandes et al. Apresentações do Número Especial Fire!!! Zora Neale Hurston Textos Escolhidos e Traduzidos. **Ayé: Revista de Antropologia**, v. 4, n. 2, 2021. Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/Antropologia/article/view/645/337> . Acesso em: 24 ago, 2024.

hooks, bell. Anseios: raça, gênero e políticas culturais. São Paulo: Editora Elefante, 2019a.

hooks, bell. Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Editora Elefante, 2019b.

hooks, bell. Irmãs do Inhamé: mulheres negras e autorrecuperação. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2023.

HURSTON, Zora Neale. Como eu me sinto uma pessoa de cor. **Ayé: Revista de Antropologia**, [s. l.], Fire!!! Textos escolhidos de Zora Neale Hurston (Edição Especial), 2021. Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/Antropologia/article/view/658>.

HERMINIO, Beatriz. A escrivência carrega a escrita da coletividade, afirma Conceição Evaristo. **Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo**, São Paulo, 03 out. 2022. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/noticias/a-escrevivencia-carrega-a-escrita-da-coletividade-afirma-conceicao-evaristo#:~:text=Criado%20por%20Concei%C3%A7%C3%A3o%20Evaristo%20o,explicou%20a%20escritora%20e%20educadora>. Acesso em: 25 jun. 2024.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2020.

KILOMBA, Grada. **While I Write**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UKUaOwfmA9w> . Acesso em: 18 jul. 2018.

MARTINS, L. . **PERFORMANCES DA ORALITURA: CORPO, LUGAR DA MEMÓRIA**. Letras, (26), 63–81, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2176148511881>

UZAL, Luciano G.. **Cuerpo muerto y materialidad**: exploraciones teóricas-conceptuales. Tabula Rasa, n. 31, p. 361–380, 2019 DOI: <https://doi.org/10.25058/20112742.n31.15>.

CARUSO, Gabriela de Brito. bell hooks nos deixou. **Portal FGV**, [s. l.], 27 jan. 2022. Disponível em: <https://portal.fgv.br/artigos/bell-hooks-deixou>. Acesso em: 25 jun. 2024.

Beatriz Natiele dos Reis Sabino

Graduanda em Antropologia social pela Universidade Federal de Minas Gerais. Membro do Laboratório de Etnografia e Antropologia da Religião. Possui interesse em antropologia das populações afro-brasileira e etnologia indígena. Atualmente sua pesquisa pensa as confluência entre as relações de negros e indígenas na Amazônia principalmente a partir dos estados do Pará e Amapá.

Contato

beatrizn@ufmg.br

Luan Rodrigues Nascimento

Graduanda em Arqueologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mobilizada a pensar a Arqueologia enquanto uns dos espaços dedicados à construção de narrativas a respeito dos vínculos costurados entre materialidades e as gentes, tem se disposto a refletir como o campo pode contribuir com as indagações como tensionamentos nos debates sobre Racismo, além de estar instigada com as discussões sobre diásporas negras a partir de perspectivas arqueológicas.

Contato

rodriguesnc.luan@gmail.com

Rafaela Rodrigues de Paula

Doutoranda em Antropologia Social no Programa de Pós-Graduação em Antropologia na Uni-

NOSSOS OLHARES, CORPORALIDADES E PRESENÇA NA ANTROPOLOGIA: ENTREVISTA COM DENISE DA COSTA¹

Denise da Costa Professora Adjunta no Instituto de Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, lecionando no Bacharelado de Humanidades e no Bacharelado de Antropologia dessa instituição. Leciona no Mestrado de Antropologia UFC/UNILAB, Doutora e mestra em Antropologia Social pela Universidade de Brasília. Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais. Pesquisa temas relacionados aos estudos africanos desde 2007 a partir de sua inserção no Laboratório de Etnologia e do filme etnográfico. Pautou o tema dos estudos africanos no departamento de Antropologia da UFMG tendo organizado junto à pesquisadora Denise Pimenta o seminário Do lado de lá do Atlântico: o campo da Antropologia em solo africano. Realizou pesquisa de campo e Maputo, capital de Moçambique em 2011, 2014 e 2017. Tem interesse em Antropologia Africana, Raça, Estética, concepções do belo em sociedades africanas e Cinema africano. É integrante da RIPEs. Membro efetivo da Associação Brasileira de Antropologia. Compõe o comitê de Antropologia africana da ABA. Coordenadora do Programa de Pós-graduação Antropologia da UFC-Unilab. Além disso, é escritora. Escreve ensaios, artigos acadêmicos, contos e livros didáticos.

Contato

denisecruz@unilab.edu.br

Steffane Santos: Em seu texto de apresentação à edição Especial Fire!!! Zora Neale Hurston – Textos escolhidos e traduzidos, da Revista Ayê, escrito em co-autoria com a Prof. Vera Rodrigues, você fala um pouco sobre sermos orquídeas negras suspensas à procura de nossas raízes. E neste sentido, se recorda sobre quando cursava disciplinas de Antropologia na Universidade Federal de Minas Gerais e sobre como as páginas que seus olhos percorriam a feriam e ferem. Pensando em inventar mundos, como seria para a trajetória de Denise, estudante de graduação, cursar disciplinas antropológicas em um diálogo estabelecido com Zora Hurston?

Denise da Costa: É difícil depositar toda a responsabilidade das nossas mazelas na universidade. Eu tenho pensado muito nisso. Sou totalmente pró-política de Ações Afirmativas, nossas ações devem estar em direção à cobrança e monitoramento de políticas públicas, mas também na organização de forma autônoma. Considero que há uma falha em pensar a educação como um todo, de uma cobrança da educação pública de qualidade e até mesmo uma autonomia da população negra ao se organizar, independente das políticas públicas de Estado. Dessa forma, eu considero que todas essas frentes devam existir. A infância negra, a primeira infância, os primeiros anos de vida são um momento importante na formação constitutiva de uma pessoa. E a minha infância, meus primeiros anos de vida na escola, foram muito traumáticos. Esse período geralmente costuma ser um cenário perfeito para viver o primeiro episódio de racismo, né? Tem muitas pesquisas que mostram isso: que os primeiros episódios de racismo podem ser vivenciados na escola. Esse é um período que a gente é muito pequeno, muito vulnerável, muito indefeso. E na minha época, com poucas ferramentas para saber lidar com a violência racial. Eu estudei numa escola particular, católica e de maioria branca quando era pequena, e aquilo me formou de tal maneira que eu fiquei muito sensível às questões raciais. Então, tudo é como se abrisse uma grande ferida interna, muito difícil de se cicatrizar. Mas, por que fui na infância? É sempre bom ir na infância... Eu acho que nos estudos de relações raciais, existe uma linha aqui no Brasil, que mostra que a infância

é extremamente importante, e eu não tive uma infância tão protegida assim. Se é que é possível falar em infância negra protegida.

Eu acho que algumas gerações de crianças agora elas estão com outros instrumentos para usar a seu favor. Eu já tinha alguns, né? Porque a mamãe passou pelo movimento negro, ela me iniciou em algumas questões relacionadas à autoestima. A gente tinha um diálogo aberto sobre a questão racial, desde muito jovem em casa. Mas vejo, por exemplo, uma família que chama *Sanko Family*², que está no Instagram, duas meninas, e elas são extremamente preparadas pelos pais, didaticamente, pedagogicamente, historicamente, culturalmente, para enfrentar as questões raciais, porque elas aprendem sobre a própria história, né? Então elas são um exemplo do que pode ser feito com e para a comunidade negra independentemente de ficarmos esperando o Estado fazer. Essa família é pan-africanista e se organiza para enfrentar episódios de racismo de frente e de forma organizada. Eu acho isso tudo muito potente.

Então, voltando à graduação. Eu era uma criança ferida e consequentemente uma jovem ferida. Para eu entrar na universidade foi todo um processo de acreditar que aquele era um espaço que poderia ser meu. Então a mamãe estudou lá, minha mãe estudou na UFMG³, ela estudou na FAFICH⁴, ela fez Letras-Alemão, mas eu não acreditava que eu pudesse estar naquele ambiente, porque simbolicamente aquele não era um espaço construído para pessoas como eu. Mesmo com uma mãe graduada e orgulhosa de sê-lo, o racismo fez o papel dele e me desacreditou de que eu poderia adentrar aquele espaço. O racismo já tinha me expulsado da escola católica, já tinha me expulsado das escolas de qualidade pelas quais minha mãe poderia ter pagado para eu ter uma educação de qualidade. Estar na Universidade era mais uma vez estar entre a maioria branca, e isso me doía muito. Então o que a minha mãe fez, ela me levou na UFMG pra tomar um café pra pensar o espaço pra eu me imaginar ali dentro. Isso é um gesto bem concreto de pensar essa transformação interna. Eu me via naquele lugar, poderia ser daquele lugar. E aí, a partir disso, eu comecei

um trabalho na terapia e finalmente passei no vestibular. Nos primeiros anos eu ficava em silêncio entre minhas amigas, não dizia nada por medo de falar besteira. Nos primeiros anos da graduação eu era muito disciplinada, era meio nerd, sempre fui. Também nos primeiros anos da graduação eu quis aproveitar as festas, as festas. E quando eu lia os textos que me eram dados, (ficava) procurando a África de forma muito inconsciente, muito... Não sei se é inconsciente a palavra, mas muito... Sem muita certeza do que eu estava procurando, aquilo me afetava de um jeito muito pesado. As aulas sobre questão racial eram muito pesadas, não eram dadas de forma, odeio essa palavra, a dar um empoderamento, para as pessoas negras que estavam participando daquele momento e eram feitas por pessoas brancas, né? Então, pra mim, era como se eu ficasse paralisada diante de toda aquela escrita, ficasse bloqueada e tivesse uma relação limitada com aqueles textos. Há também o fato de eu fazer leituras dos autores buscando refletir sobre a questão racial. Quando eu externava esse exercício criativo, eu era duramente reprimida.

Hoje eu vejo, por exemplo, a Unilab⁵ que é uma universidade popular, de composição docente e discente muito negra, (apesar de que tem muitas pessoas brancas tanto como docentes, como discentes) eu não diria que somos a maioria como docentes, mas talvez somos do corpo docente mais negro do Brasil. Eu vejo que os alunos falam abertamente, outra geração também teve outras experiências, acesso a outras coisas. A internet já era uma coisa mais difundida, né? E os alunos falam abertamente sobre suas questões. Questões raciais são ouvidas, escutadas por alguns professores, por outros nem tanto, mas existe a questão racial. Existe racismo mesmo na Unilab, mas o que eu acho importante é estabelecer espaços seguros para que haja diálogo, para que haja escuta e para que a gente se leia. Leia as variadas formas de pensamentos negros, seja o afropequismo, seja feminismo negro, seja o pan-africanismo, seja o marxismo negro, para que gente faça escolhas teóricas dentro das possibilidades do amplo, plural e diverso pensamento negro. Eu ainda tenho muito afeto assim pela UFMG, porque foi um momento muito enriquecedor, difícil, mas foi muito enriquecedor. E eu considero que o momento que eu estive no diálogo com o projeto de ações afirmativas da Faculdade de Educação foi um momento muito rico e de muito crescimento também. Embora... assim, cada um tem a juventude que tem, né? E quando a gente é jovem, a gente tem pressa, a gente é impaciente, o pezinho não está exatamente fincado no chão, pelo menos no meu caso, então é isso. Eu acho que eu vivi o que eu tinha que ter vivido pra construir essa Denise que hoje tá aqui né? Pois é, complementando a primeira pergunta sobre criar novos mundos, fabricar novos mundos, para mim seria importante que a gente lesse autorias negras na graduação. E que tivéssemos professoras negras em maior quantidade. Eu acho que hoje, no Brasil, a gente está vivendo um momento que as pessoas estão se letrando para além das universidades. Mas, eu acho que é importante pensar numa espécie de revisitação dessa literatura que nos atinge e nos

fere tanto e da construção de narrativas que nos contemplem.

Rafaela Rodrigues de Paula: A escritora, poetisa e ativista feminista estadunidense Alice Walker, nos relata, em artigo publicado originalmente em 1975, um pouco do que foi a grande experiência de “encontro com Zora”, ao estar em Eatonville em buscas de descobertas sobre os últimos anos de vida de Zora. Mesmo Alice Walker já demonstrar o conhecimento da obra de Zora anterior a esta sua viagem em Eatonville, as descrições das conversas com pessoas que cercaram Zora, descrições detalhadas das “grossas e saudáveis, ervas daninhas” do cemitério que Zora estava enterrada até o pé dela afundar em buraco que tinha tudo pra ser a sepultura de Zora. Este parece ter realmente sido o grande encontro dela com Zora. E para senhora, quando foi seu grande encontro e descoberta com Zora Neale Hurston e produção dela?

Denise da Costa: Acho que o encontro a gente nunca sabe exatamente como e quando, quando a gente entrou em contato com aquela literatura e o quê aquela literatura despertou em você, né? Mas, o meu encontro grande com Zora e o meu grande vício, o meu grande arrebatamento se deu com o texto dela, Como eu me sinto como uma pessoa de cor (2021). Esse texto eu leio sempre, eu acho que ele tem tanta coisa pra dizer, mas tanta coisa pra dizer, tanta! Eu tenho me debruçado nele, e tenho lido sobre ele, tenho escrito sobre ele, ainda não publiquei, mas ele tem muita coisa a dizer. E uma delas é essa, (ela) olha o fato da questão racial ser uma questão externa ao sujeito, ou seja, “você que estão me chamando negra, vocês que querem que eu seja negra, porque eu sou muito mais que isso”. Eu danço jazz, eu me embriago com a música negra, eu sou uma potência ancestral, divina, e tem um pouco de místico naquele texto, tem um pouco de não sei se a palavra é místico, mas talvez tem um pouco de espiritual naquele texto, espiritual, certamente. Então, assim, essa existência negra no mundo, que é muito maior do que o confinamento que nos colocam de sermos subalternizados, sermos seres que não vamos alcançar certos espaços institucionais, políticos, enfim. E ela fala: “olha, a minha autoestima é inegociável, a minha beleza é inegociável. Eu sei o lugar de onde vim, para onde eu vou”. Isso é muito potente. Eu acho que tem tudo a ver com todo o trabalho de Zora e toda a postura política dela, né? Que é de uma autodeterminação que nada abala, né?

Quer dizer, nada abala o fato de colocá-la como negra, talvez abale um pouco. Mas ela tem um centramento em si, na sua potência, na sua capacidade de estar no mundo, que tem a ver com uma ligação ancestral com a música, com a expressividade artística, com a literatura, com o lugar de onde ela vem. Então esse texto, eu acho ele muito potente. Eu, sempre que posso, leio ele em inglês e em português, a tradução feita pelo FIRE⁶, e é muito, muito impressionante como que esse texto diz tantas coisas, um texto curto. Enfim, um texto muito potente. Meu encontro com Zora se deu e se dá e continua sendo um encontro com esse texto.

versidade Federal de Minas Gerais (PPGAn-UFMG), mestre em Antropologia Social pelo mesmo programa, graduada em Ciências Sociais (Licenciatura) na mesma universidade. Possui interesse nas áreas de Gênero e Raça desenvolvendo pesquisa com esses marcadores nas trajetórias de trabalhadoras domésticas negras.

Contato
depaularafaela@gmail.com

Steffane Pereira Santos

Mestranda em Antropologia Social (PPGAn-UFMG). Bacharelada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Membro do Grupo de Pesquisa Gênero e Sexualidades (GESEX/UFMG). Constrói o Coletivo Retomadas Epistemológicas, coletivo anti epistemicídio que se articula objetivando a retomada de saberes contra hegemonias. Pesquisadora associada a Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN). Possui interesse em estudos de gênero, raça, feminismo negro, hip-hop, interseccionalidade, produção epistêmica e patrimônio cultural.

Contato
steffanespereira@gmail.com

1 A transcrição desta entrevista preserva intencionalmente a oralidade da entrevistada, mantendo assim as divagações, du-

plicações e reticências que são características da fala espontânea. Essa escolha visa refletir com maior fidelidade o ritmo e a estrutura do discurso oral.

2 Perfil da rede social instagram @sankofamily. Disponível em: <<https://www.instagram.com/sankofamily/>>. Acesso em 10 jul. 2024.

3 Universidade Federal de Minas Gerais.

4 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

5 Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

6 Edição especial da Revista Ayê que publicou o texto em 2021. Ver: Disponível em: <<https://revistas.unilab.edu.br/index.php/Antropologia/article/view/669>>. Acesso em 10 jul. 2024.

7 Archibald Monwabisi Mafeje (1937-2007), antropólogo e ativista sul-africano, graduou e fez mestrado “No consagrado departamento que abrigou nomes como Radcliffe-Brown e Max Gluckman, entre outros, Archie Mafeje foi um dos raros estudantes negros a se formar durante o regime do apartheid” (Borges; Costa; Couto; Cirne; Lima; Viana; Paterniani, 2015, p.348). Algumas das produções do Mafeje sobre antropologia e alteridade: MAFEJE, Archie. A commentary on anthropology and Africa. Codesria Bulletin, n. 3-4,

Luana Rodrigues Nascimento: Professora Denise, visto que a senhora é uma intelectual a qual se dedica a pensar contextos africanos a partir dos tensionamentos da Antropologia e tendo no horizonte a historicidade de narrativas acerca das conexões das diásporas para além do continente, quais caminhos acredita que possamos seguir para construirmos discursos acerca das partilhas diaspóricas sem recair num ideário de uma africanidade única e idealizada? Neste sentido, pensa que o trabalho de Zora Neale Hurston com as comunidades negras no sul dos Estados Unidos nos oferece possibilidades de reflexão?

Denise da Costa: É sobre estudos africanos e história única. Estou muito com o Archie Mafeje⁷, que é esse escritor sul-africano que tem um texto onde ele fala sobre alteridade na Antropologia, né? Que o grande problema da Antropologia foi justamente ter criado um grande “fosso” da alteridade. Então, todas as pessoas não brancas, isso acontece muito aqui, no caso indígena também, mas as pessoas, basicamente, a Antropologia... A Teoria Antropológica sobre África criou um grande... uma grande separação entre nós e eles, é assim que Latour⁸ fala, né? Mas, pensando no Archie Mafeje, é uma grande construção de alteridade radical. Na verdade, se a gente parte da ideia de que alteridade é o grande problema da Antropologia, ou seja, criar um outro que é muito diverso de mim, a gente cria um fosso até de uma possibilidade de estabelecer relações que não sejam de Sujeito-Objeto. Então, assim, quando eu escrevo a minha dissertação⁹, eu acho que ainda estava lá uma ideia, né? Escrevo elas, escrevo na terceira pessoa, tem um distanciamento e tal. E quando eu vou fazer o meu doutorado, a Antonádia¹⁰ me chama justamente para isso, ela falou assim: “elas, é tão elas assim? Ou essa questão também te afeta? E te afeta, de que forma? Afeta a elas de que forma? Quais são as diferenças, quais são as aproximações?” Então, assim, se a gente começar a enxergar, na verdade, as pessoas do continente africano, como pessoas, que têm muitas diferenças, óbvio, têm muitas coisas, têm coisas que são intransponíveis. Eu fico muito instigada, por exemplo, em um dia me debruçar acerca dos relacionamentos intercontinentais. Tem uma professora na Unilab, a professora Daniele Ellery¹¹ que ela pesquisa justamente esse caso de amor transatlântico entre pessoas guineenses e mulheres brasileiras, sobretudo homens guineenses e mulheres brasileiras, e você tem um fato de que a poligamia é altamente difundida, senão de forma explícita e legalizada, nos países africanos de um modo geral assim, a partir de várias leituras e várias diferenciações não só étnicas, mas regionais e familiares, né? E isso cria uma série de conflitos quando você pensa em relacionamentos entre pessoas de outros continentes, porque os valores são distintos, a forma de pensar o amor é distinta, a forma de considerar o amor, do que é o amor, o que é o casamento, o que é uma relação, quais são as obrigações, até onde vai. Tudo isso é muito distinto, de fato. E tem até um trabalho de algumas intelectuais e pessoas brasileiras, afro-brasileiras, afro-norte americanas, afro-latino americanas, de resgate dessa “tradição”. Então, por exemplo, existem casos de mulheres brasileiras que estão

casando no regime de poligamia, num gesto de resgatar certas formas de tradição africana.

Mas, por exemplo, quando mulheres feministas negras, que aí o feminismo também parte de um outro pressuposto que é muito diferente, por exemplo, do pan-africanismo, que essa coisa de “existe uma África em nós e nós podemos voltar a resgatar valores que nos foram retirados”. O feminismo já parte de um pressuposto de enegrecer o próprio feminismo, de ver um desenvolvimento democrático, que tem que ter participação das mulheres e, no caso, feminismo negro, das mulheres negras. Então, o ponto de partida do feminismo negro ele é um pouco ancorado numa linha mais ocidentalizada mesmo. Não tem como negar isso, né? E aí, quando uma feminista negra se encontra com uma pessoa pan-africanista, por exemplo, dá uma série de ruídos, porque os pan-fricanismo às vezes é favorável à poligamia. A feminista negra já é uma coisa da autonomia da mulher. Enfim, eu acho que tem uma série de coisas que eu fico observando que são muito interessantes. Ao mesmo tempo, o homem africano é totalmente idealizado por muitas mulheres porque seria a expressão de uma raiz masculina, uma pessoa de raiz masculina, o mais “autêntico” homem negro. Enfim, acho que tem várias coisas para pensar, tô pensando alto aqui.

Ou seja, não estou falando que as diferenças culturais, elas não existam. Elas existem, mas o problema é quando você põe um fosso do tipo: é incompatível a possibilidade de diálogo entre esses grupos e aí tem várias coisas. Eu acho que estou falando isso da alteridade, retomando, porque o importante é que a gente se relacione com a África partindo do pressuposto de que aquelas são pessoas como nós. E que há diferença, sim, mas que não há uma diferença intransponível, que há diálogos. Enfim, alteridade é o que colocou a África no lugar, num registro muito distinto. Eu acho que o pan-africanismo resgata isso de uma forma interessante, com as suas limitações, mas traz questões interessantes. De pensar que existem analogias e que existem semelhanças, que existem trocas mútuas e que existem sobretudo heranças, heranças que as populações de diásporas herdaram da África, né? Então é possível pensar que há mais herança do que de fato um desenraizamento.

Assim, sou uma pessoa que “bebe na fonte” do pan-africanismo, “bebe na fonte” do afropessimismo, “bebe na fonte” do feminismo negro, de cada um desses, e faço uma síntese totalmente minha, se é que isso é possível porque são linhas teóricas que são muitas vezes incompatíveis. Então é isso, acho que é importante a gente se relacionar com a África, como pessoas sem expectativa, sem grandes explicações sobre os fenômenos que a gente observa, com escuta, a partir da observação da singularidade, né? A partir de muita leitura, a partir de muita troca, mas, principalmente, a partir de uma relação. Como se faz uma amizade, como se faz um vínculo, como se faz uma relação!

Rafaela Rodrigues de Paula: Professora Denise, com a visibilidade e um esforço cada vez maior de recuperação das produções e contribuições de

intelectuais negros/as antropólogos/as, um trabalho que inclusive parte muitas vezes de outros corpos negros. A título de exemplo, a produção de curso extensão "Vozes negras na Antropologia" que você coordenou, juntamente com professor Messias Basques na edição de 2021, tem aparecido cada vez mais nos debates acadêmicos as falas da existência de uma Antropologia Negra, o que a senhora compreende das possibilidades que podem ser essa Antropologia Negra, e quais as potencialidades dessa adjetivação à Antropologia?

Denise da Costa: Bom, eu vou responder isso obviamente de novo, não sozinha. Mas, a gente pode pensar, por exemplo, o termo que ficou popular tanto na academia quanto fora dela, que foi uma veiculação feita pela Djamila Ribeiro, do "Lugar de Fala (2019)". Ou seja, nossos conhecimentos possuem uma posicionalidade que está ancorada em nossa experiência. Mas, é bom resgatar um pouco esse conceito e pensar que há várias formulações para dizer coisas análogas, para a mesma ideia, mas que são distintas. Então, na verdade, o que acontece na década de 70, nos Estados Unidos, durante a Guerra do Cântone, as antropólogas negras e não só, mas também indígenas, começam a reivindicar para si o fato de que todo conhecimento produzido é necessariamente, e eu vou usar um conceito que depois vai ser refinado pela Donna Haraway, "situado". Ou seja, você está falando o que você está falando, porque você é uma pessoa branca, não há neutralidade naquilo que se produz, tudo que se produz é localizado a partir da sua própria experiência de vida. Então, assim foram várias feministas negras, vários autores negros, de modo geral nos Estados Unidos, que começam a afirmar que a produção intelectual, ela não é vazia de sentido e nem de localização política, racial, etária, de gênero, etc, etc.

Mais tarde, em 1986, você tem a Donna Haraway, que vai falar do "saber situado". Donna Haraway¹² fala nesse texto que o saber situado necessariamente foi alimentado por intelectuais negras e negros, aliás por não brancos, né? Então, depois você tem uma discussão dos estudos subalternos na Índia, o próprio Grosfoguel, que fala da ergonomia, do conhecimento¹³, que fala sobre o padrão eurocentrado da produção de conhecimentos norte-americana e europeia. E você tem, também, vários autores, apontando essa coisa do eurocentrismo e de que existe um saber localizado, né? Então depende de várias opções que você faz, são intelectuais, teóricas e políticas.

Então, tudo isso para dizer que quando você fala qual é o lugar dessa Antropologia negra, nos Estados Unidos tem o *Black Anthropology*, é uma antropologia adjetivada, porque ela é uma Antropologia que produz a partir de um lugar. E eu acho que esse lugar é um lugar. Eu tenho pensado muito sobre isso. Aliás, eu estou com uma pergunta que ainda não tenho resposta para ela, que é: Tá, quais foram as contribuições da *Black Anthropology* para os Estados Unidos? Para além de uma denúncia, eurocentrismo, para além de uma denúncia ao racismo, para além de uma ideia de que o saber é localizado e além de uma

proposta de um revisionismo. Quais são as contribuições que a gente dá? E eu mesma começo a responder dizendo que a gente traz nossos olhares também. A gente traz perspectivas que estavam invisibilizadas antes, que não eram vistos. A minha própria pesquisa do cabelo, ninguém tava falando de cabelo na academia brasileira sobre Moçambique, não se falava disso. No entanto, eu fui para campo e por causa do meu cabelo, eu fiz relação. Por causa do meu cabelo aconteceram coisas boas e ruins, por causa dos meus cabelos eu conheci pessoas. Aconteceram coisas, produções, relações foram produzidas, uma tese foi desenvolvida. Enfim essa corporalidade, essa presença é incorporada ou encarnada, ela necessariamente vai mudar o tipo de produção antropológica feita.

Um homem branco, em geral, ele circula por todo mundo, com raras exceções. O "passaporte europeu", se você pensa o europeu, homem mais branco que branco, né? Ele circula, ele tem um "passaporte" que circula fácil, fácil assim, com mais facilidade por várias regiões do mundo, e o corpo branco (odeio! eu não gosto muito de usar essa ideia foucaultiana "os corpos, os corpos") mas, enfim, a pessoa branca, ela vai circular, por espaços que as pessoas negras não vão circular com a mesma facilidade. E no caso africano, ainda tem as clivagens quando a gente, por exemplo, é *colored*, quando a gente é mestiça, os lugares que a gente vai ser aceito, lugares que a gente não vai ser. Então, os acessos ao mundo, por exemplo, aqui entre os meus estudantes negros africanos tem uma relação de uma confiança muito maior do que com os professores brancos. Assim, tem uma outra entrada, uma outra circulação, uma outra relação. Há sempre uma desconfiança com as pessoas brancas.

Então é isso, acho que a gente produz uma Antropologia situada, para usar o termo de Donna Haraway, e a gente traz mais elementos para etnografia. A gente traz mais perspectivas. A gente traz mais uma "cerejinha para o bolo". A gente traz outros olhares que são olhares informados pela nossa corporalidade, sobre a nossa presença, sobre nosso sotaque, sobre nosso lugar, também, como brasileiros, no caso de pesquisas na África, mas que também revisita certos preconceitos que foram sendo disseminados pela Antropologia e traz novos olhares.

Beatriz Natiele dos Reis Sabino: Gostaríamos que você falasse sobre as contribuições da Zora no que diz respeito a pensar as conexões possíveis entre a Antropologia e a Literatura. Principalmente, porque a disciplina se relaciona muito com a escrita e com a diversidade dos mundos existentes que se assemelham com a literatura. Essa maior aproximação entre as áreas começa a ser indicada por Geertz, mas é interessante pensar como Zora já se aproximava antes dele. Pensamos que Zora se aproxima da literatura, pois ela parece querer falar de muitas outras coisas que não cabe na caixinha da academia, que não é a mesma que Zora frequentou, mas que ainda tem resquícios de separações modernas das áreas. Com isso, ficamos nos perguntando quais caminhos podemos pensar para fazer esse diálogo

p. 88-94, 2008. *Africanity: a combative ontology*. Codesria Bulletin, n. 3-4, p. 106-110, 2008. *Africanity: commentary by way of conclusion*. Codesria Bulletin, n. 3-4, p. 111-113, 2008. *Anthropology in post-independence Africa: end of an era and the problem of self definition*. Nairobi: Heinrich Böll Foundation; Regional Office East and Horn of Africa, 2001. *Anthropology and independent Africans: suicide or end of an era?* African Sociological Review, v. 2, n. 1, p. 1-43, 1998. *The theory and ethnography of african social formations. The case of the interlacustrine kingdoms*. London: Codesria book Series. 1991. *Religion, class and ideology in South Africa*. In: WHISON, Michael G.; WEST, Martin. *Religion and social change in Southern Africa*, p. 164-184. Cape Town: David Philip, 1975. *The ideology of "Tribalism"*. The Journal of Modern African Studies, v. 9, n. 2, p. 253-261, 1971. *The role of the bard in a contemporary African community*. Journal of African Languages, v. 6, part 3, p.193-223, 1967.

8 Bruno Latour foi um antropólogo e filósofo da ciência francês.

9 CRUZ, Denise Ferreira da Costa. *SEGUINDO AS TRAMAS DA BELEZA EM MAPUTO*. 2012. 192 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

10 Professora

Denise refere-se a Antonádia Monteiro Borges, professora que a orientou durante o percurso do doutorado, que resultou na tese "Que leveza busca Vanda?: ensaio sobre cabelos no Brasil e em Moçambique". 206 f., il. Tese (Doutorado em Antropologia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2017..

11 Atua como Professora Adjunta no Bacharelado em Humanidades e no Curso de Licenciatura em Sociologia do Instituto de Humanidades (IH) da Universidade Federal da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB/CE). É coordenadora do NUDOC - Núcleo de Documentação Cultural Ladeísse Silveira (IH/Unilab), líder do grupo de pesquisa: "SENSORIA - Núcleo de Pesquisa em Imagem, Som e Texto" (CNPq/Unilab) e integrante do grupo de pesquisa "Filosofia, Linguagens Artísticas, Modernas e Contemporâneas" - FLAMCO (CNPq/Unilab).

12 Referência ao texto publicado no Brasil posteriormente: HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos Pagu, Campinas-SP, n. 5, p. 7-41, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 15 jul. 2024.

13 GROSFOGUEL, Ramón.

entre as áreas sem ter o risco de ter nossos trabalhos sendo alvo de críticas por não ser "tão antropológico"?

Denise da Costa: Sobre Antropologia e literatura ou como a Zora pode contribuir nessa escrita. Bem, eu vejo assim, os personagens escritos por Zora na literatura são personagens super complexos e que foram inclusive criticados pelos movimentos do *Harlem Renaissance* nos Estados Unidos, porque eles não eram aqueles estereótipos do que era construído naquele período. Então, ela construiu personagens super complexos, histórias super complexas, que foram lidas como apolíticas ou pouco políticas para o que estava sendo desenvolvido naquele momento. É assim que eu vejo a contribuição de Zora. Ela é uma autora da complexidade. Ela é uma autora das nuances. Ela é uma autora da não obviedade e da profundidade dos personagens. E aí eu acho que tanto a literatura dela quanto a Antropologia que ela fez são narrativas que não confinam os personagens, os interlocutores, em lugares estereotipados, tanto políticos quanto identitários. Bom, essa questão de aproximar a literatura da antropologia, fazer antropologia ou literatura, as fronteiras interdisciplinares, etc, etc. A primeira coisa que eu tenho a dizer é que, assim, os estudos africanos e os estudos afro-brasileiros, a literatura negra de modo geral, seja ela o marxismo negro, o pan-africanismo, o feminismo negro... o afrocentrismo, enfim, as várias vertentes do grande escopo que é o pensamento negro, é necessariamente interdisciplinar. E eu tenho algumas hipóteses para que isso aconteça. Uma delas é que a nossa intelectualidade é interdisciplinar. Então, por exemplo, você tem a Katherine Dunham¹⁴, sendo antropóloga e dançarina. Está pensando em antropologia, mas está dançando. Você tem a Zora, que é escritora e antropóloga e folclorista. A intelectualidade negra necessariamente passa por diálogos entre disciplinas distintas ou entre o uso interdisciplinar. Ela não é uma disciplina encerrada em si.

Eu acho bom lembrar a esse respeito que a antropologia, ela nasce interdisciplinar. Antes dela se fechar como essa disciplina que fala que tem um campo muito estabelecido e que não aceita as contribuições de outras áreas do conhecimento, a antropologia, ela nasce bebendo da fonte de outras disciplinas. Então, por exemplo, para pensar uma autoria negra, Anténor Firmin¹⁵, quando ele está fazendo o trabalho dele da igualdade das raças humanas, ele está em diálogo com a filosofia, ele está em diálogo com o direito, ele está em diálogo com a história. Então, ele não está fazendo uma antropologia "pura". Enfim, se você for pensar, indo para uma autoria branca, Levi-Strauss, as fontes que ele bebe, ele bebe na linguística, na lógica, na matemática, enfim, ele não se encerra completamente. Considero que uma das contribuições da Antropologia Negra é essa de romper novamente essas fronteiras (que quicá nunca foram rompidas realmente) e trazer diálogos possíveis para o interior dessa ciência que se quer "pura". Inclusive, essa ideia de pureza nos lembra um tropos racial já conhecido e do qual temos muitas reservas. Então, a gente tem que pensar que a intelectualidade negra ne-

cessariamente é uma intelectualidade que não se confina numa área de conhecimento. Você tem, por exemplo, contemporaneamente, a professora Maria Elvira¹⁶, que é cantora e antropóloga. Você tem a Jaqueline da Costa¹⁷, que é dançarina e antropóloga.

Eu mesma me coloco como escritora e antropóloga. E tantas outras, tantas outras professoras mais contemporâneas que estão fazendo interseções, estão fazendo diálogos entre elas. Então, tudo isso para dizer que você não tem um pensamento negro, seja qual for, na sua diversidade, encerrado numa disciplina. Agora em Harvard tem o ALARI¹⁸, que é o Centro de Estudos Afro-Latino-Americanos, ele é interdisciplinar. O pensamento negro é interdisciplinar. Se ele está fazendo antropologia, ele vai beber de outras fontes. Então, assim, eu tenho algumas formulações para isso. Primeiro, que a gente não cabe dentro de uma caixinha. Nosso pensamento extrapola disciplinas encerradas em si. Ele dialoga com outras disciplinas, ele é múltiplo, ele é...até vou usar uma palavra...ele é holístico. O pensamento negro é necessariamente holístico e, como vocês disseram na introdução da pergunta, ele não é moderno nesse sentido de separar e apartar as partes que o cabem. Ele é um pensamento muito plural. Outra coisa que acontece muito, pensando nas trajetórias aqui no Brasil da diáspora negra, é que, às vezes, a gente não encontra um lugar confortável para estar. Então, a trajetória de muitos intelectuais negros no Brasil é interdisciplinar. Isso acontece com muitos outros intelectuais negros que começam numa área, geralmente o racismo os expulsa para outro lugar e eles vão tendo que descobrir departamentos onde eles possam dialogar. Então, também tem esse fator de um racismo sistemático no interior das universidades brasileiras. Também esse é um motivo número dois para a interdisciplinaridade e para o perfil interdisciplinar de grande parte dos antropólogos. Mas, não é o único, porque... nos moldar pela experiência do racismo é totalmente limitador. Eu diria que é mais por uma capacidade também nossa de transitarmos pelas várias disciplinas e por termos habilidade para dialogar com várias disciplinas. Não temos que temer que a nossa antropologia seja menor, porque ela vai ser, no sentido de que a Antropologia hegemônica vai nos ver como um campo apartado, como um campo alijado. Eu acho que o afropessimismo nos ajuda a pensar muito bem nesse lugar em que nós estamos confinados e que não tem muito jeito de sairmos. Que é um lugar da subalternidade. Isso não vai mudar. Isso muito dificilmente vai mudar. Você teve aí pela primeira vez uma presidência de Harvard negra e na primeira falha, ela foi deposta do cargo, ela foi condenada, ela sofreu sanções. Então, mesmo com os projetos reformistas por dentro, a gente está causando algumas ranhuras no sistema, mas o sistema, cara, eu não acredito que o sistema vai virar. Não acredito. Eu acho que o nosso lugar de subalternidade está resguardado e muito dificilmente será reformado. Será revisto, será reformulado. A gente tem que entender que quando a gente fala - e aí eu caminho um pouco em diálogo para outra pergunta que vocês falam sobre antropologia adjetivada, antropologia negra -, é sabermos que a nossa antropologia ela vai

ter um lugar minoritário no campo dos estudos antropológicos, sabe? Muito dificilmente ela vai ser vista como uma antropologia que trouxe realmente contribuições. Então, tudo isso para dizer que a gente não precisa ter medo de ser uma antropologia menor, ou de ser uma antropologia negra, ou de sermos uma antropologia interdisciplinar. Eu acho que, como Zora Hurston nos ensina, a autoestima, naquele texto dela, "Como eu me sinto como uma pessoa de cor", a autoestima é fundamental. A gente sabe quem a gente é, a gente sabe de onde a gente veio. Se vocês não querem tratar com a gente, se você não quer sentar ao meu lado, é você que está perdendo, não sou eu, porque eu sei o meu valor. Então, eu gosto sempre de pensar nesse texto da Zora e da autoestima toda que ela tinha sobre os trabalhos dela para pensar isso assim. O nosso lugar de confinamento, de subordinação existe, mas a gente sabe o nosso valor, a gente sabe a riqueza que é o nosso trabalho. E a gente não tem que estar com todo mundo, a gente não tem que estar sendo aceito por todo mundo, sendo bem vistos por todo mundo, sendo valorizados por todo mundo. O importante é que a gente faça o nosso trabalho e o desenvolva da melhor forma.

14 "Katherine Dunham (1909–2006) foi uma antropóloga, coreógrafa, dançarina e ativista social afro-estadunidense. Aluna de Alfred Radcliffe-Brown (1881–1955), Bronisław Malinowski (1884–1942) e Robert Redfield (1897–1958) na Universidade de Chicago, entre os anos 1920 e 1930, investigou as relações entre cultura e dança em sociedades de diáspora africana, em especial a herança de afrodescendentes em manifestações religiosas e populares no Haiti e Jamaica" (Lourenço, 2023). Uma curiosidade sobre Dunham é que em uma turnê que a bailarina realizava no Brasil em 1950, na noite de 11 de julho de 1950, uma terça-feira, como relata o jornalista Ricardo Westin (2020) em sua estreia no Teatro Municipal de São Paulo, Dunham aproveitou o intervalo entre o primeiro e o segundo ato para fazer uma denúncia aos repórteres que cobriam o espetáculo. Revoltada, a artista relatou que, dias antes, o gerente do Esplanada, o luxuoso hotel vizinho do teatro, se recusara a hospedá-la ao descobrir que era uma "mulher de cor". E das muitas reações populares da época destacou-se a do o deputado federal Afonso Arinos (UDN-MG) que apresentou à Câmara dos Deputados um projeto de lei para transformar determinadas atitudes racistas em contravenção penal. Mais informações no link: <https://brasil.elepaiz.com/brasil/2020-07-21/brasil-criou-1-lei-antirracismo-apos-hotel-em-sp-negar-hospedagem-a-dancarina-negra-americana.html>. Acesso em: 18 de jul. 2024.

15 Anténor Firmin foi um antropólogo, jornalista e escritor haitiano. Dentre suas obras, obteve maior destaque, o livro *A Igualdade das Raças*, publicado em 1885 de forma a argumentar a insustentabilidade das defesas racistas de Arthur Gobineau em *A Desigualdade das Raças* (1853).

16 Refere-se a professora Maria Elvira Diaz Benitez, antropóloga docente no PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, e faz parte do grupo musical Blue Ananse.

17 Professora Adjunta da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab).

18 Afro-Latin American Research Institute. Ver: <<https://alari.fas.harvard.edu/>>. Acesso em 05 de ago. 2024.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, A. et al. Pós-Antropologia: as críticas de Archie Mafeje ao conceito de alteridade e sua proposta de uma ontologia combativa. **Revista Sociedade e Estado** – v. 30, n. 2, p. 347–369, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/se/a/4gWwBJ68LgstGnTFQgWtsvx/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 15 de jul. 2024.

CRUZ, Denise Ferreira da Costa. **Seguindo as tramas da beleza em Maputo**. 2012. 192 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia)– Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em:<http://www.realp.unb.br/jspui/bitstream/10482/11460/1/2012_DeniseFerreiraCostaCruz.pdf>. Acesso em 15 jul. 2024.

_____. **Que leveza busca Vanda?: ensaio sobre cabelos no Brasil e em Moçambique**. 2017. 206 f., il. Tese (Doutorado em Antropologia)–Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <<http://www.realp.unb.br/jspui/handle/10482/31699>>. Acesso em 15 de jul. 2024.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexis-mo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Sociedade e Estado**, [S. l.], v. 31, n. 1, p. 25–49, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6078>. Acesso em: 18 jul. 2024.

HURSTON, Zora. Como eu me sinto uma pessoa de cor. **Ayé: Revista de Antropologia FIRE!!!** Textos escolhidos de Zora Neale Hurston, 2021. Disponível em: <<https://revistas.unilab.edu.br/index.php/Antropologia/article/view/658/350>>. Acesso em 08 de jul. 2024.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 5, p. 7–41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 15 jul. 2024.

LOURENÇO, Vanessa Cândida. "Katherine Dunham". In: **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2023. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/autor/katherine-dunham>. Acesso em: 18 de jul. 2024.

RIBEIRO, Djamil. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexis-mo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Sociedade e Estado**, [S. l.], v. 31, n. 1, p. 25–49, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6078>. Acesso em: 18 jul. 2024.

Colagens: As Sobrinhas de Zora Hurston

A exposição de colagens “As Sobrinhas de Zora Hurston”, elaborado pelas estudantes do curso de Antropologia da UFMG Beatriz Natiele dos Reis Sabino e Fabiany Silva Ferreira dos Santos, tem objetivo de divulgar, valorizar e reconhecer a trajetória da antropóloga negra Zora Neale Hurston. Em vida, a pesquisadora não obteve 1% do reconhecimento que merecia; a metodologia, trabalhos e mentalidade revolucionária de Zora merece (e deve) ser lembrada. À vista disso, a exposição apresenta algumas colagens com fotos e obras da autora, referenciando e, em algumas, citando diretamente suas obras tão marcantes. O nome da exposição carrega um significado sensível e delicado, no texto “A procura de Zora Hurston”, autoria de Alice Walker, a escritora faz uma viagem a procura da antropóloga responsável por “Seus olhos viam Deus”, ao deparar-se com alguns moradores de Eatonville um pouco receosos e tímidos de compartilhar informações, Alice tem a brilhante ideia de afirmar ser uma sobrinha de Zora, que queria informações sobre a tia falecida. Sua obra é tão tocante, que mesmo que tenha se iniciado como uma mentira, somos gradualmente convencidos que Alice é mesmo sobrinha de Zora, quase como se o laço fosse construído diante de nossos olhos, linha por linha. Ao final, por meio das investigações e relato afetivo de Alice, qualquer mulher negra termina com lágrimas nos olhos e se dá conta que, entre as linhas, também era construído simultaneamente outro laço – o seu, com Zora. Após a retomada coletiva da sua obra, nos sentimos de alguma forma, nos sentimos, sobrinhas de Zora assim como Alice. Visando que outras mulheres negras não sejam tão injustiçadas quanto nossa querida antropóloga, a exposição também evidencia a cientista aeronáutica Annie Easley; a psicóloga Mamie Phipps Clark; a antropóloga e dançarina Katherine Dunham; a bailarina, antropóloga e coreógrafa Pearl Eileen Primus e a antropóloga brasileira Lélia Gonzalez.



Figura 1

“Alguém sempre estará no meu cotovelo, lembrando-me que sou a neta de escravos. Isso falha em registrar depressão comigo. A escravidão está sessenta anos no passado. A operação foi bem sucedida e o paciente está indo bem, obrigada.

Zina Male Hurston



Figura 2

“Estou num voo e não devo interromper o trecho para olhar para trás e lamentar. A escravidão é o preço que paguei pela civilização e as escolhas não estavam comigo. É uma experiência agressiva e valeu a pena tudo que paguei por meio dos meus ancestrais por isso. Ninguém na Terra nunca teve uma chance maior de glória.

O mundo para ser ganho e nada para ser perdido. É emocionante pensar – saber que por qualquer ação minha, devo receber o dobro de elogios ou o dobro de culpa. É muito emocionante manter o centro do palco nacional, com os espectadores não sabendo se riem ou lamentam ”

Zina Male Hurston



Figura 3



Figura 4



Figura 5



Figura 6



Figura 7

Pesquisadoras negras, de todas as áreas, foram excluídas, ignoradas e negligenciadas por tempo de mais. Até quando renegaremos os pódios e as coroas de louros àquelas que só receberam as de espinhos?

PEARL EILEEN PRIMUS
(1919 - 1994)

Foi uma bailarina, coreógrafa e antropóloga trinitense. Promoveu a dança africana como uma forma de arte digna de estudo e atuação, em reação contra o arquétipo ocidental sobre o selvagem africano.

LÉLIA GONZALEZ
(1935- 1994)

Filósofa, antropóloga, professora, escritora, ativista do movimento negro e feminista precursora, Lélia Gonzalez foi uma das mais importantes intelectuais brasileiras do século XX, com atuação decisiva na luta contra o racismo estrutural e na articulação das relações entre gênero e raça em nossa sociedade.



Figura 8

Pesquisadoras negras, de todas as áreas, foram excluídas, ignoradas e negligenciadas por tempo de mais. Até quando renegaremos os pódios e as coroas de louros àquelas que só receberam as de espinhos?

ANNIE EASLEY
(1933-2011)

Cientista aeronáutica que desenvolveu um software para o Centaur, um dos lançadores de foguete mais importantes da NASA. Além disso, Annie Easley também contribuiu em pesquisas para usinas elétricas e baterias eletrônicas, o que permitiu a criação de veículos híbridos.

MAMIE PHIPPS CLARK
(1917-1983)

Psicóloga social responsável pelo “teste da boneca”, Mamie e seu parceiro de pesquisa (seu marido) ofereceram a crianças uma boneca negra e uma branca. Depois, perguntaram a elas como se sentiam em relação a cada uma delas. Foi principalmente devido às suas descobertas — que as crianças preferiam brincar com a boneca branca em vez da boneca negra, demonstrando que a segregação realmente afetava negativamente a autoimagem das crianças negras — que as escolas foram finalmente dessegregadas nos Estados Unidos.

KATHERINE DUNHAM
(1909-2006)

Katherine Dunham foi uma bailarina, coreógrafa, autora, educadora, antropóloga e ativista social afro-americana. A antropóloga-bailarina Katherine Dunham foi pioneira ao pesquisar as danças afro-caribenhas e seus contextos socioculturais. A partir de um trabalho de campo seminal, iniciado em meados da década de 1930, Dunham estabeleceu um diálogo entre essas danças e o universo do balé tradicional, criando assim uma confluência dinâmica entre antropologia e dança. Como uma das poucas antropólogas afro-americanas do período, o método coreográfico de Dunham e as suas etnografias revelam uma intelectual-artista muito consciente.

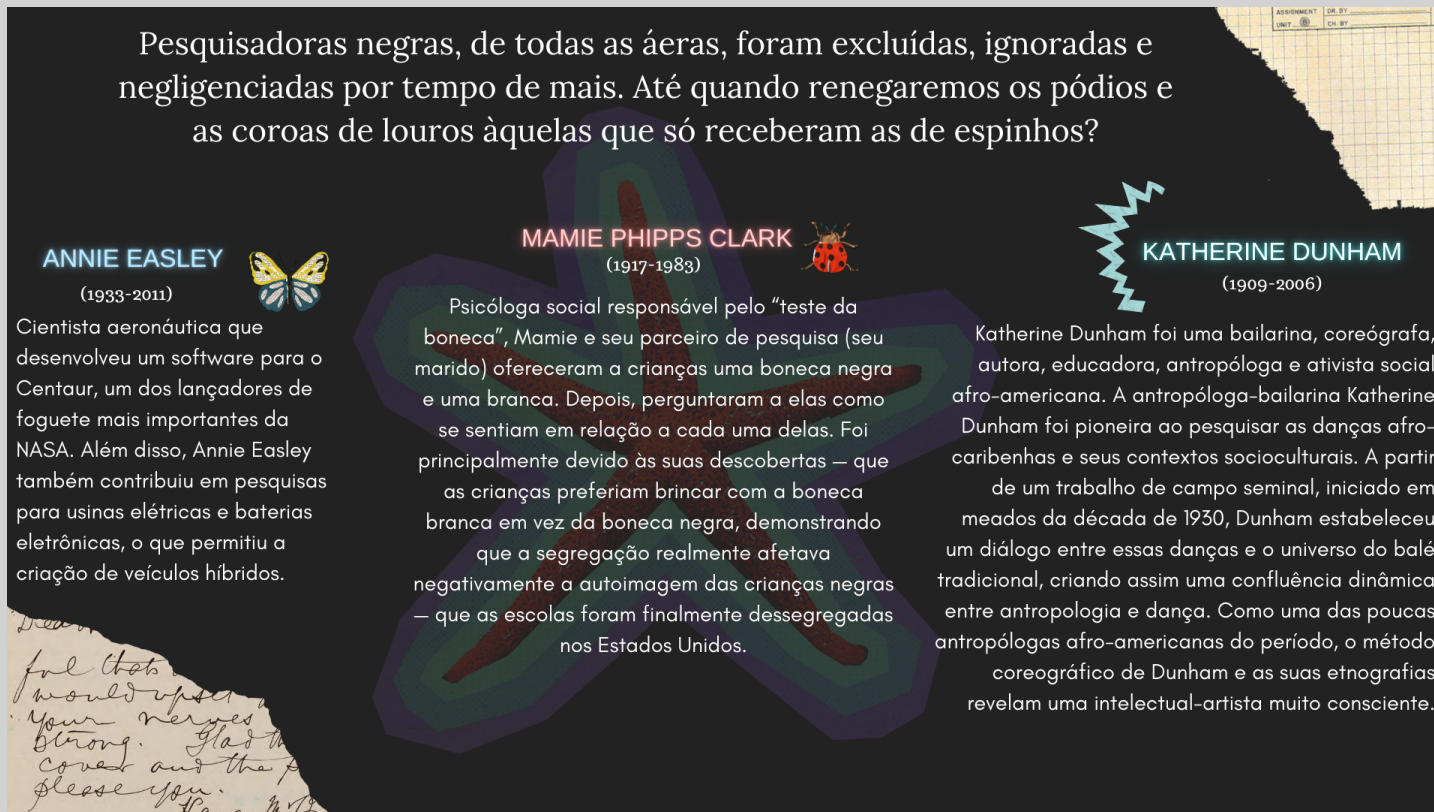


Figura 9



Figura 10



Figura 11

1941. "The Negro Dance." In *The Negro Caravan: Writings by American Negroes*, edited by Sterling Allen Brown, Arthur Paul Davis, and Ulysses Lee, 990–1000. New York: Dryden Press.
[Online](#)

1946. *Journey to Accompong*. New York: H. Holt. [PDF](#)

1947/1983. *Dances of Haiti*. Los Angeles: University of California, Los Angeles, 1983. [PDF](#)

1959. *A Touch of Innocence*. New York: Harcourt. [PDF](#)

1969/2012. *Island Possessed*. Chicago: University of Chicago Press.

2005. *Kaiso! Writings by and about Katherine Dunham*. Madison: University of Wisconsin Press

Figura 12

[POSFÁCIO]

As temporalidades negras em espiral podem ser percebidas nos textos que compõem este dossiê. Se nos Estados Unidos da década de 70 estávamos vivendo uma “Guerra do Cânone”, seu esboço já começa a se firmar muito antes, com Zora Hurston e tantas outras autoras negras. No Brasil, a década de 70 também foi marcada por muitas disputas de narrativas dentro da academia e sabemos que a presença negra se notabilizou por acentuar essas contribuições. Mas somente nos anos 2000 que o Brasil, esse país de presença negra marcante e marcada por grande contingente negro, é que vemos essa guerra chegar com mais ênfase. Quase de maneira irreduzível e, esperamos, perene.

Tudo isso se dá por aquilo que Cida Bento chama de “pacto narcísico da branquitude”, ou seja, o desejo de colonizar mentes e fazeres acadêmicos, o que impedia que nossas vozes chegassem com força na produção canônica. Os textos aqui reunidos vieram contribuir com essa “guerra” acirrada pela implementação das políticas de ações afirmativas. Seu caráter combativo é inevitável e espelha o esforço que temos de realizar para não sermos apenas objetos de narrativas exógenas, mas sujeitas em seu pleno significado. Se muito dificilmente nos tornaremos cânones, é necessário, contudo, fazer essa disputa. Não apenas lidas como uma esfera racializada da Antropologia, mas entender que a Antropologia se inaugura em torno do tema racial. Pois se Antenor Firmin faz desse conceito algo questionável e complexo, realizando o primeiro esboço da crítica ao conceito de raça, o mesmo volta a partir de novas configurações de formas cada vez mais difíceis de serem ignoradas. Costumo dizer que raça é o alicerce para pensarmos a conformação moderna de nossa sociedade. A partir do tráfico Atlântico é que se torna possível as relações capitalistas atuais, em que imperam as relações de poder e dominação que tanto conhecemos. Faz-se necessário, assim, que as Ciências Sociais sejam revistas. E, a partir dela, seja construída uma nova Ciência sem os vícios racistas e parciais do passado. A Antropologia Negra é adjetivada porque como nos ensinam as escritoras negras a Haraway: produzimos um saber localizado. Sendo esse caracterizado por descentrar o conhecimento e produzir novas formas de ver e pensar a Antropologia. Os textos aqui contidos trazem essa mensagem. É com eles que continuamos a narrar uma outra Antropologia.

Denise da Costa

Professora Adjunta no Instituto de Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, lecionando no Bacharelado de Humanidades e no Bacharelado de Antropologia dessa instituição. Leciona no Mestrado de Antropologia UFC/UNILAB. Doutora e mestra em Antropologia Social pela Universidade de Brasília. Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais. Pesquisa temas relacionados aos estudos africanos desde 2007 a partir de sua inserção no Laboratório de Etnologia e do filme etnográfico. Pautou o tema dos estudos africanos no departamento de Antropologia da UFMG tendo organizado junto à pesquisadora Denise Pimenta o seminário Do lado de lá do Atlântico: o campo da Antropologia em solo africano. Realizou pesquisa de campo e Maputo, capital de Moçambique em 2011, 2014 e 2017. Tem interesse em Antropologia Africana, Raça, Estética, concepções do belo em sociedades africanas e Cinema africano. É integrante da RÍPES. Membro efetivo da Associação Brasileira de Antropologia. Compõe o comitê de Antropologia africana da ABA. Coordenadora do Programa de Pós-graduação Antropologia da UFC-Unilab. Além disso, é escritora. Escreve ensaios, artigos acadêmicos, contos e livros didáticos. E-mail para contato: denisecruz@unilab.edu.br

Crédito às ilustrações

Marcelo Pimenta Galvão

Ilustra página 8

Multi-artista, tatuador e estudante de Artes Visuais na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Sua trajetória na arte teve início com a realização de cursos técnicos em desenho e modelagem, tendo cursado Computação Gráfica na FUMEC em 2017-2019. Em 2019 iniciou a criação de quadros e artes digitais, realizando projetos para capas de álbuns e marcas de roupa. Em 2021 ingressou na Tatuagem, na qual constrói trabalhos autorais e criativos (no Instagram: @mayelotattoo). Está aberto para colaborações e projetos em conjunto, buscando sempre aumentar o escopo de vertentes artísticas com as quais trabalha.

Contato: marceloosmandopg@gmail.com

Nominata

Agradecemos àqueles/as que atuaram como pareceristas da edição volume 18, número 2, edição temática intitulada: "As sobrinhas de Zora Hurston", por sua criteriosa dedicação e sempre gentil avaliação dos textos submetidos.

Jorge Luiz Zaluski – jorgezaluski@hotmail.com – Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Professor Adjunto do departamento de História e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Júlia Vargas Batista – juliavargasbjv@gmail.com – Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Nicole Faria Batista – nicfariab@gmail.com – Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Rafaela Rodrigues de Paula – rafaelarodriguesdepaula@hotmail.com – Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Rosana da Silva Pereira – silvarosanasociais@gmail.com – Mestra pelo Programa de Pós-Graduação Conhecimento e Inclusão Social em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutoranda em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB).

Steffane Pereira Santos – steffanespereira@gmail.com – Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Tulio Henrique Gomes da Silva – tuliohenrique19@gmail.com – Licenciado e bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Preservado em:



Cariniana
Rede Brasileira de Serviços de
Preservação Digital



"Eu não pertenço a nenhuma raça ou tempo, eu sou o eterno feminino com seu colar de contas."

Zora Neale Hurston

CACS

Centro Acadêmico
de Ciências Sociais

